



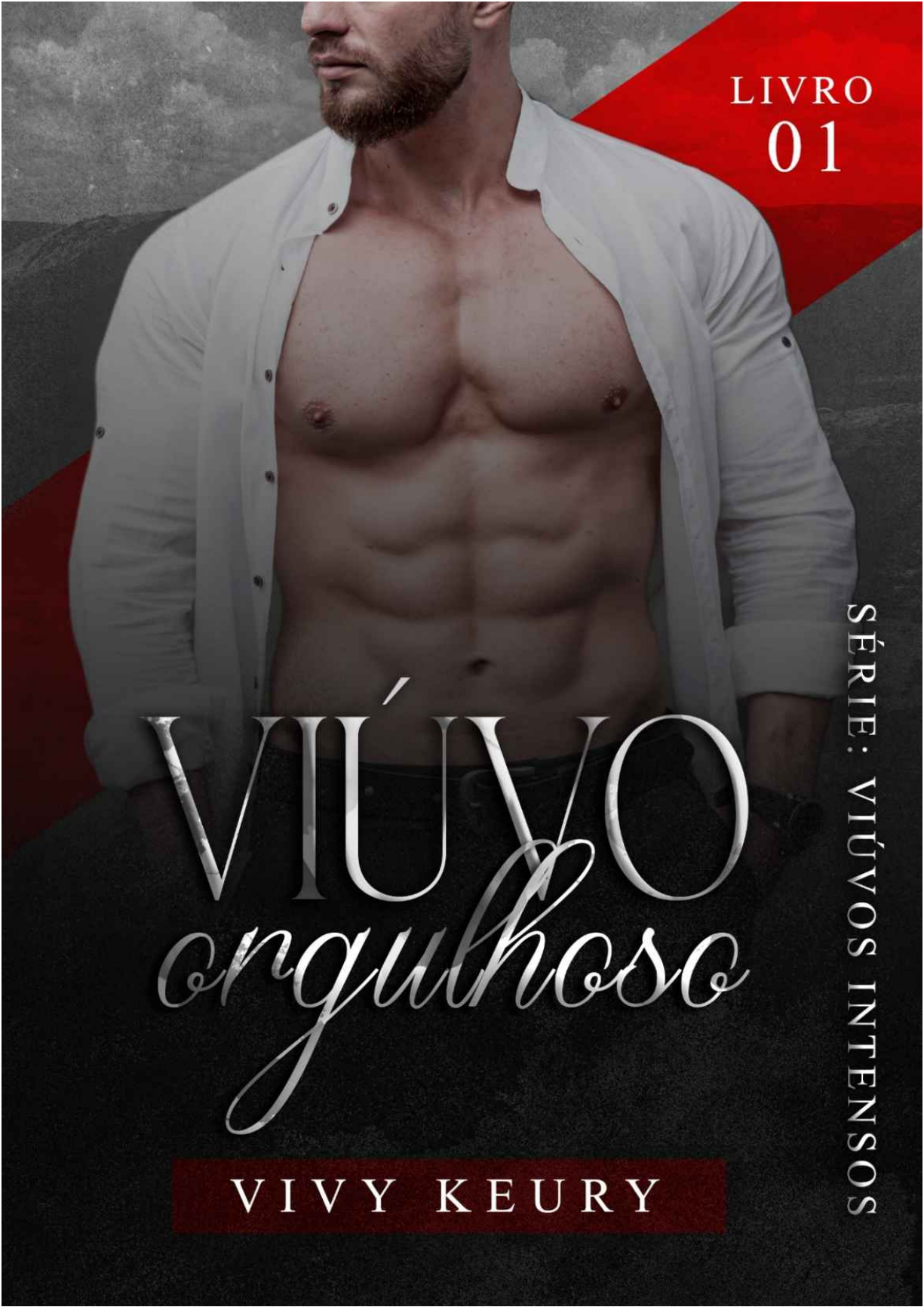
LIVRO
01

VIÚVO
orgulhoso

VIVY KEURY

SÉRIE: VIÚVOS INTENSOS





LIVRO
01

VIÚVO
orgulhoso

VIVY KEURY

SÉRIE: VIÚVOS INTENSOS

LIVRO
01

VIÚVO
orgulhoso

VIVY KEURY

SÉRIE: VIÚVOS INTENSOS

Copyright © **2022** de **VIVY KEURY**

Revisão: Mariana Rocha

Capa: Hórus Editorial

Betas: Claudiane Maria/Sara Ester/Marta Vianna

Diagramação Digital: Vivy Keury

1ª Edição

Essa é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas.

Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Essa obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa. Todos os direitos reservados. Este e-book ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do e-book. Criado no

Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº.
9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Primeira edição, 2022

<https://apptuts.bio/vivykeury>.

SUMÁRIO

[SUMÁRIO](#)

[DEDICATÓRIA](#)

[NOTA DA AUTORA](#)

[SINOPSE](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[EPÍLOGO](#)

[CONHEÇA OS OUTROS DA SÉRIE: VIÚVOS INTENSOS](#)

[Viúvo Arrogante - LIVRO 2 \(SÉRIE VIÚVOS INTENSOS\) –](#)

[AUTORA: MARTA VIANNA](#)

[Viúvo Atrevido - LIVRO 3 \(SÉRIE VIÚVOS INTENSOS\) –](#)

[AUTORA: SARA ESTER](#)

AGRADECIMENTOS:

OUTRAS OBRAS DA AUTORA:

REDES SOCIAIS:

DEDICATÓRIA

Dedico este livro a todos os meus leitores. Especialmente àqueles que sempre abraçam cada obra minha. Muito obrigada!

NOTA DA AUTORA

A história se passa na cidade de Lindonópolis, que é fictícia; totalmente fruto da imaginação da autora. Portanto, qualquer semelhança com a realidade é uma mera coincidência.

Essa história faz parte da SÉRIE: VIÚVOS INTENSOS, uma parceria com as amigas e autoras: Sara Ester e Marta Viana. Podem ser lidas fora de ordem, pois são independentes:

LIVRO 1: Viúvo Orgulhoso – Vivy Keury

LIVRO 2: Viúvo Arrogante – Marta Vianna

LIVRO 3: Viúvo Atrevido – Sara Ester



SINOPSE

CONTÉM PITADA HOT.

CÉSAR MAZZA é um grande fazendeiro da cidade e dono de uma das maiores terras da região. Aos 38 anos, ele continuava preso em seu próprio mundo sombrio por conta de perdas dolorosas. Desde então, tentava diariamente lidar com toda a extensão da sua dor, mas sem sucesso.

JULIE ALENCAR é uma jovem estudiosa e sonhadora. Aos 24 anos, é o orgulho dos seus pais e o seu objetivo é crescer cada

vez mais na vida, porém, sabe que isso só ocorrerá através de muito esforço.

Duas pessoas completamente diferentes e com objetivos distintos, no entanto, após um acidente, eles serão postos lado a lado. Uma coisa é certa: César e Julie terão uma forte missão, onde necessitarão aprender a lidar com suas diferenças até para terem uma convivência melhor. O que não contavam é que uma forte atração surgisse entre eles.



CAPÍTULO 1

CÉZAR MAZZA

O dia estava ensolarado e bem convidativo para o passeio que realizávamos naquele momento. Movi minha cabeça para o lado, deparando-me com ela, tendo uma de suas mãos na minha e seus dedos entrelaçados aos meus. Em seus lábios, havia o sorriso que tanto amava ver nela: amplo e que demonstrava sua imensa felicidade, bem como o brilho intenso existente em seus olhos.

Cessei os meus passos, nos colocando frente a frente e acariciei uma de suas bochechas com minha mão livre. Meu olhar

recaiu sobre seus lábios, que os umedeceram, tornando os meus batimentos cardíacos mais acelerados. Juntei os nossos corpos ao enlaçar a sua cintura e fechei meus olhos, ansioso para beijá-la, no entanto, uma forte brisa se fez presente ao nosso redor e abri minhas pálpebras, vendo-a ser levada para longe de mim lentamente.

— Eu te amo, querido — proferiu.

Seus olhos brilhantes se tornaram opacos, mas o sorriso permaneceu intacto.

— Suzana? Suzana, meu amor? Não me deixe! — gritei o mais rápido possível e, em completo desespero, corri em sua direção, tentando segurá-la, mas não obtive sucesso, pelo contrário, logo vi a sua imagem e todo o cenário ao nosso redor se desfazendo como fumaça.

Sem forças, caí dobrando os meus joelhos no chão e abaixei a cabeça, cobrindo meu rosto com ambas as mãos. Por conta do

choro excessivo, a minha face não demorou a ficar banhada em lágrimas.

— Por quê? Por quê?

Naquele mesmo instante, acordei exaltado, olhando de um lado ao outro, até me situar onde estava. Ao constatar que se tratava do meu quarto mesmo mediante o breu, a não ser pela pouca iluminação que irradiava através da cortina de um fino tecido que cobria a janela de vidro que tinha em uma das paredes, ajustei o meu corpo rente à cabeceira da cama. Respirei fundo, tentando a todo custo controlar a minha respiração devidamente alterada por conta do pesadelo do qual acabei de acordar. Ao passar a ponta dos meus dedos pela testa, senti o suor existente em minha pele, como se tivesse corrido por alguns quilômetros de distância.

Fechei meus olhos, exausto, por todos aqueles episódios de pesadelos que vinham sendo recorrentes há um pouco mais de um mês. Joguei minha cabeça para trás, apoiando-a contra a cabeceira e abri meus olhos, mirando o teto. Com o peitoral desnudo, cobri

meu peito esquerdo com uma de minhas mãos e o massageei, com o intuito de fazer com que aquele forte aperto se dissipasse, algo que não consegui.

— Porra! — grunhi entredentes.

Joguei o edredom que me cobria para o lado e conduzi minhas pernas para fora da cama. Sentei-me na beirada do móvel e sustentei minha cabeça em minhas mãos. Aspirei o ar profundamente, tentando raciocinar com clareza e não deixar que a tristeza me sucumbisse outra vez.

A verdade é que já não estava tendo sucesso com relação a isso. Definitivamente, a cada dia que se passava, toda aquela dor presente em meu coração parecia me afundar com ela. Há um ano vinha lutando contra aquela sensação ruim e, para ser bem sincero, não sei até quando continuarei sendo forte e suportando toda essa carga demasiada.

Suspirei pesadamente e as palavras do meu tio vieram à minha mente:

— *Tem que voltar com a terapia, C  zar. Estava te fazendo muito bem.*

Sacudi a cabeça, empurrando para longe o que dissera, porque não era o que eu desejava. Após alguns meses, logo que tive a maior dose de dilacera  o em meu cora  o, me recusei muitas vezes a ter algum acompanhamento psicológico, no entanto, quase seis meses depois, decidi seguir os conselhos do meu tio e de sua esposa. Segundo eles, era necessário ter a ajuda, fazendo alguma terapia para deixar aquele acontecido doloroso para tr  s.

Passei meses indo até a clínica e conversando com o terapeuta. De certo modo, foi bom, porque tinha espaço para me desabafar    vontade, entretanto, cheguei num momento onde joguei tudo para o alto, desistindo daquilo. Isso ocorreu meses atrás e tenho ciência de que todos esses pesadelos recorrentes sejam por conta da minha desistência.

Voltei a me entregar ao luto e não tinha vontade de simplesmente “esquecê-lo”. Não existia essa questão. Perder aqueles que se ama não é nada fácil.

Não mesmo.

Quem não está em nossa pele julga ser simples, entretanto, só quem vive a intensidade do luto por entes queridos tem ciência do quão doloroso e difícil é. Pensar em me desgarrar do passado, como todos ao meu redor desejam, é como ouvir que terei de arrancar parte do meu coração e o que sobrasse não fosse capaz de me manter vivo. Obviamente não me via preparado para isso.

Esfreguei o rosto por consecutivas vezes, espantando para longe todos aqueles pensamentos contraditórios, bem como as sensações ruins que me tomaram por dentro. Soltei um suspiro pesado e me coloquei de pé, decidido a tomar um banho frio de modo a tirar toda aquela tensão sobre o meu corpo. Sobre a mesinha de cabeceira, peguei o meu celular e, ao acionar seu display, vi que se aproximava das cinco horas da manhã.

Abandonei-o no mesmo lugar de antes e marchei em direção ao banheiro.

Concentrado em meu percurso, sequer me dei ao trabalho de atender quem estava me ligando, apenas rejeitei e a música que tocava anteriormente através do fone em meus ouvidos voltou a ser emitida. Suor escorria da minha testa e corpo por conta do tempo que me encontrava correndo pela estrada de chão. Depois do banho que tomei ainda pela madrugada, voltei para a cama numa tentativa para dormir, o que não aconteceu.

Frustrado, coloquei uma roupa adequada para uma boa corrida e saí do casarão da fazenda. Fazia um pouco mais de uma hora que estava me exercitando, algo que gostava quando me via perturbado por emoções ruins. Fui me aproximando da cancela que

ficava logo na entrada do casarão e diminuí meus passos, cessando-os em seguida, e tirei os fones do ouvido, pausando o som no celular.

— Me parece que o patrão não dormiu bem, não é mesmo? — Danilo, o gerente da fazenda, quem tinha como um grande amigo, questionou.

Ele estava sobre um dos cavalos de raça que eu fazia questão de ter nas minhas terras e, depois de jogar um pouco de água em meu rosto, retirando seu excesso com uma das mãos, o encarei, vendo-o sorrir enquanto aguardava minha resposta.

— Não devia estar mais preocupado com os seus afazeres? — repreendi em tom de brincadeira, e ele gargalhou alto, mas, ao perceber que não o acompanhei como o esperado, tornou-se sério.

Empurrei a grande cancela de madeira maciça e entrei.

— Pesadelos novamente? — quis saber e desceu do cavalo, alisando o animal. Ele me conhecia muito bem, como se fôssemos

irmãos, todavia, de mães diferentes.

Danilo e eu havíamos sido criados juntos. Tínhamos quatro anos de diferença de idade, e ele era filho da dona Iara, a governanta da fazenda. Desde que me entendo por gente, ela e seu esposo, Luís, trabalharam aqui.

Seu Luís era o gerente dessas terras, mais precisamente o braço-direito do meu pai, Afonso; infelizmente, ambos faleceram. Danilo perdeu seu pai há seis anos por conta de um enfarte fulminante e, então, ele ocupou o seu lugar, deixando de lado a faculdade de veterinária que realizava na época, coisa que afirma veementemente não se arrepender. Acredito que meu amigo realmente não tenha motivos para isso, já que está noivo da Ana, a veterinária da fazenda, e pretendem se casar ainda este ano, só não decidiram a data.

Inicialmente, quando começaram a se envolver, tiveram receio que eu soubesse, mas, em um ato de coragem, fui finalmente informado, confirmando os burburinhos que ouvi entre os demais

funcionários. Ao vê-los tão apaixonados quando resolvem sair andando pelas extensões dessas terras ou ao se juntarem para tratar de algum animal que precise de cuidados veterinários, automaticamente a minha mente rebobina momentos felizes que passei ao longo dos três anos que fiquei casado com a Suzana. Éramos muito felizes e tínhamos tanto para curtir um com o outro que sua perda ainda me parece um grande pesadelo e talvez o fato de ela não estar mais aqui tenha sido totalmente a minha culpa.

Fui tirado das minhas divagações pelo Danilo ao escutá-lo me chamando.

— Patrão? — Só então foquei a minha atenção em seu rosto, vendo-o balançando sua mão em minha frente.

Aproximei-me do cavalo e alisei sua crista, recordando-me da sua pergunta anterior.

— Sim — proferi, comprimindo meus lábios com certa amargura.

— Deveria voltar com as sessões de terapia, assim como seu tio Arthur vem te aconselhando — opinou, fitando-me.

— Não direi que a terapia não me ajudou durante os meses que fui até lá, mas não quero viver com base nisso. Tenho meus negócios para cuidar e... — Fui interrompido.

— O patrão sabe que não tem nada a ver com isso. — Optei pelo silêncio, pois ele tinha razão. — Já deveria ter entendido que o amor que nutriu pela dona Suzana durante os anos que estiveram juntos jamais será substituído por outra. A vida tem um percurso a ser seguido e o dela tristemente chegou ao fim. A sua continua e tenho total ciência de que, mesmo depois de um ano da sua falta, não deve estar sendo fácil, porém, precisa pensar com um pouco mais de clareza e tentar refazer sua vida — me aconselhou.

— Vocês vivem falando isso, contudo, não me entendem. Tenho culpa de ela não estar mais aqui, porque se...

— Não diga bobagens, meu amigo. Apesar de querer manter seu pé lá atrás, em vez de tentar seguir, ainda te acho um homem muito forte, emocionalmente falando. Sinal de que a amou verdadeiramente e já está mais que na hora de abrir essa mente para novas aventuras, não concorda? — Soou brincalhão, mesmo não tendo um clima para isso.

— Lá vem você de novo com essa conversa — desdenhei.

Danilo riu.

— Não vai à festa lá no ranchão? Todo mundo dessas redondezas estará lá. O patrão não pode faltar, já que é um dos ilustres fazendeiros da região — descontraíu.

— Não estou no clima para festas. A última que fui, tentando seguir o seu conselho de prosseguir com a minha vida, acabou piorando tudo. Então, não, muito obrigado. — O cavalo relinchou e dei um passo atrás, decidido a sair dali e ir para o casarão.

— Ah, não foi tão ruim assim. Tá certo de que ficou com a garota por tê-la achado parecida com a... — pausou, limpando a garganta —... o que, de certo modo, serviu para te distrair e poder sair do celibato — caçoou.

— Não enche, Danilo — refutei, e ele riu.

— Tudo bem. Deixe-me ir, porque tenho muito trabalho para fazer e a noite será longa, porque não perderei essa festança por nada. — Soltei um riso abafado por conta do seu comentário.

— Divirta-se por mim então — proferi.

— Pode deixar — respondeu, conduzindo o animal para o outro lado e saiu puxando-o em direção ao estábulo.

Movi-me até chegar à entrada do casarão e subi os degraus. Entrei e me deparei com o meu assistente, vindo em minha direção.

— Bom dia, senhor! — Theo me cumprimentou.

— Bom dia — devolvi seu cumprimento.

— Dona Iara me disse que saiu bem cedo, cheguei e te liguei, mas não atendeu — mencionou e tirei o celular do bolso, vendo que a ligação perdida se tratava do telefone fixo daqui de casa.

— Estava ocupado. O que precisa? — desconversei.

— O gado que adquiriu no último leilão estará liberado na próxima semana e o pessoal responsável ligou para confirmar que dia serão buscados — informou.

— Hum... tomarei um banho e daqui a pouco desço para falarmos sobre isso — comuniquei, passando por ele ao assentir.

Parei a caminhonete ao lado de outros carros estacionados a uma certa distância da entrada do ranchão e dedilhei o volante, sentindo-me confuso. Soltei um longo suspiro, pensando ser loucura estar ali. Na verdade, um lado meu queria isso, mas o outro não, e

era aí que minha mente dava várias voltas sem ter um norte certo a prosseguir.

Deixei minha indecisão de lado e abri a porta do veículo, colocando-me para fora ao pegar a sacola que continha o presente dentro. Depois de acionar o controle remoto, respirei fundo e olhei ao redor, vendo que mais carros chegavam ao local. Era noite de sexta-feira e por volta das dez horas da noite e ali estava eu, seguindo o conselho do Danilo, por mais que o tivesse recusado mais cedo.

O *Ranchão* era o nome de um bar com um amplo espaço, um pouco afastado do centro da cidade, onde o pessoal se reunia para curtir um boa noite de bebedeira e música sertaneja ao vivo, cantada por alguns músicos locais, para dançar agarrado ou apenas paquerar. Geralmente esses eventos aconteciam aos finais de semana, mas o Pedro, que era o dono do ponto e um amigo que fiz na época em que cursamos juntos administração e alguns cursos na parte de agronegócios para aprender a mexer com o campo, estava comemorando seu aniversário de quarenta anos.

Passei minha mão livre no queixo, sentindo minha barba rala e tratei de dar passadas até finalmente entrar no bar. Tudo estava muito bem ornamentado, tendo uma parte mais ao fundo, com uma mesa composta por doces e um bolo gigante. Pedro se encontrava próximo com sua esposa e seus dois filhos gêmeos.

Fui até eles e os cumprimentei, entregando-lhe o presente. Ele não fez cerimônias, abriu ali mesmo e agradeceu pelo relógio *Garmin*, expressando o quanto gostou. A seguir, andei até o balcão de bebidas e fiquei ali, tomando uma dose de bebida quente.

— Cuidado pra não exagerar na dose, meu amigo. — Ouvi Danilo falar sem expressar qualquer surpresa, pois esperava que eu realmente viesse. Deu uma batidinha de leve em um dos meus ombros.

Olhei para o lado e o encontrei com a Ana, sua noiva.

— Como vão? — os saudei e, após trocarmos algumas palavras, eles me deixaram a sós.

Continuei bebendo e não demorou até uma dupla se apresentar no palco. Começaram a tocar e entre um copo e outro, logo me vi um pouco alterado por conta do teor de álcool já presente em meu sangue. Meio zozzo, consegui chegar até o banheiro e, assim que terminei de usá-lo, parei diante da pia e joguei um pouco de água no rosto, tentando amenizar a tontura.

Saí dali ao me ver mais tranquilo e pisquei, mantendo o foco da minha atenção. Sem perceber, acabei esbarrando em alguém e senti que algo molhou a minha camisa branca.

— Oh! Desculpa-me, eu...

— Caramba! Não olha por onde anda? — expressei irritadamente, olhando a mancha roxa no tecido, que, ao cheirar, vi se tratar de vinho tinto.

— Não precisa ser grosso, eu pedi desculpa. Realmente não te vi, porque estava distraída — voltou a se desculpar.

— Não importa, afinal, já estragou a minha camisa —
retruquei.

— Mesmo sendo um arrogante, posso tentar tirar a mancha,
caso me deixe ajudá-lo — ofereceu.

No instante em que deu um passo à frente, dei outro para trás,
mantendo-a distante.

— Não preciso de ajuda — neguei com veemência.

— Tudo bem, seu “*bebum*” — quis me ofender, mas pouco me
importei.

Eu só queria sair dali e ir para a minha casa. Mesmo alterado,
marchei para longe, voltando ao balcão e pedi uma garrafa de água
mineral. Paguei e dei um tempo até me ver melhor e saí em
seguida.

Ao chegar no estacionamento, entrei em minha caminhonete e
parti do local. Já passava da meia-noite e pisquei os olhos meio

sonolentos e com as vistas embaçadas. Parei na beira da estrada e, depois de me recuperar, dei continuidade ao meu percurso.



CAPÍTULO 2

JULIE

Acordei bem cedo com o barulho do meu celular e resmunguei contra o travesseiro antes de me mover sobre o colchão e apalpar sobre a mesinha de cabeceira até alcançá-lo sobre o móvel. Ainda sonolenta, forcei meus olhos a abrirem e vi que se tratava de uma ligação da minha prima Luara, mas que a chamava carinhosamente de Lu. Crescemos como se fôssemos irmãs, já que ela era filha única

e eu, bem, tinha apenas meu irmão, o Uiliam, o que não é a mesma coisa, além de ele ser quatro anos mais velho que eu.

— Alô! — atendi com a voz arrastada pelo sono.

— Ju! Não acredito que ainda não se levantou — disse em tom de repreensão.

— Hoje é sexta e ajudarei meus pais na panificadora mais tarde. O que quer? Ligou tão cedo para me torrar a paciência? — inquiri, fingindo irritação ao afastar o telefone e ver que ainda daria sete horas.

Obriguei-me a me sentar, ajustando o corpo rente à cabeceira da cama. Ouvi sua risadinha na sequência.

— Você e o seu humor matinal. Não sei como ainda te suporto — insinuou, me arrancando um sorriso espontâneo.

— Porque me ama, simples assim — provoqueei.

Sua risadinha se transformou em uma gargalhada do outro lado da linha.

— Muito convencida, porém, é verdade — afirmou. — Enfim, hoje sairei mais cedo do trabalho — informou.

— Mais cedo? — Estranhei.

— Sim. Eu pedi ao senhor Arthur — respondeu.

— Ah! Bem que desconfiei — expus.

— O senhor Arthur é um bom patrão, sabe disso — mencionou, e sorri.

A Lu trabalhava como assistente há quase dois anos para o Arthur Mazza e sua esposa Raissa. Minha prima sempre teceu elogios a eles e meio que me simpatizei com os dois só pelo que ela me contava, já que, quando iniciou na fazenda deles, eu já estava morando na cidade vizinha por conta da faculdade. Senhor Arthur era dono de uma das maiores terras da região, perdendo apenas para o sobrinho, César Mazza, que, sendo filho único, acabou herdando a maior parte do patrimônio que seu irmão Afonso deixou.

Eles eram bem conhecidos na cidade, visto que geravam muitos empregos para homens e mulheres de várias famílias da localidade e redondezas, o que ajudava bastante, e o pessoal era muito grato por tê-los por perto. Enquanto estive fora, soube de quando o César ficou viúvo. Obviamente, toda a população se comoveu por sua grande perda, pois sua esposa faleceu devido a um acidente de carro, contudo, não deram muitos detalhes acerca disso.

Na época, foi algo que muitos estranharam. Talvez quisessem se resguardar de maus falatórios ou apenas deixar o assunto entre os familiares. A Lu deveria saber melhor sobre o que aconteceu de fato, todavia, não fiz questão de questioná-la a respeito, até por não ser da minha conta e estar longe daqui.

Sacudi a cabeça, empurrando meus pensamentos para longe, e continuei nossa conversa:

— Sorte a sua que sim. Já pensou se ele e a esposa fossem ruins? — supus, rindo.

— Deus me livre! — repreendeu, e ri mais um pouco.

— Aliás, por que pediu para ser liberada com antecedência?

— interroguei.

— Precisarei ir comprar uma roupa nova, porque a noite de hoje pede uma. — Balancei a cabeça em negativo.

— Você e sua mania de gastar — comentei.

— Sabe muito bem que não faço isso com frequência, a não ser que necessite — tentou se defender.

— Até parece! — exclamei, e escutei sua risada.

A conhecia muito bem e, se tinha uma coisa que minha prima não sabia fazer, era economizar. Por um lado, eu concordava termos que viver o hoje e aproveitá-lo ao máximo. Por outro, também pensava que, independentemente de não sabermos como seria o amanhã, devíamos nos preocupar em investir em algo que pudesse nos servir no futuro.

— Vai à festa no *Ranchão* hoje à noite, não é mesmo? —

Mirei um ponto qualquer no quarto e mordi o canto interno da boca.

— Acredito que não, Lu. Já havia prometido a minha mãe que ficaria na panificadora até mais tarde e...

Logo me interrompeu.

— Pode ir mudando esse discurso, porque já falei com a tia Matilde e ela disse que você estava precisando sair e se divertir, por isso seria uma boa ideia irmos nos distrair um pouco. — Bufeí diante daquela observação.

— Você é muito intrometida, sabia? — acusei e, em vez de ficar magoada, simplesmente sorriu em meio à ligação.

— Se isso quer dizer que me ama incondicionalmente, então, sim, eu sabia — confirmou, me desarmando completamente.

Cocei minha cabeça, sentindo-me confusa quanto a ir mesmo à festa ou não. Lembro-me que fomos uma vez antes de eu ingressar na faculdade e foi ótimo, porém, isso aconteceu quando

tinha meus dezoito anos e não me achava madura o suficiente ainda. Os anos se passaram e aqui estou; vinte e quatro anos, recém-formada em enfermagem e à procura do meu primeiro emprego na área, o que seria bem complicado nessa cidade.

Lindonópolis tem uma população bem pequena, quase todo mundo se conhece e sabe da vida de cada um, o que acho um verdadeiro saco! Não pode sair para conhecer ninguém que os fofoqueiros de plantão já saem espalhando para geral. Ainda bem que meus pais confiam em mim o suficiente para não caírem em qualquer conversa inventada.

Admito que os cinco anos que fiquei morando na cidade vizinha, que fica a cerca de uma hora e meia, senti saudades não só dos meus pais, mas também da vizinhança. Retornei há uma semana, depois da minha formatura. Foi tudo tão mágico e satisfatório que voltei para a casa dos meus pais com a sensação de dever cumprido.

Sensação essa que não demorou a se perder. Digamos que oportunidades para trabalhar na minha área por aqui eram quase nulas, a não ser que conseguisse uma indicação muito forte para ser contratada temporariamente no hospital daqui ou passar em um concurso. Eu teria que esperar abrir inscrição, algo que não me impedia de conseguir emprego em outra cidade enquanto ia estudando até abrir algum edital.

— Não sei se quero ir — murmurei, indecisa.

— Ah, por favor, Ju! Aproveitamos para comemorar sua recém-formatura, hum? Não aceito recusa — enfatizou.

— Isso é golpe baixo — acusei.

— Que seja! E aí? — Fez pouco caso.

Soltei um longo suspiro e, depois de ponderar por alguns segundos, imaginei que poderia ser bom.

— Tudo bem, Lu. Irei com você — finalmente concordei.

— Maravilha! Quando sair do trabalho, vou até em casa e te ligo, avisando o horário que passarei aí para te pegar e irmos até à loja — anunciou.

— Já que não tenho escolha... — Deixei a frase subentendida.

— Não mesmo. Desligarei agora, porque preciso ir para a fazenda. Até mais tarde — despediu-se e encerrei a ligação em seguida.

Segurando o aparelho em uma das minhas mãos, mordi meu lábio inferior, um pouco pensativa. De repente, ouvi batidas na porta e, ao permitir a entrada, constatei que se tratava da minha mãe, assim que a empurrou, entrou, sentando-se na beirada da cama ao meu lado. Pedi a sua benção e depois que me abençoou, me encarou com afinco, sorrindo suavemente.

— Ouvi estar falando no telefone com a sua prima — pontuou.

— Sim. Ela disse que falou com a senhora sobre a festa no *Ranchão* esta noite. — Não foi uma pergunta.

— Exatamente. Precisa sair mais e se divertir, minha filha. Sabe que já não precisa mais da minha permissão ou do seu pai, até por ter idade para isso e confiarmos em você. Acredito que, depois de cinco anos apenas se dedicando aos estudos, merece sair e espairecer a cabeça, quem sabe até conhecer algum rapaz interessante, não acha? — questionou e deu de ombros.

Soltei um riso abafado.

Em todos esses anos, tive apenas um namorado no Ensino Médio e perdi minha virgindade com ele. Namoramos por dois anos, idealizando um futuro que infelizmente não aconteceu. As coisas passaram a não funcionar mais entre nós e logo terminamos.

Na faculdade, eu ia a algumas confraternizações com as colegas da turma e não direi que não conheci, beijei ou transei com alguns rapazes por lá, porque seria uma completa mentira,

entretanto, não passou disso. Meu maior foco, desde que me entendo por gente, foi os meus estudos e continuo com o mesmo pensamento. Com a conclusão do meu curso, a única coisa que me interessava no momento era conseguir um trabalho, preferencialmente na minha área.

Abandonando minhas divagações, me concentrei na minha mãe.

— Sempre ouvi da senhora que deveria correr atrás dos meus sonhos e é o que estou fazendo. Não me vejo namorando por agora, quem sabe num futuro próximo — considere.

Dona Matilde alcançou minha mão livre e alisou seu dorso carinhosamente.

— Se não é o que deseja, está tudo bem. É jovem e tem que priorizar o que almeja. Estou muito feliz de tê-la em casa novamente.

— Abriu um amplo sorriso e a abracei, tendo o meu coração palpitante no peito.

— Eu também, mãe. — Emocionadas, permanecemos abraçadas por algum tempo e nos desvencilhamos em seguida. — O Cláudio mandou as fotos da formatura para escolher as que vão para o álbum. Dei uma olhada ontem e são tantas que não sei quais quererei. Ajuda-me mais tarde, por favor? — praticamente supliquei.

Minha mãe riu divertida e a acompanhei.

— Claro, minha filha! Será um prazer. Acredito que até eu, que não sou de ser indecisa, ficarei — estimou.

— Não duvido disso — proferi afirmativa e rimos.

— Perdemos metade da festa por conta do seu atraso, Ju — Luara reclamou enquanto eu dirigia pela estrada de chão, rumo ao *Ranchão*.

— Deixe de besteira — chamei sua atenção.

Olhei de soslaio ao escutá-la bufando alto e vi que cruzou os braços.

— Desculpa. Não foi a minha intenção me atrasar. Meus pais precisaram de ajuda na panificadora, então não pensei que demoraria mais do que o esperado — mais uma vez, tentei me desculpar.

Algun tempo se passou e cheguei ao bendito local. Saímos do carro e minha prima parou em minha frente.

— Tudo bem. Acredito que exagerei — reconheceu.

Sorri e nos abraçamos, selando a paz entre nós outra vez.

— Obrigada por entender. Agora vamos nos divertir um pouco — sugeri.

— Vamos! — Lu comemorou exultante e caminhamos para a entrada.

Enquanto seguíamos para dentro, notei o quanto estava movimentado. Uma dupla sertaneja já se apresentava no palco

próximo à pista de dança e decidi deixar minhas incertezas de lado e curtir ao lado da minha prima. Fomos até o bar e, depois de pedirmos uma bebida, marchamos até o salão, onde os rapazes se apresentavam, e começamos a dançar em meio aos demais.

Mediante as nossas danças, alguns homens tentaram nos separar, porém, dispensamos. Algumas horas depois, fomos ao bar novamente e pedimos uma garrafa de vinho tinto suave. Abrimos ali mesmo e, ao nos servir, brindamos por aquela noite maravilhosa.

Falei para a Lu que iria até ao banheiro e, por conta do teor de álcool existente em meu sistema, me esqueci completamente de deixar a taça sobre o balcão. Não retornei, apenas continuei o meu percurso até chegar no corredor que dava acesso aos banheiros e acabei me esbarrando em alguém, que só me dei conta ao encará-lo. Seus olhos azuis se encontraram com os meus e, apesar de lindos, demonstravam frieza.

Tentei me desculpar ao ver que o líquido em minha taça havia manchado a sua camisa que, infelizmente, era branca, mas foi

totalmente em vão. O homem que estava em minha frente me lembrava alguém, todavia, não parei para analisá-lo com mais precisão, só me recordava que o conhecia de algum lugar. Mesmo com seu modo arrogante de ser, ofereci-me para ajudar a tirar a marca roxa e dei um passo à frente, mas ele afastou-se rapidamente, recusando com extrema rudeza.

— Não preciso de ajuda. — Mirou os meus olhos expressando sua extrema irritação.

— Tudo bem, seu “*bebum*” — quis ofendê-lo, contudo, não se importou.

Passou por mim como se quisesse sair o mais ágil dali e murmurei um “idiota” bem baixinho. Entrei no banheiro feminino, abandonando a taça em cima do mármore da pia e cruzei o espaço, me fechando dentro de um dos compartimentos. Ao terminar de usar, saí, parando diante da pia e abri a saída de água, molhando minhas mãos.

Levei uma delas até a nuca com o propósito de que a umidade pudesse amenizar o calor que sentia por conta do quanto dancei. Limpei o meu rosto com o papel toalha, dando uma amenizada na desordem que minha maquiagem tinha se transformado e, assim que me vi satisfeita, deixei o cômodo ao recolher a taça e voltei para o bar.

No instante em que Luara me avistou, puxou-me para sentarmos em uma das mesas desocupadas e continuamos a beber e a curtir. Admito que, apesar do episódio infeliz que aconteceu a minutos atrás, não me sentia nem um pouco arrependida de ter vindo. Muito pelo contrário.

Foi apenas uma infelicidade do destino.



CAPÍTULO 3

CÉSAR MAZZA

— Não pode ficar aqui — Suzana mencionou baixo, soltando a minha mão e se levantou, afastando-se de mim.

— Meu lugar é onde você e...

Interrompeu-me.

— Não diga isso. Seu lugar é onde está. — Continuou andando para longe e me pus de pé, seguindo logo atrás.

— Suzana? — Apressei meus passos ao ver que cada vez mais tomava uma distância maior e tentei alcançá-la.

— Siga a sua vida — pediu e, quando pensei que cheguei até ela, sumiu completamente.

Gritei pelo seu nome e repentinamente abri meus olhos. Senti-me sonolento e os pisquei consecutivas vezes, até ouvir o barulho de um *bip, bip, bip*. Olhei ao redor, me sentindo desorientado e tentei me situar, o que foi em vão.

Tentei me mover e gemi ao me dar conta do quanto o meu corpo se encontrava dolorido, bem como uma dor latejante em minha perna direita. Fiquei quieto e mirei o teto branco; não fazia ideia de que dia ou horas eram. Confuso, umedeci meus lábios desidratados e engoli a saliva com dificuldade.

Sustentei a minha cabeça e vi que ao lado da cama, próximo aos meus pés, Raissa, a esposa do meu tio, quem tinha como uma mãe, estava de cabeça baixa e suas mãos juntas rentes à face,

orando. Era muito religiosa e, apesar de acreditar que Deus existia, nunca fui um exemplo de ser humano de fé, totalmente o contrário dela e do Arthur. Depois de perder a Suzana, fiquei ainda mais cético quanto a acreditar em milagres, porque nenhum me foi concedido até hoje.

Perdi a minha mãe um ano depois de ingressar na faculdade. Dona Fabiana faleceu alguns meses após descobrirem ter um câncer abdominal, que infelizmente já havia se espalhado para outros órgãos da cavidade. Lembro que tranquei a faculdade para ficar ao seu lado, pedindo aos céus que não a levasse, e nada foi feito, e isso se repetiu quando meu pai e a minha esposa também partiram.

Meus pensamentos se dissiparam quando ouvi a voz da senhora Raissa.

— Ah! Graças a Deus você acordou, querido. — Foquei meus olhos em seu rosto quando se pôs de pé ao meu lado, mais próxima.

— O que aconteceu? — indaguei, curioso, pois não me lembrava o que ocorreu de fato.

Ao forçar a minha memória, uma dor aguda atingiu a minha cabeça e levei a mão sobre ela, deparando-me com um curativo.

— Não se lembra de nada? — quis ter certeza.

— No momento, não — afirmei. Logo uma imagem veio a minha mente. — Na verdade, recordo que saí do *Ranchão* e estava um pouco alterado por conta que bebi um pouco, mas tinha certeza de que conseguiria chegar em casa e não me importei de pegar a estrada, porque queria mesmo ir embora — expus.

— Sabe muito bem que bebida e direção não se misturam, César! — enfatizou, olhando-me com afinho.

Suspirei, sabendo que nada do que eu falasse serviria para a minha defesa. Alheia ao meu silêncio, ela voltou a se pronunciar.

— Bom, agora não adiantará em nada falar sobre isso, afinal, você já sofreu o acidente e, perante as piores hipóteses, ao menos

está aqui, vivo — externou com certo desapontamento.

Respirei fundo e desviei minha atenção para longe.

— Há quanto tempo estou aqui? — questionei, finalmente me dando conta de que me encontrava no hospital.

— Ficou desacordado por algum tempo — informou.

— A minha perna está... doendo — reclamei.

— Você passou por uma cirurgia. — Franzi meu cenho sem entender o que queria dizer.

— Cirurgia? — indaguei, começando a ficar assustado com o que poderia ter me acontecido e minha perna continuava latejando.

Tentei me erguer, entretanto, automaticamente meu corpo deu sinais do quanto se encontrava dolorido e ela tratou de me acalmar.

— Você teve uma fratura exposta na perna direita, por isso tiveram que te levar para a mesa de cirurgia. Colocaram algo no osso para ajudar na consolidação óssea. Não sei dar detalhes

direito, o médico te explicará. Ele disse que teve muita sorte, mas sei que foi Deus quem o livrou de algo pior — expressou.

Emudecido, parte do que sonhei antes de acordar resplandeceu em minha cabeça e me vi chateado. Não queria ficar em cima de uma cama para depender de alguém para cuidar de mim. Preferia não ter que necessitar da ajuda de ninguém, algo que sabia ser inevitável nesse momento.

Bufei contrariado. Já perdi praticamente todos que amava, por que não me foi dada a oportunidade de partir de uma vez desse mundo? Ao menos, dessa forma, voltaria a encontrar a Suza...

Nossa atenção foi voltada para a porta e meu tio adentrou o quarto com o senhor Benjamim.

— Então finalmente acordou, hum? — Chegou mais próximo e sorriu, olhando uma prancheta que tinha em mãos.

Olhei para o meu tio, que me direcionava um olhar inexpressivo, e eu sabia que aquilo significava o quanto estava

desgostoso pela minha imprudência. Acredito que se tivesse morrido teria os poupado disso.

— Como será agora, doutor? — a senhora Raissa perguntou.

Ele a respondeu brevemente e começou a me analisar, fazendo várias interrogações para ter certeza de que verdadeiramente encontrava-me bem. Entre uma inspeção e outra, ia anotando na prancheta que tinha em mãos. Mesmo estando sensível, com a ajuda dele, me sentei, ajustando minhas costas contra os travesseiros o qual posicionou para mim.

Feito isso, começou a me explicar como a cirurgia havia sido feita e quais os cuidados que deveria ter após a minha alta, que seria no dia seguinte. Enquanto o escutava, alguns *flashes* se fizeram presentes em minha cabeça e entendi o que de fato havia acontecido. Em um certo trecho da estrada, acabei cochilando no volante e quase bati em um caminhão, porém, joguei o carro para fora da estrada, que capotou várias vezes.

O caminhoneiro foi quem acionou uma ambulância até o local e acredito que foi pura sorte, pois, em algumas partes da localidade, me informaram que não pegava sinal de telefone. Fui levado para o hospital da cidade, que deixaram o tio e a Raissa cientes de que teriam de me operar por conta da fratura exposta na perna, ocasionada por ficar presa às ferragens do veículo.

Eles prontamente entraram em contato com o doutor Benjamim, o médico da família há muitos anos. Tudo foi preparado depois do meu tio dar o aval para a minha transferência para o hospital particular da cidade vizinha a Lindonópolis e fui operado às pressas. Além da fratura na perna, tive um corte na cabeça, que me acarretou alguns pontos e por conta disso havia o curativo.

Cessei minhas divagações e continuei escutando o médico.

— Precisaré ficar alguns meses em recuperaçé. Por enquanto, não pode elaborar qualquer esforço; zero carga até segunda ordem. Marcarei o retorno para daqui a quinze dias para

realizarmos outro Raio-x e ver como estará essa perna e sua cabeça — frisou.

Não emití nenhum som, apenas comprimi meus lábios e assenti minimamente, deixando-o ciente que entendi.

— Hoje ficará aqui em observação. Provavelmente, amanhã te darei alta e poderá ir para casa — finalizou.

Agradei pelos cuidados e ele se despediu. A senhora Raissa pediu para falarem a sós e saíram do quarto, deixando-me na companhia do meu tio.

— Fala o que tanto quiser — emití.

Mirei os seus olhos quando deu alguns passos e parou ao lado da cama.

— Quero muito acreditar que esse acidente não tenha sido proposital, César, porque se foi...

Soltei um riso abafado e incrédulo perante sua acusação descabida.

— Acha mesmo que eu iria tão longe apenas para tirar a porra da minha vida? — ressaltei, e ele soltou o ar pesadamente.

— Então me diga como foi tão imprudente desse jeito, hum? Você não é mais um jovem rapaz para o qual eu tenha que ficar relembrando...

O interpelei.

— E por que está me tratando como fosse um? Não preciso de sermões. Sou maduro suficiente para aguentar as consequências dos meus próprios atos — ditei, querendo encerrar aquele clima chato e estranho que se instaurou entre nós.

— Sei disso, mas é por amá-lo que ainda tento enfiar algo nessa sua cabeça, que parece ter se perdido depois da perda da sua esposa... — olhei-o duramente e ele deixou a frase incompleta —, eu disse para voltar com a terapia, todavia, não me escutou e deu nisso — relatou.

— Do que adianta fazer terapia se nada fará o tempo voltar? Nem mesmo conseguirá tirar toda essa dor que carrego em meu peito? — inquiri, farto daquele tópico. — Tentei, no entanto, vi que o que me resta é conviver com esse sentimento sufocante até o último dia da minha vida, já que não tenho mais a minha esposa ao meu lado. — Funguei, sentido ao externar a minha frustração.

O silêncio reinou em meio ao ambiente, até ele pousar uma de suas mãos suavemente em um dos meus ombros.

— Eu... me desculpe. Acredito que, pelo calor do momento, acabei falando mais do que devia. Quanto à terapia, permaneço pensando que deveria voltar com o acompanhamento. — Uma lágrima involuntária escorreu por minha bochecha e limpei-a rapidamente com o dorso de uma das minhas mãos.

— Julgo que seria melhor se tivesse morrido nesse acidente. Teria lhe poupado de preocupações desnecessárias — revelei o que realmente pensava.

— Acha mesmo que seria a melhor solução? Nós o amamos e é por conta disso que preocupamos tanto, César. Já disse inúmeras vezes que sinto muito pelo que passou, tanto que não desejo nem para o meu pior inimigo, entretanto, a vida continua. Será que em algum instante ainda se dará conta disso? Se permitirá viver novamente? — Umedeci meus lábios e encarei minhas mãos sobre o colo.

— Não tenho resposta para isso. Talvez sim ou não — falei em meio a minha confusão de sentimentos.

— Pare um pouco e reflita melhor. Tenho certeza de que a Suzana não está contente com suas últimas ações — levantou aquela questão.

Sem mais, ele me deixou sozinho ao sair do quarto e decidi que não ponderaria sobre aquela pauta naquele instante. Minha cabeça e perna ainda latejavam de dor, além da minha estrutura física dolorida. Pouco tempo mais tarde, a senhora Raissa retornou e começou a conversar comigo.

O tempo foi passando e a sensação ruim que insistia em não me deixar a dias foi se dissipando gradualmente. Conversar com ela era sempre bom, me trazia tranquilidade. No período da noite, eles foram embora e agradei a preocupação, me arrependendo do que eu disse mais cedo, quando desejei ter morrido no acidente.

O jantar foi trazido e nem toquei na comida. Uma enfermeira trouxe medicamento para a dor e retirou a bandeja algum tempo depois. Fiquei ali, perdido em muitos questionamentos, um deles referentes ao que Suzana dissera antes de eu acordar.

Havia sido apenas um sonho ou não? Admito que não sabia ao certo.

Logo fui tomado pela lembrança de suas palavras.

— *Siga a sua vida.*

Será mesmo que deveria me permitir viver outra vez? Como? Se não conseguia me desgarrar daquela dor enraizada em meu peito?

Sem uma alternativa convincente, espantei toda aquela avalanche de dúvidas para longe e me concentrei em descansar. Meu corpo pedia por isso. Antes de o sono me alcançar, cheguei à conclusão de que nada era tão simples, como muitos ao meu redor julgavam ser.



CAPÍTULO 4

JULIE

Terminei de me vestir depois de sair do banheiro e juntei meus cabelos em um penteado bagunçado, já que não tinha a intenção de sair de casa hoje. Uma dor aguda se fazia presente na minha cabeça, nada exagerado, mas que me deixava bem ciente que era consequência da noite passada. Não que tenha bebido muito, até porque fui eu quem nos trouxe para casa sãs e salvas, apenas por misturar bebidas diferentes.

No fim das contas, a minha saída com a Luara foi bem divertido. Amei ter um momento só para nós e curtirmos sem sermos interrompidas. Na verdade, ora ou outra chegavam alguns homens puxando conversa, porém, dispensamos todos.

Até estranhei isso da minha prima, porque não era bem seu costume se portar daquela forma, no entanto, ela sabia cumprir promessas e, antes de irmos, havia me garantido que ninguém iria nos separar ou estragar a nossa noite. Falando nisso, nem cheguei a comentar sobre o infeliz episódio com aquele arrogante no corredor que dava acesso aos banheiros. Era muito bonito com aqueles olhos azuis-escuros, barba rala e um porte definido, o que me levava a crer gostar de se exercitar.

Quando caí em mim, notei estar parada diante do amplo espelho existente na porta do meu guarda-roupa, mordendo meu lábio inferior e sorrindo como uma idiota. Bufei e, irritada pelos meus pensamentos nada convenientes daquele ser arrogante, marchei abandonando os meus aposentos e cheguei até a cozinha, onde não

tinha ninguém além de mim. O silêncio denunciava que meus pais deviam estar na panificadora.

No relógio de ponteiro pendurado na parede, verifiquei passar das onze horas. Minha prima e eu chegamos por volta das três da manhã. Deixei-a na casa dela, que ficava a duas ruas daqui, e vim para a minha.

Tomei um banho e caí na cama, nem sequer vi o restante da noite passar. Girei sobre os meus pés e avistei em cima da mesa uma cesta contendo pão de sal, doce e queijo, além de um bolo ao lado. Sentei-me e fiz meu desjejum.

Ouvi o barulho da porta assim que finalizei e organizei minha bagunça, colocando a xícara na pia.

— Bom dia, minha filha! — minha mãe me saudou e me voltei para ela, pedindo a *bença*; nos abraçamos carinhosamente. Logo nos desvencilhamos e ela me ofereceu um sorriso genuíno.

Era tão maravilhoso vê-la sorrindo daquele jeito que o meu coração doía só de imaginar que um dia a perderia. Tinha ciência que seria o pior momento da minha vida, não só quando a perdesse, mas ao meu pai e irmão também. Os amava demais e tratei de empurrar para bem longe aqueles pensamentos aleatórios e sufocantes.

Falando em meu irmão, ele se chamava Uiliam, tinha seus vinte e oito anos e morava numa casa que conseguiu comprar a algumas ruas daqui. Ele nunca teve pretensão de fazer faculdade, mas fez vários cursos voltados para a cozinha, tanto que aprendeu bastante e trabalhava com meus pais na panificadora. Como a cidade é pequena, a única panificadora que foi aberta e permaneceu de pé até hoje foi a nossa.

Não que outras pessoas não tenham tentado abrir panificadoras concorrentes, entretanto, viram ser mais gastos que lucro, até pela pouca população da localidade e pela Panificadora Doçura já ser mais conhecida, os clientes acabavam escolhendo-a e

das outras não rendiam tanto. Era bem triste ver que várias pessoas na região iniciavam algum tipo de negócio e simplesmente não iam para a frente. Por esse motivo, me sentia muito orgulhosa pela persistência da dona Matilde e do senhor Edson, além do meu irmão, que também era um excelente homem nessa vida.

Nós dois estávamos encalhados. Ulliam vivia ficando com uma e outra, daquele tipo de pega, mas não se apegava. No meu caso, era só questão de prioridades, e namorar não era uma delas, ao menos por enquanto.

Empurrei meus pensamentos para longe, retornando a prestar atenção no que minha mãe dizia.

— Não vi quando chegou — comentou e foi até a geladeira.

— Era por volta das três da manhã — informei.

— Hum... espero que tenha sido boa. Aliás, pelo horário, acredito que tenha sido — insinuou e sorri.

Ela fechou a geladeira depois de pegar alguns legumes e colocar sobre a bancada da pia.

— Foi sim. Ao contrário do que está pensando, nem eu ou a Lu flertamos com algum homem — me defendi, mesmo minha mãe não tivesse se expressado com clareza.

Dona Matilde sorriu divertida.

— Eu não disse nada — se fez de desentendida.

Balancei a cabeça em negativo.

— Nem precisa, né, mãe? — adverti.

— Você me disse que isso agora não faz parte dos seus planos e eu entendi. Não ficarei mais no seu pé por conta disso. É uma jovem bonita, nova e concordo que tenha mesmo que correr atrás dos seus sonhos, afinal, é o orgulho da nossa família por chegar tão longe, já que seu irmão não nos deu esse gostinho de ir para a faculdade também. Mesmo assim, é um bom filho e

trabalhador. — Deu para sentir através de suas palavras o quanto ela nos amava.

— Obrigada, mãe — agradei por ser tão amorosa e compreensiva.

Ela afagou uma das minhas bochechas e, em seguida, comecei a descascar os legumes para ajudá-la com o almoço. Dona Matilde deu início a preparação do arroz, então comentou:

— Viu sobre o acidente do sobrinho do senhor Mazza, o patrão da sua prima? — Por um instante, parei o que estava fazendo e minha testa enrugou-se. Não me recordava direito da fisionomia dele, mas me veio na memória quando passei pela estrada nessa madrugada e fora da pista havia um carro de bombeiro e ambulância.

— Então foi ele quem se acidentou na estrada? — indaguei.

— Foi sim. O pessoal *tão* tudo comentando — salientou.

Dona Matilde saiu de perto do fogão, depois de abaixar o fogo da chama, e, na sequência, surgiu ao meu lado, segurando seu celular em mãos. Abriu a página de notícias da cidade e me mostrou a manchete a respeito do acidente. Li e mais abaixo, vi a foto e rapidamente a minha mente associou com o homem que molhei com um pouco do meu vinho no *Ranchão*, que foi extremamente grosso comigo.

— Meu Deus! — exclamei.

Com o susto, deixei a faca cair na pia e meus batimentos cardíacos se aceleraram.

— O que foi? Está tudo bem? — Preocupou-se.

Engoli a saliva com dificuldade. Levei minha mão até a torneira do filtro ao lado e peguei um copo no escorredor de louça, enchendo-o completamente. Bebi e, mais calma, balancei a cabeça em positivo, respondendo sua pergunta.

— Não foi nada — menti.

— Tem certeza? Pareceu-me assustada — observou.

Soltei o ar gradualmente e voltei ao que estava fazendo.

— Tivemos uma pequena desavença lá no *Ranchão*, todavia, não me lembrava com precisão de quem ele era, só agora que me mostrou a notícia e vi a foto que me recordei ser a mesma pessoa — relatei.

— Desavença? Espero que ele não a tenha ofendido, afinal, ouvi dizer que, depois que a esposa faleceu, vive espantando as mulheres de perto dele e é supergrosso e mal-educado. Até certo ponto entendo que ele não queira nenhuma outra por conta da falecida, mas também não precisa se fechar tanto ao ponto de ser um escroto. — Comprimi meus lábios em um meio-sorriso.

— Pior que ele fez sim — dei continuidade, explicando detalhadamente como tudo aconteceu e minha mãe ficou perplexa.

— Deveria ter dado um chute no saco dele, pra deixar de ser babaca! — Foi impossível segurar a gargalhada.

— Mãe! — em meio à risada, chamei a sua atenção.

— Se fosse comigo, ele ia ver só — ameaçou e sorri um pouco mais. — Talvez seja por isso que sofreu o acidente. Quem sabe assim não aprende a ter sentimentos novamente — ressaltou e parei de rir.

— Não fale assim, mãe. O tio dele deve estar desolado, apesar de não sabermos notícias, porque aí fala que ele foi levado desacordado para o hospital, vai que não está bem? — pontuei, vendo-a mexer na panela.

— Tem razão, mas há de concordar que gente ruim, Deus não quer. — Gesticulou e sorri, meneando a cabeça em negativo.

— A senhora não existe, mãe — salientei, divertida.

— Sei que sou única — brincou e rimos. — E o que fará agora? — interrogou, mudando de assunto ao se referir ao rumo que eu seguiria, mudando de assunto.

— Não sei — mordi o canto interno da boca, tornando-me pensativa —, ao que tudo indica, terei que ir para a cidade vizinha novamente — externei, soltando uma baforada de ar.

— Não queremos que saia daqui, porém, sei ser necessário deixar com que os filhos voem para longe, principalmente para correr atrás dos seus objetivos — mencionou. — Talvez consiga algum trabalho por aqui, por que não espera um pouco? — aconselhou.

— E se não aparecer? — indaguei, finalizando com os legumes.

— Aí não terá outra opção a não ser ir para a cidade vizinha e, caso encontre um trabalho na sua área, terá de morar lá mesmo. Enquanto isso não acontece, eu e o seu pai curtiremos um pouco mais a sua companhia. — Sorri em concordância e lavei os legumes.

— O que fará aí? — perguntei referente ao almoço e prestei atenção no que dizia.

DOIS DIAS DEPOIS...

O final de semana havia passado mais rápido do que podia imaginar. Desde a minha volta, os dias na companhia dos meus pais eram sem igual. Apesar de toda a correria por conta da panificadora, ainda assim ontem tivemos um dia memorável.

Fizemos um almoço em família, o meu pai decidiu fazer um belo churrasco, alguns tios e tias vieram, incluindo a minha prima Lu e os seus pais. Como belos forrozeiros que somos, comemos e dançamos até umas dez da noite, e confesso que foi maravilhoso.

Toda aquela agitação me fez perceber o quanto sentiria mais falta ainda quando tivesse de ir embora outra vez.

Ceguei a dividir com minha prima a minha aflição e ela me confortou, dizendo para parar de ficar pensando besteiras, que tinha de manter meus pensamentos positivos. Acatei o que disse e aproveitamos ao máximo a presença dos nossos familiares. Quando tudo terminou, nos juntamos de modo a deixar tudo organizado, pois era domingo e meus pais começariam os trabalhos cedo na panificadora no dia seguinte.

Pela manhã, acordei mantendo os meus pensamentos positivos, bem como a Lu havia me instruído. Arrumei o restante das coisas pela casa e o tempo voou. Já passava do meio-dia quando terminei o almoço e fui até a panificadora que ficava ao lado da nossa casa, avisando aos meus pais e irmão que estava pronto, eles agradeceram.

Retornei e, ao entrar, ouvi o barulho do meu celular, indicando que alguém estava me ligando. Recolhi o aparelho de cima da mesa

e fui andando até o meu quarto. Atendi a chamada ao ver ser da Lu.

— Oi, Ju! Como está? — me cumprimentou.

— Oi! Estou bem. Como passou ontem? — inquiri.

— Depois de irmos embora, tomei apenas um banho e capotei. Acordei com o despertador do celular — contou e rimos.

— Eu também — confessei. — Está no horário do almoço?

— Sim e aproveitei para te ligar logo, porque não estou me aguentando. — Parecia ansiosa.

Franzi o cenho, não tendo a menor ideia do que ela quis dizer com aquilo. Sentei-me na beirada da cama.

— Desembucha logo, Lu — ditei, aguardando que se pronunciasse.

— Suponho que consegui um trabalho para você. — Arqueei minhas sobrancelhas, surpresa.

— Como assim? Trabalho? Onde? — emendei um questionamento atrás do outro, curiosa.

— O senhor Arthur está precisando de uma enfermeira. —

Mordi meu lábio inferior, eufórica por saber disso.

— Jura? Então seremos colegas de trabalho aí na fazenda?

— interoguei e me coloquei de pé, feliz demais para me manter sentada.

— Hum... não exatamente — murchei ao ouvi-la —, o senhor Arthur vai entrevistá-la. Fazer todo o processo de contratação, mas você trabalhará na outra fazenda... — ponderou e imaginei o que diria a seguir — cuidando do sobrinho dele, o César — completou.

Bufei ao lembrar do nosso desentendimento no *Ranchão*, sobre o qual a Lu já sabia.

— Assim que cheguei, fiquei sabendo que ele passou por uma cirurgia na perna e não poderá se esforçar por algum tempo, ou seja, não pode se movimentar, então, precisam de alguém que cuide dele o dia todo, preferencialmente uma enfermeira. Se tratando do seu sobrinho, obviamente o senhor Arthur não escolheria ninguém

aleatório para enfiar na casa do César e me perguntou se conhecia alguém formado na área e que fosse de confiança para cuidar do dito-cujo — explicou. — Claro que te indiquei e ele pediu que entrasse em contato para saber se pode ir à entrevista amanhã, pela manhã.

— Não acredito que o César vá gostar de saber que logo eu cuidarei dele. — Fui sincera.

— O que tem a ver? Só fará o seu trabalho. Não é como se tivessem que ser amigos. — Ponderei a respeito do que dissera.

— Tem razão. Pode avisar ao senhor Arthur que estarei amanhã bem cedo aí para a entrevista. — Luara comemorou do outro lado da linha.

— Agora tem um trabalho, não vai mais ser preciso ir embora — discursou.

— Ainda não sabemos se tudo sairá como o esperado, mas não custa tentar — analisei.

— Verdade — concordou.

— Obrigada por isso. — Demonstrei minha gratidão.

— Não me agradeça. Sabe que te tenho como uma irmã e geralmente uma faz de tudo pela outra, portanto, sinta-se privilegiada por me ter como uma — disse, convencida.

Rimos.

— Muito convencida, porém, não discordo — declarei.

Luara me confirmou o horário e ficamos de ir juntas. Encerrei a ligação ao nos despedirmos e agradei aos céus pela oportunidade de trabalho, por mais que não tivesse imaginado que seria justamente para cuidar do homem com o qual tive meu primeiro desentendimento ao retornar para a cidade. No final das contas, minha prima tinha razão ao dizer que só precisaria fazer o meu trabalho.

Nem eu ou o César precisaríamos nos simpatizar um com o outro.



CAPÍTULO 5

CÉSAR MAZZA

Tive alta do hospital ontem à tarde e meu tio me trouxe para casa. Como orientado, estava impossibilitado de realizar qualquer movimento, portanto, por algumas semanas, não poderia nem mesmo colocar o meu corpo para fora da cama. Não sabia o que

seria de mim diante disso, já que amei sempre me exercitar, preferencialmente correndo por essas terras.

Por fim, eu não tinha escolha, a não ser seguir à risca os conselhos do médico e, quanto antes pudesse voltar a caminhar sobre os meus próprios pés e cuidar do meu trabalho na fazenda, seria o melhor para mim. Meu tio acabou ficando aqui ontem com a Raissa, porém, pela manhã, foi para casa, deixando-me sob os cuidados da sua esposa. Apesar de não ter os meus pais vivos, era grato por tê-los ao meu lado, preocupando-se comigo e me tratando como um filho, já que não tinham nenhum.

Lembro-me que a senhora Raissa sonhava em ser mãe, bem como o meu tio em ser pai, mas, depois de alguns anos de casados, quando decidiram tentar uma gestação, perceberam que algo podia estar errado, porque não conseguiam atingir o seu objetivo de modo algum. A princípio, ambos deixaram essa questão de lado e, com os passar dos anos e a medicina um pouco mais avançada, decidiram

se submeter a alguns exames, quando os médicos diagnosticaram que eles jamais poderiam ter filhos, pois o meu tio era estéril.

Foi espantoso para eles, visto que queriam muito ter um ou mais herdeiros, porém, com o decorrer do tempo, nem sequer pensaram em adotar, então deram por vencidos e aceitaram que esta era a vontade de Deus. Os admirava muito não só por serem um casal que tinha como exemplo de vida, assim como os meus pais também foram, todavia, pelas pessoas sensatas e o coração enorme que tinham.

Apesar dos meus trinta e oito anos, meu tio não deixava de me dar belos “puxões de orelha” quando necessário e, por mais que me deixasse irritado, entendia que seu único propósito era o de me ver bem.

Meus olhos logo se moveram em direção à porta quando a senhora Raissa entrou com uma pequena maleta de primeiros socorros em uma de suas mãos e me ofereceu um sorriso, sentando-se na cadeira ao lado da cama.

— Bom, não sou enfermeira, mas devido às instruções do doutor e, segundo ele, tudo que necessito estar aqui dentro, trocarei seus curativos, tudo bem? — Assenti, comprimindo os meus lábios em um sorriso ameno.

Ela começou pelo da minha cabeça e pedi um espelho para ver como estava; até então, não tive coragem o suficiente para verificar. Depois de me entregar, conferi que o corte naquela região foi pequeno e logo lhe devolvi o espelho. Ao terminar, passou para a perna e observei haver sido um corte de tamanho mediano; nem muito grande ou pequeno

Pouco tempo depois, ela concluiu e saiu do quarto. Olhei para o lado, levando o meu olhar até a janela, onde o sol irradiava com fervor e contemplei a sua maravilha dali, visto que ficaria em casa por alguns dias, até pelo menos ter o privilégio de ir lá fora. O restante do dia se arrastou e até voltei a ler um livro de ficção que, segundo a senhora Raissa, poderia me entreter, o que não

aconteceu, o que a fez me trazer outro de autoajuda, chamado “Como lidar com perdas”.

Inicialmente não me chamou a atenção e dei uma lida, tanto que me aprofundei na leitura e não vi a última hora passar. Ao entardecer, ouvi passos pelo corredor e meu tio logo adentrou o cômodo. Fechei o livro, colocando-o ao meu lado e me livreí dos meus óculos de grau, massageando entre os meus olhos.

— Como está se sentindo? — quis saber ao sentar-se na lateral.

— Tirando a parte de estar praticamente vegetando em cima dessa cama, está tudo bem. — Descontraí e meu tio riu.

— Entendo que esteja sendo péssimo ficar aqui sem ir ao menos lá fora, mas serão apenas alguns dias. Logo poderá ser colocado em uma cadeira de rodas e ser levado para a varanda da casa — mencionou e meneei a cabeça em concordância.

— Sim. Terei que aguentar por mais alguns dias — afirmei.

— Fora isso, como está o corpo, muito dolorido? — inquiriu.

— Um pouco. Os remédios ajudam bastante — informei.

— Que bom — emitiiu.

— A senhora Raissa me disse que deu folga apenas hoje para o Theo, por que não uma semana, como pedi mais cedo? — questioneei, e ele sustentou o meu olhar.

— As coisas na fazenda têm que continuar, César, produção, funcionários, dependem disso. Não pode simplesmente parar tudo só por ter que ficar de repouso por algum tempo — enfatizou.

— Como bem disse, terei que ficar de repouso, como gerirei tudo dessa cama? — interroguei, procurando uma solução.

— É para isso que tem seus funcionários muito competentes. O Theo estará de volta amanhã. Soube que tem o gado do leilão para ser buscado, que você já resolveu, então, não é uma preocupação. O Danilo já foi informado que tem carta branca para tomar decisões que ele tenha certeza de que serão certas, do

contrário, poderia vir te consultar sem qualquer problema — detalhou, me acalmando sobre o assunto. — Não posso ficar aqui comandando as coisas para você, porque também tenho os meus negócios, porém, não me impede de vir aqui uma vez ao dia e ver como tudo está se saindo — complementou.

— Tudo bem. Obrigado — agradei ao me dar conta que tinha razão.

— O Theo terá liberdade de vir aos seus aposentos para continuar fazendo o seu trabalho. É até bom que mantenha a sua mente ocupada, afinal de contas, cabeça vazia é oficina do diabo. — Soltei um riso abafado perante a sua observação.

— Concordo com tudo que disse e julgo que também será bom pra mim — anuí.

— Vi que está lendo. — Apontou para o livro.

— Ah, sim. A senhora Raissa... sabe como é. Estava entediado e ela me trouxe outro de ficção e como não me fisgou a

atenção, esse acabou me prendendo. Não que eu vá colocar algo do que fala aqui em prática, mas está me distraindo — pontuei.

— Claro que não vai, afinal, se chama César, meu sobrinho cabeça dura. — Desde o acidente, aquela foi a primeira vez que sorri de modo espontâneo. Meu tio tinha o dom de fazer com que expusesse o melhor de mim. Era bom ter a sua companhia.

— Tenho outro assunto que já estou... providenciando — anunciou, fazendo-me franzir o cenho.

— Sobre... — intimei-o a continuar.

— Estou à procura de uma enfermeira que fique...

Nem permiti que desse seguimento.

— Não — recusei veementemente.

— César, isso não é nada que tenhamos de discutir. Por enquanto, está impossibilitado de sair dessa cama. A dona Iara não pode estar aqui o tempo que precisar para ajudá-lo, até pela

obrigação dela ser com o casarão, além de dar ordens às outras mulheres que trabalham aqui — tentou me convencer.

— Não quero ter ninguém sendo a minha babá. É a minha decisão final — neguei. Jamais gostei de depender dos outros, e não seria agora que consentiria isso.

Diante de sua expressão, notei que minha resposta o deixou frustrado e se pôs de pé, coçando a cabeça em sinal de desconforto.

— E como fará? Hum? — exigiu, olhando-me com afinco.

— Darei meu jeito, assim como fiz no último ano — me referi ao fato de ter me virado como podia, mesmo após a perda da minha esposa.

— Não pensa que está sendo imaturo? — indignou-se.

Soltei um riso amargo.

— Imaturo? — pressionei, querendo uma lógica para tal acusação.

— Enche a boca para falar que não depende de ninguém, mas, no fim, sempre estivemos aqui por você. Não sei se lembra, no entanto, eu quem cuidei dos seus afazeres nessas terras quando a Suzana se foi, bem como os seus funcionários, que mantiveram tudo em bom funcionamento. Sendo assim, não me venha com isso agora, fica parecendo que não passa de um ingrato por tudo que conduzimos em seu lugar — mordi meu lábio inferior ao terminar de ouvi-lo e respirei fundo, ponderando tudo que falou —, deveria deixar de ser tão orgulhoso, César. Por mais que não queiramos admitir, constantemente precisaremos de alguém para nos estender a mão, e não é tarde para reconhecer isso — complementou.

O silêncio reinou em meio ao ambiente e pude sentir o clima pesado que se instaurou entre nós. Ultimamente vivíamos nos desentendendo e, analisando bem o que disse, percebi que talvez eu fosse o culpado. O meu modo orgulhoso de ser estava me atrapalhando a ver o óbvio.

Era claro que precisava da ajuda deles, só não queria admitir, porque, para mim, era mais conveniente pensar ser autossuficiente. Com as perdas que já havia sofrido, era muito mais satisfatório criar essa proteção ao redor de mim do que me deixar totalmente exposto. A verdade é que vinha tentando me blindar e ser forte o bastante para o momento que ele e a senhora Raissa também estivessem mais presentes em minha vida.

Por conta da minha taciturnidade, meu tio não emitiu mais nenhum som, finalizando àquele assunto e virou-se, dando alguns passos em direção à porta.

— Já tem alguém para a vaga? — interroguei de repente, considerando ter uma enfermeira.

Arthur parou no meio do caminho e voltou-se para mim, soltando o ar com certo alívio.

— Por um instante, pensei mesmo que não fosse reconsiderar — expressou e dei de ombros.

— Às vezes, meu cérebro demora a filtrar alguns conselhos.

— Sorriu com um tom divertido.

— E como! — exclamou e rimos.

— Então? — insisti para saber se já tinha alguma candidata à enfermeira.

— Pela manhã, cheguei a comentar com a Luara, minha assistente, sobre estar a procurar alguém de confiança, e que, preferencialmente, tivesse formação para ser sua enfermeira por algum tempo. Então a questioneei se não tinha alguma pessoa para me indicar e coincidentemente me informou ter uma prima que retornou recentemente para a cidade e formou-se justamente em enfermagem. — Arqueei uma das minhas sobrancelhas.

— Hum... bom saber. Fico mais tranquilo por ter o conhecimento que é alguém confiável, afinal, hoje em dia não se pode enfiar qualquer pessoa em nossa casa — ressaltei.

— Não tiro a sua razão, meu sobrinho. Por esse motivo, pedi a Luara que entrasse em contato com a prima chamada... — pressionou um lado da cabeça, ao que tudo indicava, tentando se lembrar do nome da moça —, ah! Julie — proferiu ao se recordar.

— Nome diferente. — Não deixei de observar.

— Sim, sim. Enfim, amanhã ela estará aqui bem cedo e...

O interrompi.

— Eu não quero participar da entrevista. O senhor tem o meu aval para contratá-la ou não, se for o caso — pontuei.

— Sei que não participará da entrevista, até pela sua condição. Só ia dizer que a entrevistarei no seu escritório e, se for contratada, como espero, a trarei aqui para lhe apresentar — expôs.

— Prefiro que não... — Não permitiu que finalizasse minha fala.

— Já que validamos este assunto, vou indo. A Raissa irá comigo. Amanhã a gente se vê de novo. — Assentiu e logo saiu do

quarto, não me dando hipóteses para revidá-lo.

Instantes depois, a senhora Raissa veio até mim, trazendo os medicamentos que eu deveria tomar e ao concluir, se despediu. Agradei pelos cuidados e não demorou a partir. Em meio ao silêncio que se formou após a ida deles, não me restou outra alternativa a não ser dar seguimento a minha leitura.

Coloquei os óculos e apanhei o livro, abrindo na página que pausei.



CAPÍTULO 6

JULIE

Nervosa e ansiosa.

Eram esses sentimentos que se faziam presente em meu íntimo no momento.

Respirei fundo ao terminar de me arrumar e coloquei na bolsa o que necessitaria. Ao concluir, ajustei-a sobre meu ombro e deixei o

interior do meu quarto. Cheguei até a cozinha e encontrei a minha mãe terminando de coar o café.

— Hum... tomarei um pouco antes de ir — falei, anunciando a minha chegada e pedi-lhe a *bença*.

— Deus abençoe, minha filha. Ansiosa para a entrevista? — quis saber.

Sentei-me à mesa e abandonei a bolsa ao lado, sobre o tampo de madeira. Enchi uma xícara com um pouco de café e passei manteiga em uma fatia do pão caseiro que ela fez. Minha mãe era uma cozinheira de mão cheia, assim como o meu pai, não era à toa ser o padeiro da cidade.

— Nossa, e como! Quase não dormi essa noite. — Soltei um suspiro abafado, demonstrando meu nervosismo, e dei uma mordida na fatia de pão. — Como senti falta desses pães que a senhora faz — expus minha satisfação depois de mastigar e engolir, ela sorriu. Pude identificar o quanto seus olhos brilharam de contentamento.

— Quando estava na outra cidade, sempre que preparava esses pães me recordava do quanto amava comê-los. — Notei que certa tristeza resplandeceu em seu olhar, mas rapidamente se dissipou.

— Bom, agora estou aqui, não é mesmo? — descontraí, querendo que ela não focasse no passado.

Não gostava de vê-la ressentida.

— Com certeza. — Se deu por vencida. — Aliás, coloquei a sua entrevista de hoje nas minhas intenções de ontem à noite. Dará tudo certo. — Dona Matilde tinha uma fé absurda e a admirava por isso, tanto que a tinha como um exemplo tanto na garra de nunca desistir do que sempre almejei quanto no quesito espiritual; não que estivesse no seu nível, entretanto, vinha me agarrando a isso para tentar ser mais positiva em relação a tudo, tanto pessoal quanto profissional.

— Apesar de estar um pouco aflita, me sinto confiante —
afirmei, continuando a tomar o meu café.

— Isso mesmo, querida, afinal, Luara fala muito bem do
patrão, mas já o sobrinho dele... — Deixou a frase inacabada.

Mantive minha atenção nela.

— Ele talvez tenha exageradamente se fechado por ainda
sentir muito a falta da esposa, mãe. É compreensível ser na dele e
não querer muita conversa — reconsidereei.

— Ser fechado não é sinônimo de ser cavalo com as
mulheres, minha filha. — Rompi em um ataque de riso divertido ao
ouvi-la.

Respondi, assim que consegui me conter:

— Tem razão, mas não ficaremos falando a respeito disso. Já
coloquei na minha cabeça que, caso eu seja contratada, estarei lá
apenas para exercer o meu trabalho. Nem ele ou eu teremos que
nos simpatizar com a cara um do outro, afinal, irei somente cuidar

dele e, ao final do expediente, retornarei para casa, simples assim.

— Não sabia se seria realmente daquela forma, porém, não manteria a minha mente naquilo.

— Sabemos que não será dessa forma, contudo, se quer pensar desse modo, tudo bem. Só me resta desejar que isso tenha um percurso bem simples como está supondo. — Ofereci-lhe um sorriso em agradecimento pela força que suas palavras injetavam em mim.

Continuamos conversando e, ao concluir, me despedi, pegando a minha bolsa e dando um beijo em sua bochecha. Minha mãe me desejou sorte e, ao agradecer, saí do cômodo, indo até a sala, e peguei as chaves do carro do papai no porta-chaves. Tirar minha habilitação foi outro triunfo meu enquanto morei na cidade vizinha e confesso que sentia orgulho das minhas vitórias até hoje.

Luara havia combinado de ir comigo e mandou mensagem ontem à noite dizendo que não iria mais porque sairia mais cedo que eu de casa. Então deixei o interior da casa e, depois de destrancar a

porta do automóvel na garagem, minha mãe surgiu em meu campo de visão e empurrou o portão para eu dirigir para fora. Mais tranquila, girei a chave na ignição e agradei ao dar a ré, abandonando a garagem.

— Boa entrevista! — gritou e sorri, confiante.

Estacionei próximo à cancela ao chegar na fazenda Mazza e respirei fundo, soltando o ar devagarinho, mantendo minhas mãos no volante. De repente, meu celular começou a tocar e apanhei minha bolsa em cima do banco do carona, encontrando-o em meio a um dos compartimentos. Avistei o nome da Luara no visor e atendi rapidamente.

— Bom dia! — falou, assim que aceitei sua chamada.

— Bom dia, Lu — respondi, pegando a bolsa e saí do veículo, trancando-o.

Olhei adiante e vi um homem que pelo porte físico, parecia alto e montado em um cavalo negro e majestoso, galopava pelo pasto. O lugar era lindo, como algumas pessoas na cidade falavam. Nunca tinha vindo para esse lado e, em meio ao percurso, pude perceber que o ar por essas bandas era bem diferente do centro da cidade, não era pra menos, visto que a natureza por aqui imperava.

— E então, já chegou na fazenda? — especulou.

Sorri por conta do seu lado curioso de ser.

— Sim, acabei de chegar — confessei.

— Ah, que bom. O senhor Arthur foi para aí tem pouco tempo. Enfim, deixarei que vá e realize a entrevista. Desejo-te sorte. Não esquece de me ligar para falar o que deu depois, porque ficarei ansiosa por isso. — Soltei um riso divertido por conta do seu comentário.

— Obrigada! Pode deixar. Até mais — despedi-me e guardei o aparelho, trilhando até a cancela. Empurrei-a e segui pela estradinha demarcada em meio ao gramado.

Subi os degraus da entrada do casarão e bati. Olhei ao redor enquanto aguardava e ajustei a alça da bolsa em meu ombro. Não demorou até que uma senhora me atendesse, que se apresentou, dizendo ser a governanta da casa e se chamava Iara.

Saudei-a ao falar meu nome e estar ali para a entrevista com o senhor Arthur, logo me direcionou para dentro. Andei em seu encalço e passamos por um corredor até pararmos perante uma das portas, onde bateu e anunciou minha chegada. Agradei e coloquei-me para dentro, ouvindo a porta ser fechada atrás de mim.

— Bom dia, Julie. Como vai? — O senhor Arthur se pôs de pé assim que parei diante da ampla mesa de madeira que se encontrava por trás e sorriu abertamente, oferecendo-me sua mão em sinal de cumprimento.

— Bom dia, senhor. Vou bem, obrigada — agradei e uní nossas mãos, recebendo seu aperto firme.

— Que bom — mencionou, e comprimi meus lábios em um sorriso ameno.

Na sequência, retirei o envelope da bolsa e o entreguei.

— Aqui está o meu currículo, como pediu — salientei, e ele o pegou.

Enquanto ele retirou o papel de dentro do envelope e começou a analisá-lo com muita concentração, aproveitei para curiar ao redor, voltando a pousar meus olhos nele, me permitindo examinar a sua feição, o que demorou poucos segundos, já que o ouvi dizer:

— Ótimo o seu currículo, apesar de ainda não ter muita experiência, a não ser os estágios que fez em decorrência da faculdade — pontuou.

— Sim. Aprendi algumas coisas com os estágios, só preciso de uma oportunidade para colocar em prática — salientei, tendo sua atenção em mim.

— Hum... — murmurou e depositou o papel sobre a mesa. — Antes de prosseguir com essa entrevista, serei bem sincero com a senhorita — iniciou e assenti, aguardando-o prosseguir. — Sei que retornou há um pouco mais de uma semana, porque a Luara me deixou a par dessa informação, portanto, deve saber que o meu sobrinho, o César, não é uma pessoa muito sociável, pelo contrário, é de poucas palavras. Claro que isso se deve ao fato da perda da esposa há um ano e, depois do acidente no final de semana, parece ter piorado em uns mil por cento — explicou, olhando-me com afinco. — Não estou querendo passar a mão na cabeça dele por conta disso, até porque, caso a trate mal, gostaria que me reportasse imediatamente. Todavia, só estou tentando fazê-la entender que, caso realmente aceite o trabalho, que entre sabendo exatamente o tipo de pessoa com quem terá de lidar. Meu sobrinho, não é um

homem fácil de “engolir”, a cabeça é dura feito uma rocha. — Sorri pelo modo como se referiu.

— Se eu não tivesse tido o conhecimento disso pessoalmente, até me surpreenderia — escapuliu e, quando notei, mordi meu lábio inferior.

— O que disse? — Observei que sua testa se enrugou, estranhando o que havia acabado de dizer.

Soltei um riso preocupado e tratei de driblar aquela situação horrível que me enfiei.

Droga, Julie! — repreendi a mim mesma mentalmente.

— Não disse nada — enfatizei, e ele permaneceu com o seu olhar vidrado em mim, como se soubesse que eu era uma grande mentirosa.

— Então quer mesmo o trabalho? — Ao ouvir seu questionamento, meus ombros murcharam em completo alívio e

voltei a respirar com tranquilidade, agradecendo aos céus por ter me safado daquela gafe.

— Claro! Será uma grande oportunidade e agradeço muito se puder me contratar — evidenciei, e ele entrelaçou os dedos de suas mãos sem desviar seus olhos dos meus.

— Então a vaga é sua — anunciou, deixando-me eufórica.

Obriguei-me a permanecer sentada na cadeira. Tive vontade de pular do meu assento e agradecê-lo muito, entretanto, não seria adequado.

— Obrigada! Vou me sair bem, prometo — assegurei-o de que não se arrependeria.

Ele esboçou um amplo sorriso e comentou:

— Gostei de você, mas o contrato será de apenas três meses. Se precisar prorrogar, caso o César precise de cuidados por mais algum tempo, reveremos essa questão mais adiante — deixou-me ciente.

— Por mim, sem problemas — afirmei.

— Bom, então vamos...

Antes que ele concluísse, algumas batidas foram desferidas na porta, interrompendo-o. Ao autorizar a entrada, uma mulher muito bonita, que aparentava ter um pouco mais de cinquenta anos, adentrou o cômodo. Na sequência, fomos apresentadas pelo senhor Arthur e soube ser a sua esposa Raissa.

Muito simpática, trocamos cumprimentos e confesso que gostei dela. Posteriormente, ela me explicou como estava sendo os devidos cuidados com o César, pois era quem vinha cuidando dele desde que saiu do hospital enquanto não contratavam ninguém para isso.

Ouvi tudo atentamente e discutimos sobre a questão dos exames e documentação para a minha contratação. Assim que acertamos os detalhes, senhor Arthur me entregou uma folha contendo o detalhamento de tudo que teria de trazer e pediu que

trouxesse no dia seguinte, pois quanto antes melhor para começar o meu trabalho. Feliz por obter a vaga, pensei que iria embora naquele momento, porém logo me jogaram uma desilusão.

— Vou apresentá-la ao César. Me acompanhe, por favor — a senhora Raissa avisou e me vi estática por alguns instantes.

Merda! Eu sabia que teria de olhar na cara dele em algum momento, só não imaginei que seria hoje. Não vim preparada para isso!

— Ele pode estar dormindo ou... — comecei a dar desculpas aleatórias para prorrogar para amanhã esse “encontro”.

— Não se preocupe com isso. Na verdade, ele está bem acordado e entediado também por ter que se contentar em ficar olhando aquelas quatro paredes. — Em meio às suas palavras, sorri, fingindo uma naturalidade que, naquele instante, não fazia parte de mim.

Sem alternativas à vista, aspirei o ar bem fundo e fui conduzida por ela pelo casarão. Tudo ali era muito robusto, limpo e organizado. A madeira presente em todos os cômodos parecia reluzir de tão bem cuidada.

Tive minha atenção retomada ao pararmos diante de uma das portas ao fundo e entrou. Inicialmente pensei em correr dali, o que não era uma boa ideia, então dei alguns passos para dentro. Parei ao aspirar o cheiro do perfume forte e marcante em meio ao ar dos seus aposentos. Sacudi minha cabeça a fim de manter meu foco e o vi sobre aquela cama com uma de suas pernas esticada e descoberta, que logo identifiquei ser a operada por conta do curativo além de ter outro na cabeça.

— Vim apresentar a sua nova enfermeira, querido. — Sem graça, forcei um sorriso ameno, e ele permaneceu de cabeça baixa, concentrado no livro sobre o seu colo.

Era mesmo um ignorante! — exclamei internamente e comecei a me preocupar em como enfrentaria aquele seu humor do

cão.

— Esta é a Julie e começará amanhã — senhora Raissa completou, querendo que o dito-cujo se concentrasse em nós.

Sabendo que nem se dignaria a me olhar, pedi aos céus ser liberada quanto antes dali. Só queria ir embora para a minha casa e me preparar psicologicamente para cuidar desse ser no dia seguinte, algo que agora tinha mais do que de certeza que seria tudo, menos fácil, como havia previsto anteriormente. Para a minha surpresa, o vi fechar o livro e tirou os óculos de grau que usava, trazendo seu olhar até o meu.

Engoli em seco ao me dar conta de toda a intensidade que suas íris extremamente azuis carregavam, contudo, era mais que visível o enorme traço de dor e amargura presente em cada um deles. Como se não vivesse de verdade, apenas existisse. Movi meu olhar para longe dos seus ao perceber que seu cenho franziu e pedi aos céus para não permitir que ele se recordasse de mim.

Não por enquanto.

— Muito prazer, Julie — O timbre da sua voz não era feroz como da noite em que fora rude comigo.

— O prazer é meu, se-senhor. — Foi inevitável não gaguejar com todo o nervosismo presente em meu interior.

Sem mais delongas, voltou a usar seus óculos de grau e abriu novamente o livro.

— Hum... vamos indo, querida — a senhora Raissa falou educadamente, e suspirei baixinho ao me pôr para fora daquele cômodo.

Estava feliz que o César não tinha me reconhecido, porém, irritada comigo mesma por aceitar ser sua enfermeira. Onde estava com a cabeça quando pensei que, por um segundo, pudesse ser fácil cuidar de alguém tão frio como ele?

Droga!



CAPÍTULO 7

CÉSAR MAZZA

Assim que a senhora Raissa deixou o meu quarto em companhia da moça que seria a minha enfermeira, pus o livro de lado e soltei uma baforada de ar, pressionando com um dos meus polegares e indicadores entre meus olhos. Sentia-me totalmente entediado e irritado por ter que permanecer inválido sobre essa

cama, algo que estava contribuindo um pouco mais para a minha falta de paciência em ter que ser gentil com pessoas que nem mesmo conhecia. Sabia que essa minha falta de humor dava a impressão de que eu fosse um homem arrogante ou insensível, porém, não me importava com nada disso.

No momento, minha única vontade era a de me recuperar quanto antes e não depender de mais ninguém, podendo ao menos sair desse quarto e contemplar o dia ensolarado lá fora. Trancafiado nesse cômodo, era como se o dia passasse lentamente e o que me restava era desejar que o próximo não demorasse a chegar tanto. Se arrependimento matasse, obviamente estaria morto, porque, se tivesse a mínima noção de que ir àquela festa fosse me deixar nesse estado, jamais teria me direcionado até lá.

Porra! — praguejei internamente.

Minha atenção se voltou para a porta, que se encontrava aberta, quando ouvi passos se aproximarem e o meu tio adentrou os meus aposentos.

— A Raissa me disse que não foi nada cordial com a Julie. —

Passou a mão pelo rosto, demonstrando impaciência.

— Não pedi que a trouxessem aqui e não é como se fosse algo importante o modo como a tratei — enfatizei.

Sorriu amargamente.

— Acha mesmo isso? — Seu tom era de incredulidade.

Não o respondi, apenas acenei, indicando que sim.

— É incrível como consegue ser desprezível só pelo fato de não se esforçar ao menos para passar uma imagem de bom homem a alguém que passará o dia todo te amparando, já que não se encontra em condições de cuidar de si mesmo — ralhou, enfurecido.

— E acredita que estou feliz? Que escolhi por isso? — inquiri assim que suas palavras me atingiram.

— Pode não ter escolhido por isso, nem mesmo estar feliz, mas também não precisa se transformar num completo imbecil! — expôs sua opinião.

— Imbecil? — indaguei e esbocei um riso nervoso, inconformado com sua acusação.

— Sim! Não percebe que todos à sua volta estão se esforçando ao máximo para que não se sinta tão desconfortavelmente? Estão se empenhando para fazer desse momento o menos ruim possível e como você nos trata, hum? Com total indiferença, como se fosse obrigação nossa estarmos aqui, e não é! — esbravejou e pela altura em que falava, tinha certeza de que estavam nos escutando em outros cômodos do casarão.

Engoli a saliva com dificuldade e mordi meu lábio inferior, respondendo em seguida:

— Jamais quis mostrar indiferença quanto aos cuidados que estão tendo comigo, pelo contrário, sou grato a todos pelo que vêm fazendo por mim e os meus negócios na fazenda. — Fui sincero, mesmo sabendo vir me comportando rudemente e sequer me importei com isso.

— É inútil estar aqui, discutindo com você, César. Sua boca profere coisas que não condizem em nada com as suas atitudes. Espero que essa moça consiga te tolerar pelos três meses que a contratei, do contrário, te desejo muita sorte para encontrar outro alguém que te suporte por ao menos alguns dias, porque, eu, que sou o seu tio, já não sei se aguentarei por muito mais tempo. Espero que tire o dia para refletir acerca deste assunto — salientou e abri a boca para me defender, porém, não foi possível, já que ele continuou: — Bom, é melhor ir indo. Melhoras — dito isso, saiu do quarto sem me direcionar qualquer olhar e umedeci meus lábios, começando a ponderar sobre tudo que falou.

Passei o restante do dia repassando em minha mente o sermão que o senhor Arthur me deu horas antes. Enquanto tentava compreender o que dissera, esfreguei o queixo por cima da minha barba que crescia, sentindo-me mal ao me dar conta da minha falta de reconhecimento. Algum tempo se passou e cheguei à conclusão que estava coberto de razão.

Não adiantava querer descontar minhas frustrações em quem só estava me estendendo a mão num momento tão delicado. Nenhum deles merecia isso de mim, pelo contrário. Precisava dar um jeito logo de mudar o modo como vinha me comportando.

Horas mais tarde, depois da ajuda do Danilo para eu tomar um banho e termos concluído, fui posto novamente em minha cama. A senhora Raissa fez outro curativo em minha cabeça e perna. Observei cada movimento dela e assim que finalizou, se levantou, pronta para sair dali.

Antes que seguisse para longe, chamei-a:

— Pode ficar mais um pouco? — interroguei, e ela sorriu abertamente.

Havia um brilho diferente em seus olhos e acreditava ser pelo fato de estar pedindo-lhe que permanecesse por mais tempo aqui comigo. Afinal, há muito tempo não fazia isso. Com a morte da Suzana, acabei me fechando muito, levando-me a manter ela e o

meu tio mais afastados, o que não era comum antes de perder a minha esposa.

Lembro-me que, aos finais de semana, gostávamos de nos reunir para almoços ou jantares especiais em família. Danilo chegou a participar algumas vezes. Apesar de ter se passado um ano, ainda era difícil para mim deixar o passado para trás, como todos ao meu redor aconselhavam.

Não sabia se ou quando isso viria acontecer.

— Claro, querido. O que precisa? — quis saber e voltou a sentar-se na beirada da cama, ficando ao meu lado.

Inspirei o ar e peguei uma de suas mãos entre as minhas.

— Obrigado pelos cuidados não só de agora, como também desde quando a Suzana se foi — decidi me abrir.

Raissa riu suavemente e trocou a posição de nossas mãos, dessa vez, ela quem massageou o dorso da minha, carinhosamente.

— Ouvi o que o Arthur te disse pela manhã e concordei com tudo, portanto, não se sinta pressionado só por...

A interrompi, entendendo onde queria chegar.

— Não estou fazendo isso por pressão alguma, apenas por perceber que não merecem todo esse meu mau humor ou estupidez.

— Ela riu divertida e a acompanhei.

— Realmente, não merecemos — frisou em concordância. — Em contrapartida, entendo que ficar preso a essa cama e olhar para essas paredes faça com que seu humor piore. Pense que daqui a alguns dias poderá ir até à varanda do casarão pegar um pouco de sol, hum? Assim, vai se distraindo um pouco. — Deu algumas batidinhas no dorso da minha mão.

Soltei um riso abafado e meneei a cabeça em positivo.

— É verdade — reconheci.

— Hum... que bom que concorda. Quanto ao jeito que tratou a Julie hoje...

Interpelei.

— Sim, entendo que fiz pouco caso da apresentação dela, chegando a ser um pouco... grosso — completei ao limpar a garganta.

— Julgo que tenha sido um pouco mais que isso. — Foi verdadeira.

— Com certeza e só depois de tudo o que meu tio disse é que notei — confessei.

— Fico contente que tudo que ele falou tenha conseguido adentrar os seus ouvidos e feito-lhe ponderar sobre. Senti falta de conversar com você assim. Se afastou tanto que imaginei que não teria mais esses momentos — externou seus pensamentos, olhando fixamente em meus olhos.

— Desculpa — pedi ao sentir a necessidade disso.

— Não precisa disso, querido — recusou e sorri minimamente. Ela abafou um lado da minha bochecha, encarando-me

amorosamente. — Só espero que esse seu lado rabugento não retorne. És um homem bom, permita que outras pessoas vejam isso. Essa aura nebulosa não combina em nada com você. — Seus conselhos eram como um certo acalento para o meu coração e era muito grato por isso.

— Não posso prometer que mudarei da água para o vinho muito rapidamente, entretanto, serei melhor. Voltar ao que era antes, acredito que não — revelei, juntando meus lábios em linha reta.

— Acha mesmo que nenhuma outra mulher conseguirá fisgar novamente o seu coração? Ainda é jovem e não creio que não vá mais entregá-lo a outra pessoa — proferiu duvidosa.

— Não digo que nunca mais encontrarei outro amor, todavia, isso está fora de questão para mim, ao menos, por enquanto — exprimi, certo sobre aquele tópico.

— Entendo — ajustou sua postura e colocou-se de pé novamente — e as dores? — inquiriu, mudando de assunto, e

agradei mentalmente.

— Estão suportáveis em vista de ontem — deixei-a a par.

— Ótimo! Logo estará curado, creio nisso. — Ainda segurando a minha mão, apertou-a firmemente e a soltou em seguida.

— Não vejo a hora! — exclamei, ansioso.

— Só tenha um pouco mais de paciência — sugeri e balancei a cabeça em positivo. — Já é finzinho de tarde, então terei que ir. Pedirei a dona Iara para trazer o seu jantar — comunicou e logo se despediu.

NO DIA SEGUINTE...

Havia acordado bem cedo quando a enfermeira chegou e observei o que fazia. Logo que adentrou o meu quarto, me desejou

bom-dia e, diferentemente do dia anterior, a respondi educadamente. Contudo, não me passou despercebido o modo desconfiada com o qual estava agindo.

— Se chama Julie, certo? — indaguei, assim que ela se aproximou com uma bandeja em mãos contendo o meu café da manhã, algo que dona Iara fazia até ontem. Ajustou o suporte embaixo da bandeja, deixando-o firme na lateral das minhas pernas sobre o colchão, e não desviei os meus olhos dela. Tinha o cabelo longo, preto e uma pele que parecia ser sedosa.

Ao terminar, ergueu seu corpo, ficando ao lado da cama e comprimiu seus lábios rosados e grossos em um sorriso ameno. Seus olhos eram grandes e tinham as írises azuis claras. Uma mulher bonita, não podia negar, e que me lembrava de alguém, só não sabia de onde.

Fui tirado das minhas divagações quando a escutei dizer:

— A senhora lara disse que gosta de ficar sozinho, então, darei licença, retornarei ao terminar seu desjejum e trarei seus medicamentos — explicou-se e fez menção de sair, mas parou quando comecei a falar:

— Se chama Julie, certo? — Interroguei.

— Sim, senhor — confirmou.

Tomei um pouco do suco de acerola que dona lara havia preparado e falei em seguida:

— Já nos conhecemos? Porque tenho a impressão de que...

Ela soltou um riso divertido me interpelando, antes de concluir a minha fala.

— Desculpe, é que... impossível que já nos conhecêssemos. Nem mesmo já vim por essas bandas — relatou, recompondo-se ao parar de rir.

— Tem certeza? Podemos ter nos conhecido em outro lugar — insisti.

— Moro na cidade, deve ter me visto por lá algum dia desses que passou — supôs, desviando sua atenção da minha.

Franzi o cenho, tentando me recordar e não obtive sucesso. Meu cérebro não quis cooperar.

— Hum... pode ter sido, apesar de eu não andar muito por lá.
— Não era de muita conversa, mas, com ela, estava sendo espontâneo, o que me deixou surpreso.

— Pois é. Então vou deixá-lo terminar. Daqui a pouco volto. —
Sem mais, assenti e ela saiu do cômodo, fechando a porta.

Não desisti de tentar puxar na memória de onde a conhecia. Tinha certeza de que não era dessas bandas ou da cidade. Alguns minutos se passaram e quando levei o copo de suco à boca de modo a sorver o restante do líquido, algo veio em minha mente e finalmente me recordei de onde a conhecia.

— Eu sabia! — exclamei baixo, terminando o meu café da manhã e foi o tempo de ela surgir na porta segurando um copo de

vidro com água em uma das mãos e os remédios que deveria tomar na outra.

Entregou-me e pegou a bandeja com o suporte. Terminei de beber a água ao engolir os comprimidos e fixei meus olhos nos dela, que os levou para longe dos meus. Tive a impressão de que ela se lembrava muito bem de mim, porém, negou tudo.

Entreguei-lhe o copo vazio e aproveitei para tirar minha dúvida:

— É a moça daquela noite no *Ranchão*, que derramou vinho tinto na minha camisa branca, não é? — Ao me ouvir, instantaneamente deixou o copo cair no chão, que se estilhaçou em vários pedaços.



CAPÍTULO 8

JULIE

— É a moça daquela noite no *Ranchão* que derramou vinho tinto na minha camisa branca, não é?

Eu simplesmente não estava preparada para aquela pergunta. Por conta do acidente, imaginei que ele demoraria um pouco mais para me reconhecer, no entanto, fui pega totalmente desprevenida. O

copo que havia acabado de me entregar automaticamente foi ao chão, pois fiquei nervosa.

— Acredito que esteja me confundindo com outra pessoa —
menti.

Abaixei-me, deixando a bandeja de lado, tendo cuidado para não machucar meus dedos com os cacos de vidro quando comecei a recolhê-los.

— É nítido em seu tom de voz que está mentindo — enfatizou, e engoli a saliva com certa dificuldade, mantendo-me de cabeça baixa.

Droga! — praguejei internamente, tentando idealizar alguma outra desculpa.

— Cuidado ou vai se acidentiar no primeiro dia de trabalho — me alertou, e então, depois de juntar os cacos maiores, os coloquei na bandeja e me pus de pé, encarando seus olhos azuis-escuros tão intensos.

César, definitivamente, era um homem muito bonito. O rosto bem desenhado, tendo a barba rala que contribuía bastante, dando-lhe uma imagem de ser mais maduro. Com seus quase quarenta anos e aqueles olhos azuis tão expressivos que pareciam ler a nossa alma, não tinha como ser indiferente a sua beleza.

Sacudi a minha cabeça, saindo do meu torpor, pois não valia a pena ficar analisando-o, afinal, o que tinha de lindo, sobrava em seu modo rude de ser.

Não demorou até ouvi-lo:

— Ora, ora... me parece que agora o gato comeu a sua língua, não é mesmo? — inquiriu em tom de acusação.

Forcei um risinho amarelo e sustentei seu olhar.

— Não queria admitir, mas tem razão. Sim, a moça daquela noite sou eu — confessei de uma vez, sem paciência para tornar aquilo um tipo de joguinho.

— Contou isso ao meu tio na entrevista? — Franzi o cenho, estranhando seu questionamento.

— Deveria? Porque, se não notou, seria, no mínimo, bem estranho se eu chegasse dizendo que tivemos um momento infeliz naquela noite — retruquei.

— Claro que deveria, assim ele ficaria ciente que, se não nos simpatizamos num primeiro “encontro”, obviamente não teria que contratá-la, principalmente para cuidar de mim — evidenciou, praticamente comparando o meu lado profissional com o pessoal, o que não tinha nada a ver uma coisa com a outra.

O sangue ferveu em minhas veias, entretanto, consegui me conter, não transparecendo o grau em que suas palavras haviam me atingido.

— O que tem a ver o nosso primeiro “encontro” com o meu lado profissional? Afinal, se não me falha a memória, estávamos em

uma festa, não em meu local de trabalho, por exemplo — confrontei e soltei um riso amargo, abafadamente.

— Muita coisa — foi apenas o que disse, conseguindo me irritar ainda mais.

— Defina “muita coisa”. — Fiz aspas no ar com a minha mão livre ao finalizar.

Naquela altura, ele já não me olhava mais. Simplesmente retornou à leitura do livro que identifiquei ser o mesmo do dia anterior. Minha vontade era pegá-lo de suas mãos e dar na cabeça dele.

Serzinho ignorante! — xinguei mentalmente.

Voltei ao meu foco quando resolveu se pronunciar:

— Como se fosse uma inimiga. — Minha boca se entreabriu para lhe dar uma boa resposta, mas segurei minha língua a tempo.

— Inimiga? — interoguei, querendo que ele confirmasse o que havia acabado de falar.

— Sim. O que significa que...

O interrompi.

— Não sou burra. Sei muito bem o sentido dessa palavra, só não estou entendendo a parte onde me tornei uma inimiga por uma má impressão à primeira vista. — Não desviei meus olhos dele.

César soltou um riso descrente e meneou a cabeça em negativo, nem sequer a levantou.

— Se quer me ver dessa forma, tudo bem — dei de ombros, mesmo tendo ciência que não veria o meu gesto —, só tome cuidado, talvez, em poucos minutos, o veneno que coloquei no seu suco ou água começará a fazer efeito. — No mesmo instante, me direcionou um olhar duro e frio.

— Você não ousaria. — Apesar de não transparecer, percebi certa dúvida atravessar seus olhos.

— Ah! É verdade. Esqueci-me que o senhor já tem veneno o suficiente correndo pelas veias de tão arrogante que é — falei de

uma vez e, antes que ouvisse qualquer comentário da sua parte, saí do quarto e fechei a porta.

Recostei-me na parede ao lado, ouvindo-o resmungar o quanto eu era ousada e sorri. Logo me contive e inspirei o ar com força, cobrindo meu peito esquerdo com minha mão livre. Meu coração batia aceleradamente por conta da adrenalina presente em meu corpo.

Ao me ver mais tranquila, segui para a cozinha e encontrei a dona lara vasculhando na geladeira.

— Ouvi barulho de algo se quebrando, está tudo bem? — especulou ao me ver ali assim que terminou de pegar o que necessitava e fechou o eletrodoméstico.

— Deixei o copo cair sem querer. — Mostrei os cacos.

— Me dê isso aqui — pediu, e a entreguei.

— Preciso de uma pá e uma vassoura para recolher os farelos... — fui falando, colocando a bandeja na pia, e ela me

impediu de concluir.

— A Rita pode fazer isso, não se preocupe — me alertou e sorri naturalmente, decidida a não insistir.

Rita era quem cuidava da parte da faxina da casa com outras três mulheres. Dona Iara me conscientizou sobre isso ao chegar bem cedo no casarão. Além disso, existia um galpão na parte dos fundos da fazenda, onde a cozinheira, Dolores, com mais duas ajudantes preparavam a refeição dos demais funcionários do local.

Além das muitas cabeças de gado que tinham, também havia cavalos e plantações em partes estratégicas dessas terras. Era muito grande e estar aqui dava uma sensação de paz. Não sabia o porquê.

— Tudo bem — expressei, voltando a nossa conversa.

Dona Iara pediu licença rapidamente para pedir a Rita que fosse varrer os farelos dos cacos de vidro e retornou em seguida, avisando que ela já tinha ido fazer isso.

— E como ele está? — referiu-se ao César, voltando ao seu afazer.

— Penso que está melhorando. A senhora...

— Apenas lara, querida. Sem formalidades entre nós, por favor! — exclamou e rimos.

— Desculpa. É só questão de costume — pedi.

— Sei disso. — Gesticulou, focando em descascar os legumes depois de lavá-los.

— O senhor César não é muito de falar, portanto, só me disse que está melhor — comentei e comprimi meus lábios.

— Entendo. Começou a poucas horas, logo se acostumará com tudo aqui. — O modo com o qual falava, me trazia certa confiança de que aquilo aconteceria, todavia, a voz do César dizendo que não era para o tio dele ter me contratado me causava uma dúvida gritante quanto à pauta em questão.

— Assim espero — desejei, mesmo sabendo que, para esse bem-feito, teria de aprender a lidar com aquele ser ignorante. — Posso fazer uma pergunta? — Olhou-me rapidamente e seus lábios arquearam em um sorriso positivo.

— Claro! O que quer saber? — indagou.

Recostei-me ao seu lado na pia.

— O senhor César sempre foi assim, tão... arrogante? — Dona Iara balançou a cabeça em negativo.

Ajustei minha postura, ficando de frente para a pia e peguei uma batata. Precisava ficar um pouco distante daquele quarto ou ficaria louca, mas não demoraria tanto. Ela, então, começou a falar e foquei minha atenção nela.

— Ele é um bom homem e patrão, só está amargurado com todas as perdas que sofreu e, com esse acidente, acredito que piorou um pouco mais esse seu lado impaciente com tudo e todos — compartilhou.

— Não me recordo bem... hum... faz muito tempo que a esposa dele faleceu ou não? — Queria me inteirar sobre, mesmo sabendo que não era da minha conta e nem devia estar tão curiosa.

— Mês passado completou um ano. Ele ainda sente muito pela perda, não só...

Antes que terminasse, um rapaz alto, de porte atlético e muito bonito, entrou na cozinha.

— Desculpa atrapalhar — falou ao se aproximar de nós.

— Não está atrapalhando nada — dona Iara o tranquilizou, e ele sorriu lindamente.

Era muito belo. Não tinha o conhecido ainda.

— Você deve ser a Julie, a enfermeira do senhor César — procurou saber.

— Sim — confirmei.

— Prazer, sou o Théo. O assistente dele — apresentou-se e me ofereceu sua mão.

— Muito prazer. — Rimos meio sem jeito ao darmos um aperto de mão.

Recolhi a minha ao identificar que me encarou demoradamente e voltou a se pronunciar:

— Acabei de vir lá do quarto e ele não está com um dos seus melhores humores, como vem sendo ultimamente, porém, entendo que ficar preso a uma cama não deve ser nada fácil — se solidarizou.

— Verdade — anuí.

— Ahm... ele pediu que não fosse incomodado, então terei que aguardar um pouco mais para resolver alguns assuntos que preciso da opinião dele — conversou. — Vou para o escritório. Bem-vinda à equipe — descontraí, e sorri, vendo-o partir do cômodo.

— Ele é engraçado — comentei com dona Iara, que concordou.

Iniciamos outro debate, porque não queria ficar falando de coisas tristes, como a perda da esposa do senhor César.

Por volta do meio-dia, dona Iara preparou o prato do César e me entregou em uma bandeja com um copo de suco de laranja. Trilhei o corredor até chegar diante de sua porta e suspirei, agradecida ao ver estar apenas encostada. Com as mãos ocupadas, empurrei-a com um dos pés e entrei, deparando-me com César lendo outra vez.

— Não se aproxime. — Parei ao escutar seu comando.

— O que disse? — Definitivamente estava perdendo o último resquício de paciência que ainda me restava para lidar com aquele ser.

— Não quero que continue cuidando de mim.

Ele só podia estar brincando com a minha cara. *Haja santa paciência!*

— Não pode me demitir. Não foi o senhor quem me contratou, portanto, apenas o senhor Arthur pode fazer isso — desafiei.

Ignorei-o completamente e cruzei o restante do espaço, chegando até a mesinha que ficava ao lado da sua cama, depositando a bandeja em cima.

— Não estou com fome. Pode levar — recusou a comida quando peguei o suporte para colocar sobre suas pernas.

Arrastei uma cadeira e sentei-me com tudo, aguardando sua boa vontade em querer comer ou não.

— O que pensa que está fazendo? — ralhou.

— Esperando que aceite que não desistirei do meu trabalho, por mais que seja tão insuportável — escapuliu e pressionei meus lábios ao me dar conta da falta de filtro entre meu cérebro e boca.

— Do que me chamou? — Soou inconformado.

— Sério isso? Pensei que tivesse vindo cuidar de um homem que, por sinal, me disseram ter quase quarenta anos, mas acabo de

perceber que me enganei. É pior do que se houvessem me contratado para cuidar de um bebê. Suponho que seria até mais fácil. — Bufeí, cansada física e psicologicamente daquilo e olha que ainda era o primeiro dia.

— Não vou retrucá-la, se essa foi a sua intenção ao me comparar a um bebê. — Eu queria sorrir, todavia, me segurei para não o fazer.

— Então não se comporte pior que um — sugeri.

Olhei-o a tempo de vê-lo manter seus olhos em mim, algo que não demorou muito, pois os levou para longe no minuto seguinte. O silêncio imperou em meio ao ambiente, e admito estar quase me sufocando de tão chato estar em companhia de alguém tão orgulhoso. Pus-me de pé, pronta para deixá-lo sozinho novamente e, quando fiz menção de dar a primeira passada, sua voz me parou.

— Quero o almoço — ditou com um ar autoritário.

— Olha, não é por nada não, mas, em um dos estágios que fiz na outra cidade, os idosos que cuidei eram bem mais educados — supus e não me movi.

César pressionou sua têmpora enquanto suas narinas inflaram e inspirou o ar, soltando-o na sequência pesadamente.

— Pode me dar o meu almoço, por favor? — disse, esforçando-se para ser educado.

Sorri vitoriosa.

— Bem melhor agora — anunciei, e ele revirou os olhos, mantendo uma expressão irritada.

Coloquei o suporte abaixo da bandeja e ajustei sobre seu colo.

— Tenha um bom apetite — desejei e abandonei seus aposentos.

Não via a hora de ir embora. Esse dia valeu por mais de um mês, só pelo grau de paciência que tive de usar para não cometer

um assassinato. *Urgh!*



CAPÍTULO 9

CÉSAR MAZZA

Depois de ser deixado sozinho para almoçar, bufei, me sentindo extremamente impaciente com aquela situação. Inicialmente não havia concordado em ter uma babá para cuidar de mim, e isso não mudou, principalmente se tratando da Julie. Precisava falar com o meu tio a respeito dela.

Ao terminar minha refeição, coloquei a bandeja ao meu lado sobre a cama e recostei minha cabeça contra os travesseiros, um pouco mais altos, e mirei o teto, pensando no que a minha vida e os dias tinham se transformado. Em certo momento, bocejei e ajustei meu tronco cuidadosamente. Conforme o tempo ia se passando, as dores em meu corpo também amenizaram.

Em algum instante, acabei pegando no sono. Acordei ao escutar a porta se abrindo e não fazia ideia de quanto tempo dormi. Esfreguei meu rosto, fixando meus olhos na figura da minha enfermeira, que me encarava aos pés da cama com aqueles olhos grandes e azuis.

— Algum problema? — indaguei, fitando-a.

— Nenhum — deu de ombros —, Danilo virá ajudá-lo com o banho e, quando estiver pronto, cuidarei dos seus curativos — avisou.

— Tudo bem — mencionei, e ela comprimiu seus lábios, meio sem graça, e saiu, deixando-me sozinho.

Pressionei entre meus olhos e mirei ao meu lado. A bandeja que deixei ali ao concluir o almoço já não estava no mesmo lugar. Respirei fundo ao me dar conta que ela entrou no quarto para recolhê-lo e nem sequer notei.

— Obrigado pela ajuda — agradei ao Danilo quando me entregou uma das minhas camisas e a vesti.

— Que isso, patrão. É um prazer lhe ser útil — descontraiu e rimos. — E como está hoje? Melhor? — Especulou e arrastou uma cadeira, sentando-se ao meu lado na cama.

— Bem melhor que ontem. A cada dia que se passa, me sinto menos dolorido — respondi.

— Hum... Isso é bom. Quero o patrão curado e forte novamente, preferencialmente correndo por essas terras — expôs, e sorri em agradecimento.

— Não sabe o quanto anseio por isso — soltei o ar exasperado.

— Tenha paciência. Logo poderá, ao menos, levantar dessa cama e ir lá fora pegar um solzinho. Aliás, está precisando, hein!? — Soou zombeteiro, o que me proporcionou uma risada divertida.

— E a fazenda, tudo nos eixos? — referi-me à plantação e aos animais.

— Sem qualquer problema, não se preocupe com isso, apenas em ficar bom quanto antes — sugeri.

— Ok. — Me dei por vencido.

Nossa atenção se voltou para a Julie assim que adentrou, surgindo em nosso campo de visão.

— Imaginei que tivessem terminado e vim fazer seus curativos — frisou, mostrando a maleta em uma das suas mãos.

— Como já terminei aqui, melhor eu ir. Preciso verificar alguns animais com a Ana. Falando nisso, patrão, o gado do leilão chega amanhã e tô que não me aguento para observar os bichos de pertinho — expressou sorridente.

— Já que não posso ir até lá, faça algumas filmagens e me mande — ditei.

— Pode deixar, patrão. Melhoras aí! — Assenti, grato por suas palavras e ele pediu licença, levantando-se da cadeira e abandonou o quarto na sequência.

Julie, então, ajustou a cadeira próxima ao meu pé esticado sobre a cama e abriu a maleta. Observei cada ato dela enquanto

tirou o curativo da perna com cautela. De repente, me senti incomodado pelo silêncio presente em meio ao ambiente.

Sempre amei ficar solitário em minha própria companhia e pensamentos, no entanto, agora aquele não era o caso. Talvez por ela ser bastante falante ou me desafiar estivesse sentindo falta disso. Não sabia explicar com clareza, porém, logo vi que só podia estar delirando ao cogitar tamanha possibilidade.

Depois de tirar o curativo, pegou um pedaço de algodão, molhando-o em um líquido marrom e pincelou cuidadosamente pelos pontos. Não doeu nada, dado ter sido suave. Continuei olhando-a até seus olhos se chocarem com os meus.

Desviei-os para os pontos em minha perna e iniciei uma conversa:

— Acredita que logo estarei bom e poderei sair desse quarto?

— indaguei, querendo saber a sua opinião.

— Tenho certeza de que sim, caso continue seguindo tudo que o seu médico lhe passou — enfatizou. — Os pontos estão secando conforme o esperado, apesar de ainda estar bem recente e, por conta disso, vou fazer outro curativo e amanhã veremos como estará. Se ocorrer como o previsto, deixá-la-ei livre, até para que a cicatrização seja mais rápida ao ar livre, só não poderá se esforçar tanto — ouvi atentamente, contente pela sua informação.

— Tem certeza disso? — duvidei.

— Sim e, se quiser, posso levá-lo até a varanda do casarão, quem sabe assim não se sinta menos estressado e arrogante — insinuou, e estreitei meus olhos em sua direção, arrancando-lhe uma risadinha descontraída.

— Ainda não desisti da ideia de demiti-la — confessei, e seu sorriso se desfez no mesmo instante.

Julie tornou-se séria e pensativa.

— O que o senhor Arthur decidir, cumprirei, não se preocupe — dito isso, terminou o curativo em minha perna e, ao analisar os pontos em minha cabeça, disse que não era necessário ficar abafado e o deixou sem fazer outro curativo. Notei-a tensa ao finalizar seu trabalho e saiu, me deixando sozinho. Julie era boa no que fazia, constatei bem isso, mas continuava com a ideia fixa de não precisar de uma babá durante o dia.

Poucos minutos depois, ela retornou com mais medicamentos e os tomei, vendo-a conferir o horário em seu relógio.

— Se deu o seu horário, já pode ir — ordenei, e ela mordeu o canto interno da boca.

— Não se incomode com isso, já estou de saída. Melhoras — proferiu em tom baixo e partiu.

Pelo modo impassível como a moça deixou o quarto, julgava que amanhã nem se dignaria a voltar aqui, e seria bom se acontecesse.

— Como foi o dia tendo a nova enfermeira para cuidar de você? — Meu tio acabou de chegar para uma visita rápida.

— Quero que a demita. — Ele me lançou um olhar duro, demonstrando sua falta de contentamento mediante o meu pedido.

— Acaso ela te tratou mal ou coisa parecida? — sondou.

Suspirei alto e retirei os meus óculos de grau, pausando a minha leitura da noite.

— Não — neguei.

— E por qual motivo cogitou que eu demitira a moça por um simples pedido seu? — enfatizou.

— Eu disse desde o início que não queria uma babá. Não sou criança, posso me virar como der — voltei a insistir.

Senhor Arthur pôs-se de pé e bateu a cadeira contra o piso ao sustentá-la e soltá-la na sequência.

— Juro que estou perdendo a paciência contigo. Não é possível que ainda seja tão orgulhoso ao ponto de retroceder em ter aceitado que contratássemos essa moça para ajudá-lo — ralhou, inconformado.

— Eu não aceitei... quer dizer, o senhor me pressionou a reconsiderar — expus, consternado.

— Então me dê só um único e mísero motivo convincente o bastante para demiti-la — exigiu, sustentando o meu olhar com afinco.

Olhei um ponto qualquer e minha mente pipocou com lembranças das desavenças que tive com a Julie ao descobrir que ela era a mesma moça com quem discuti na mesma noite que sofri o acidente.

— Vamos! Estou esperando — pressionou.

Sacudi minha cabeça, livrando-me daquelas recordações e inspirei o ar profundamente, soltando-o gradualmente, até livrar

completamente os meus pulmões.

— Nós já nos conhecíamos — confessei de uma vez.

— Se conheciam? De onde? — Curioso, o vi se acomodar novamente na cadeira e me fitou, esperando que esclarecesse aquela pauta.

Contei tudo, desde o momento em que ela derramou o vinho em mim e o modo com o qual a tratei antes de sair da sua presença naquela noite.

— Então fiquei com uma má impressão dela e não a quero na minha casa, principalmente cuidando de mim — persisti.

— Senhor, dai-me a santa da paciência! — exclamou, esfregando o rosto em seguida e bufou. — E o que tudo isso tem a ver com ela trabalhar aqui? — interrogou.

— Não escutou nada do que falei?

— Sim, só não estou...

— Aquela enfermeira tem a língua solta. Desafia-me a todo momento. Acredita que ela me chamou de ser arrogante e ainda me comparou a um bebê, dizendo que se eu fosse um seria até mais fácil de cuidar? — A princípio, pensei que o tivesse convencido a demiti-la.

— A Julie fez isso? — questionou.

— Sim — afirmei, descontente.

— Ela o chamou de arrogante com todas as letras?

— Por que está...

Antes de concluir, meu tio se ajoelhou no chão e contemplou os céus, olhando para cima com as mãos para o ar.

— Senhor, muito obrigado! Não sabe como já amo essa garota. — Meus olhos tomaram uma proporção maior do que já tinham, tamanha era a minha incredulidade com o que presenciei vindo do meu tio.

— O quê? Dei todos os motivos plausíveis para demiti-la e me deparo com o senhor dizendo que ama aquela garota ousada? — Sorridente, meu tio se levantou ao apoiar-se na beirada da cama, e me olhou nos olhos firmemente.

— Era de alguém assim que estava precisando, que lhe dissesse umas verdades. Não vou demiti-la. Está decidido — declarou.

— Tio...

Queria fazê-lo com que mudasse de ideia, porém, não obtive sucesso.

— Não há espaço para este assunto ser discutido outra vez. Espero que se dê por vencido — determinou.

— Saiba que está indo contra o quero, portanto, não pagarei aquela garota, já que foi o senhor quem a contratou — falei seriamente.

— Ora essa, meu sobrinho. Se eu a contratei, pagarei o salário dela sem nenhum problema. — Inconformado com o que disse, estreitei meus olhos em sua direção, demonstrando minha insatisfação.

— Não pode estar falando sério. — Balancei a cabeça em negativo, recusando-me a crer em suas palavras.

— Claro que estou e sabe muito bem disso, mas, se prefere acreditar que não... — E deu ombros, deixando a frase inacabada. — Sendo bem sincero, suponho que, depois dessa, vou até providenciar um bônus para ela. Essa garota é ótima! — expressou, admirado.

Meu sangue ferveu em minhas veias.

— Acha ela ótima por confrontar o próprio patrão? Como? — questionei, injuriado.

— Patrão? Acabou de dizer que não pagará o salário da moça, portanto, é apenas o sobrinho do patrão dela. E, sim, adorei

saber que ela não leva desaforo para casa, afinal, se não percebeu, até agora, pelo que me falou, a meu ver, não passa de um grosseirão para o lado da moça. Deveria se envergonhar disso, sabia? — advertiu.

— Engraçado... aquela ousada me confronta, e eu sou o grosseirão agora — murmurei, incrédulo.

— Deixe a Julie fazer o trabalho dela e seja mais grato, porque, se ela pedir para sair, juro que lavo minhas mãos — ameaçou e girou sobre suas botas, que tanto amava usar.

— Se ela fizer isso, agradeço — externei.

Senhor Arthur parou no meio do quarto e limitou-se a virar em minha direção.

— Reze para ela não fazer isso, do contrário, não me verá mais aqui com tanta frequência e, nessa altura, terá mesmo que se virar sozinho — rugiu e saiu sem se despedir.

Porra! — praguejei, sentindo-me derrotado.

NO DIA SEGUINTE...

Minha noite não poderia ter sido a pior possível. Depois da ida do meu tio, levei bastante tempo para dormir. Na verdade, peguei no sono no meio da madrugada e, se o meu humor era ruim tendo uma longa e maravilhosa noite de sono, a falta disso o arruinava ainda mais.

Devido ao calor que senti pela madrugada, tirei minha camisa, ficando com o peitoral desnudo. Ainda sonolento, cuidadosamente ajustei minha postura sobre o colchão e movi minha perna, arrastando-a com cuidado um pouco para o lado. De repente, uma ideia me veio na cabeça e sorri, pensando que seria uma boa.

Precisava mostrar ao meu tio que podia me virar e não precisava de babá alguma.

Entre uma careta e alguns resmungos, consegui arrastar minha perna para fora da cama, sustentando-a para não a firmar no chão e, após me segurar na mesinha de cabeceira, tomei uma respiração profunda, criando coragem o suficiente e me ergui, pondo todo o meu peso sobre a perna sadia. Para a minha surpresa, bombeei para o lado, sentindo uma dor aguada atravessá-la e urrei de dor, caindo de lado no colchão.

— Ahhh!

Segurei no alto da minha coxa justamente da perna operada quando senti a panturrilha bater contra a lateral de madeira da cama. Lágrimas não derramadas brotaram em meus olhos e inspirei e expirei o ar, tentando controlar a vontade de chorar por conta daquela tortura. Quando menos esperei, a porta rompeu-se num solavanco e Julie estancou no lugar.



CAPÍTULO 10

JULIE

— Ele quer me demitir. — Soltei uma baforada de ar e joguei-me sobre minha cama, agradecendo aos céus pelo banho recém-tomado ter tirado um pouco da tensão existente em meu corpo por ter se acumulado durante o dia difícil que tive cuidando daquele brutamontes chamado César. *Argh!*

— O quê? — Luara estava tão ou mais surpresa do que eu do outro lado da linha.

— Disse exatamente isso — reafirmei e mirei o teto do meu quarto, cheio de desenhos de estrelinhas.

Quando adolescente, insisti para os meus pais colocarem um papel de parede que tivessem várias no teto. Amava me deitar aqui, principalmente à noite, antes de dormir, e fitá-las, pensando na vida, me perguntando mentalmente o que estaria concretizando alguns anos mais tarde.

Deixei minhas divagações de lado ao voltar a escutar sua voz e mantive o foco em nossa conversa.

— Tudo bem que não se deram bem à primeira vista, mas ser tão orgulhoso ao ponto de querer sua demissão, certo de que não precisa de ajuda, é, no mínimo, muita grosseria. Que cara babaca! — pontuou, xingando-o no final, e soltei um riso abafado.

— Também acho, mas aguardarei que o senhor Arthur decida se vai mesmo me demitir ou não. — Suspirei baixinho, entristecida por saber que talvez amanhã eu chegue na fazenda e seja dispensada.

Fechei meus olhos e pressionei minha testa. Tinha que começar a pensar em alternativas e o único jeito seria ir para a outra cidade à procura de um trabalho em minha área. Uma hora as coisas dariam certo para mim, cria nisso.

— Bom, conhecendo bem o meu patrão, suponho que não vá fazer isso. Ouvi a dona Raissa dizendo que o senhor Arthur anda impaciente com o sobrinho. Pode ser que ele nem dê ouvidos ao César — informou.

Abri minhas pálpebras perante sua declaração e mordi o canto interno da boca, fazendo um biquinho pensativo.

— Será? — duvidei.

— Acredito que sim, mas amanhã terá certeza disso — me lembrou.

— É verdade — soltei o ar pesadamente.

— Não fique triste. Se não der certo, não era pra ser. Logo arranjará outro trabalho e ficará tudo bem — supôs e me virei de lado, abraçando meu outro travesseiro.

— Obrigada. Sou grata por tê-la, não só como prima, mas uma conselheira que não me deixa desanimar. — Esbocei um riso contente, olhando um ponto qualquer do cômodo.

— Somos irmãs de mães diferentes, se esqueceu? — brincou, e me arrancou um sorriso divertido.

— Não me esqueci — mencionei, rindo.

— Hum... que bom. Agora caçarei algo para comer na cozinha. Minha mãe fez um bolo de calda de chocolate. — Soltou um gemido em meio à ligação, e não contive a gargalhada.

— Isso soou estranho — salientei e sorri um pouco mais.

— Não soou, não. Você que tem a mente pervertida e fica imaginando o que não deve nas horas erradas — me acusou e rimos.

— Não mesmo — neguei, amenizando o meu divertimento.

— Bom, desligarei agora. Não deixe de me manter informada amanhã, tudo bem? — pediu, e comprimi meus lábios.

— Tudo bem. Obrigada! — agradei ao concordar e nos despedimos.

Encerrei a ligação e abandonei o celular sobre o colchão. Meus pais ainda estavam na panificadora e, pelo meu temperamento não estar tão bem, decidi ficar no meu quarto. Desgostosa com a vida, não tinha fome naquele instante.

Permaneci deitada e peguei meu celular, escolhendo um filme em um novo aplicativo que decidi baixar e comecei a assistir. Era uma comédia romântica. Adorava assistir aos gêneros do tipo,

sonhando acordada, já que a minha realidade nem podia ser comparada a nada relacionado a isso.

Distraída, ouvi quando giraram a fechadura da porta e pausei o filme, olhando para trás, deparando-me com a minha mãe, que me lançou um imenso sorriso, porém, ao perceber que comprimi meus lábios em resposta, sua expressão mudou para preocupada. Arrumei-me sobre a cama, e ela sentou-se ao meu lado, acariciando um lado da minha bochecha carinhosamente. Em silêncio, ofereceu-me seu colo e deitei a minha cabeça nele.

— Pensei que chegaria e a encontraria sorrindo pelos quatro cantos dessa casa por conta do seu primeiro dia de trabalho, mas não é isso que estou vendo — observou.

Não tinha como esconder nada dela. Dona Matilde me conhecia melhor do que eu mesma.

— Nem imaginei que o meu primeiro dia de trabalho seria tão... desgastante, mãe — fui sincera.

— Quer conversar? — interrogou, inquieta, e tirou uma mecha de cabelo do meu rosto, prendendo-a atrás da minha orelha.

Depois de aspirar o ar diversas vezes, reordenando os meus pensamentos, comecei a falar. Contei tudo, desde a minha chegada na fazenda, até sair de lá tendo a sensação de que executei bem o meu trabalho, no entanto, não o suficiente para passar uma boa impressão ao senhor César. Ele era um ser arrogante e orgulhoso, afinal, o que queria?

Que levasse desaforo para casa? Não mesmo!

— Está mesmo triste porque talvez perca esse trabalho? Se fosse você, eu que pediria demissão! — expressou, e me levantei do seu colo, pondo-me ao seu lado, rente à cabeceira da cama.

— Mãe! — repreendi, e ela deu de ombros.

— Gostei de saber que o tenha confrontado, contudo, não constato a necessidade de continuar se sujeitando a se estressar dessa maneira com um cavalo como esse tal César. Temos a

panificadora e, enquanto não arranja um trabalho na sua área e que realmente valorizem a profissional que é, pode ir nos ajudando. Prometo que colocarei nas minhas intenções diárias que os céus te abram novas portas — externou com tanta alegria que quase me convenci de pedir mesmo demissão.

Sorri do apelido que ela deu ao César e peguei suas mãos nas minhas, amorosamente.

— Concordo não haver precisão da minha parte tolerar alguém tão difícil como ele, em contrapartida, anseio trabalhar — insisti.

— E qual problema de trabalhar conosco na panificadora? Entendo que queira exercer sua profissão, o que não dá é vê-la sair daqui tão feliz e chegar ao final do dia, retornar para casa como se o mundo tivesse desabado sobre sua cabeça. — Ofereci-lhe um meio-sorriso.

— Não existe nenhum problema em eu ter que trabalhar com vocês, mãe. Só quero a minha independência. De antemão, já aviso que não pedirei demissão. Continuarei lá, o César que me agunte.

— Minha mãe não ficou nada contente, pois meneou a cabeça em negativa.

— Deveria dar-lhe o que tanto deseja e deixá-lo se virar só! — enfatizou, e sorri, entendendo sua chateação.

— Na minha área, é bem comum cuidarmos de pessoas assim, que não aceitam de forma alguma que necessitam de ajuda. Cabe a mim aprender a lidar com isso, não permitindo que atrapalhe a minha profissão. O César quer isso, que eu me demita, mas ele não tem a mínima ideia de que sou persistente em tudo que faço, literalmente — expliquei, tentando fazê-la entender o meu ponto de vista sobre este assunto.

— Você verdadeiramente nasceu para isso, porque eu não teria um terço de toda essa sua paciência. Eu teria mandado esse tal

César ir tomar no olho do... — Cobri sua boca com uma das minhas mãos e caímos na gargalhada.

— Mãe! — exclamei, e ela sorriu mais um pouco.

— Ok, não direi mais nada. Se decidiu continuar, tudo bem — compreendeu, e contive minha risada, puxando-a para um abraço apertado.

— Eu te amo tanto! Obrigada por todo apoio, mesmo não concordando cem por cento — expressei, deixando-a ciente do meu sentimento por ela.

— Também te amamos, minha filha. Muito. — Intensificou o nosso abraço, e meu coração transbordou de amores.

NO DIA SEGUINTE...

— Leve isso. Quem sabe não melhora o humor do cão daquele cavalo. — Dona Matilde atravessou a porta da cozinha tendo uma cesta em mãos e pousou sobre a mesa. Estava terminando o meu café da manhã para ir para a fazenda.

Abri a cesta coberta com um pano de prato e havia “sonhos”, alguns de doce de leite e outros de chocolate.

— Imaginei que quisesse que eu pedisse demissão e o deixasse se virar só, agora manda sonhos para ele? Não entendi — comentei o que achava da sua postura repentina.

Quando iria me responder, a voz do meu pai retumbou no ar, entrando no cômodo.

— O que não entendeu, querida? — indagou, beijando o alto da minha cabeça carinhosamente. — Bom dia! — me saudou.

O cumprimentei de volta e pedi-lhe a *bença*, e ele me abençoou.

— Então, do que estavam falando? — Sentou-se à mesa e serviu-se com um pouco de café numa xícara, olhando de mim para a minha mãe em seguida.

— Não foi nada, a mamãe só... — Pausei, sem uma desculpa para dar.

— A Julie levará alguns sonhos para o patrão para ver se adoça o humor dele — minha mãe confessou.

Meu pai me olhou fixamente e sabia que minha mãe havia contado tudo que lhe disse para ele.

— Se ele continuar sendo grosseiro com você, me avise, porque, na próxima, vou pessoalmente lhe dizer poucas e boas — alertou.

— Pai, por favor! — Bufei, contrariada. Ele ainda me tratava como se eu não pudesse me defender sozinha. — Sou madura o suficiente para tratar dos meus assuntos — esclareci.

— Não me importa. Está avisado — disse, terminando seu café e se erguendo da cadeira. — Tenha um bom trabalho. Voltarei à panificadora, seu irmão ficou sozinho — despediu-se, e desejei-lhe o mesmo.

Bati a porta do carro depois de recolher a minha bolsa e a cesta, e empurrei a cancela da fazenda. Inspirei o ar puro daquele lugar e uma paz reinou em meu interior, por mais que soubesse que, ao atravessar aquela entrada do casarão, mais um dia turbulento me esperava ou apenas seria despedida mesmo. Soltei o ar de uma vez e sacudi a cabeça, querendo manter meus pensamentos positivos. O vento soprou meus cabelos e os ajeitei, prendendo-os com o elástico que levei preso a um dos meus pulsos.

Ainda parada, admirei o céu intensamente azul e fiz uma pequena prece, pedindo aos céus que tudo ocorresse bem. Apesar de o senhor César ser grosseiro, queria o trabalho e com isso adquirir mais um pouco de experiência. Certa sobre isso, marchei até os degraus, subindo-os, e deparei-me com a dona Iara saindo.

Nos cumprimentamos e ela informou que iria até o galpão que ficava atrás do casarão. Também me passou que o café da manhã do César já estava pronto em cima da mesa, como o de costume, e assenti, vendo-a dar a volta, seguindo seu percurso.

Entrei e fechei a porta. Cruzei a enorme sala de estar e cheguei até a cozinha, depositando a cesta em cima do tampo de madeira. Sorri ao ver a bandeja organizada para ser levada para o senhor César e peguei alguns sonhos da cesta, colocando-os junto.

— Tomara que sirva pra melhorar o humor dele — murmurei, distraída.

— Está falando sozinha? — Dei um sobressalto ao escutar uma voz masculina próxima ao meu ouvido.

— Meu Deus! — exclamei, assustada e, com uma das mãos, segurei-me na beirada da mesa, enquanto a outra parou sobre meu peito esquerdo. Meu coração batia rapidamente.

Théo prostrou-se em minha frente com aquele olhar e pose galanteador e se aproximou um pouco mais.

— Desculpe-me. Não foi a minha intenção te deixar neste estado — preocupou-se e sorriu meio sem jeito.

— Tudo bem — proferi e respirei fundo, recuperando meus sentidos outra vez. — Bom dia para você também — debochei e daquela vez rimos divertidos.

— Bom dia, Julie — respondeu e manteve seus olhos nos meus por mais tempo do que o normal. — Já vou, preciso cuidar dos meus afazeres — avisou ao piscar seus olhos esverdeados consecutivas vezes.

— Vai lá — proferi, e ele partiu.

Fui até o quartinho nos fundos, troquei pelo conjunto todo branco que usava e saí ao concluir. Estava atravessando o corredor, fazendo o caminho de volta para a cozinha quando escutei um barulho vindo do quarto do senhor César seguido de um urro, similar à como se estivesse sofrendo. Apressei meus passos e rompi a porta, entrando rapidamente e estanquei no lugar ao ver seu rosto avermelhado enquanto segurava a perna operada.

— O que aconteceu? — indaguei, tentando entender aquela cena na minha frente, e movi, ajoelhando-me próximo a sua perna. A princípio, ele optou pelo silêncio e, quando verifiquei seus pontos, um deles havia começado a sangrar, porém, nada tão preocupante. Só precisava saber como aquilo ocorreu.

— Não foi nada — falou entredentes e deu para notar que sentia bastante dor.

Era nítido que estava mentindo. Pela posição que se encontrava, julgava ter tentado se levantar sozinho.

Que homem teimoso! — pensei.

— Algum problema por aqui? — Théo surgiu em meio ao cômodo, chamando a nossa atenção, antes mesmo que insistisse que ele falasse a verdade.

O senhor César grunhiu, como se reprovasse sua intromissão.

— Sim. Escutei um grito dele de dor pelo corredor e vim correndo. Me ajude a ajustar sua postura rente à cabeceira da cama, por favor — solicitei.

— Claro! Bom dia, patrão — Théo disse ao se aproximar e recebeu apenas uma baforada de ar como resposta.

Havia esquecido de estar lidando com alguém tão rude.

Ao terminarmos de arrumá-lo sobre o colchão, agradei a ajuda do Théo, que disse que sempre que precisasse, poderia contar

com ele e saiu.

— Sente-se melhor nessa posição? — questionei, colocando alguns travesseiros atrás dele e o guiei e amparar suas costas contra eles na sequência.

— Um pouco. — Olhei-o, constatando que não mantinha mais uma careta de dor, o que significava sinceridade de sua parte.

Só então caí em mim e meus olhos desceram, dando-me conta do seu peitoral desnudo, que, por conta da preocupação instantânea em ajudá-lo, nem sequer percebi. Foi impossível conseguir tirar meu olhar dele tão agilmente. No entanto, logo me obriguei a sair do meu torpor, lembrando-me que o que ele tinha de lindo e tesudo, existia o quíntuplo de arrogância. *Argh!*

— Pegarei a maleta para limpar esse ponto e o senhor me explicará o porquê de isso ter acontecido — avisei, e desviou seus olhos de mim, dando-me mais certeza de que havia feito algo que não devia.



CAPÍTULO 11

CÉSAR MAZZA

Enquanto a enfermeira se concentrou em limpar o ponto que começou a sangrar, peguei-me pensativo, focado em seu jeito delicado de ser, apesar de um tanto ousada, como demonstrou ontem quando me desafiou. Ela ainda não perguntou como parei daquele modo sobre a cama. Esfreguei meu rosto ao me dar conta que tinha de bolar alguma mentira.

— Acreditei que não viria mais hoje. Que pediria demissão — disse, externando meus pensamentos.

Ela esboçou um riso sarcástico.

— Terá que se esforçar um pouco mais, caso queira mesmo que eu peça demissão do trabalho. — Encarou meus olhos e riu.

— Falei com o meu tio — soltei repentinamente e a vi ficar séria ao me escutar.

— Provavelmente ele me chamará mais tarde para me dar as contas, se for o caso — proferiu, não dando muita importância.

Finalizou a limpeza do sangue no ponto e arrumou as coisas na maleta.

— Deveria estar mais preocupado em se manter quieto, seguindo as restrições do médico para não se esforçar e melhorar logo, visto que deseja tanto ao menos ir lá fora. Porém, me parece que não quer muito isso — deduziu.

Porra! Como ela sabia que me esforcei?

— Como soube que...

Julie me interrompeu.

— Os pontos não sangrariam se o único motivo não fosse esse, afinal, ontem os analisei antes de ir embora e estavam cicatrizando bem — expôs.

Soltei uma baforada de ar.

— Julguei que conseguiria me colocar de pé, mas me enganei — confessei.

— Espero que, depois dessa prova, enfie de uma vez por todas no seu cérebro que não é vergonhoso ou qualquer outra coisa ser ajudado, pelo contrário. Em algum momento na vida, será imprescindível não necessitar disso. Não lhe fará mal nenhum se deixar o seu orgulho de lado e reconhecer isso — aconselhou-me.

— Meu tio vem dizendo o mesmo — externei ao me recordar.

— E ele não está errado — evidenciei ao concordar com meu tio. — Deveria deixar de ser um bebê e começar a se portar como

um homem de quarenta anos, não acha? — Franzi o cenho, mirando seus olhos com um ar debochado. — Guardarei isso e retornarei com o seu café da manhã — se adiantou em falar, abandonando o quarto rapidamente em seguida.

Ela sabia que iria retruca-la e acabou se retirando antes de isso acontecer.

Olhei ao redor e suspirei alto, recostando a minha cabeça contra a cabeceira da cama. Minha perna latejava e os pontos também. Depois de muito cogitar, cheguei à conclusão que deveria começar a aceitar e levar tudo isso tranquilamente.

Como a Julie mesmo falou, queria ficar bom e sair desse quarto. Me via como um prisioneiro sem ao menos sair dessa cama. Pressionei meus lábios ao decidir estar mais que na hora de encarar a minha recuperação com responsabilidade e muita paciência.

Com isso em mente, peguei a camisa sobre o colchão e a vesti, então minha atenção se voltou para a porta quando ela a

atravessou com a bandeja de café da manhã em mãos, pondo-a sobre a mesinha ao lado da cama. Seguiu até o banheiro e trouxe minha escova e o recipiente contendo água para fazer a higienização da minha boca. Enquanto escovava, Julie sentou-se numa cadeira no lado oposto e aguardou, evitando mirar na minha direção.

Depois de concluir, recolheu as coisas, levando-as para o banheiro e retornou, ajustando a bandeja sobre o meu colo. Peguei o copo com suco de limão e vi num dos recipientes algo incomum de estar no meu desjejum.

— Sonhos? — proferi, estranhando.

Julie permaneceu de pé, próximo à cama.

— Eu não perguntei antes, mas espero que goste. — Arqueei uma sobrancelha, e ela juntou seus lábios em um sorriso ameno.

— Está brincando? Quem não ama sonhos? — questionei, incrédulo por ela pensar que não gostaria disso.

— Sendo assim, fico mais tranquila. — Gesticulou, levando sua mão sobre o peito esquerdo e soltou uma baforada de ar.

— Trouxe da panificadora da cidade? — adivinhei.

— Sim. Estavam quentinhos quando minha mãe os me entregou para trazer — confirmou.

Mordi um dos sonhos e me delicieei com a textura do pão, recheio e sabor.

— Hum... delicioso! — exclamei depois de gemer de satisfação.

Coloquei o restante na boca e fitei Julie, que mirava os meus lábios. Ciente do seu olhar em mim, passei meu polegar na lateral da boca e limpei resquícios do recheio que grudaram em minha barba. Chupei o dedo na sequência, sendo acompanhado por seus olhos grandes e azuis, como se estivessem hipnotizados.

— Ahm... e-eu vou deixá-lo sozinho. Desculpe-me — pediu ao se dar conta do que fazia, e sorri, vendo-a girar o seu corpo, todavia,

a chamei:

— Não vá — ditei, fazendo-a cessar seus passos.

Sabia que não aguardava por aquele meu pedido, no entanto, havia colocado em minha cabeça que mudaria e não foi em vão. Realmente faria isso, a iniciar de agora.

— Eu ouvi direito? — interrogou, tendo um olhar desconfiado.

Soltei um riso abafado.

— Sim. Não gosto de ficar sozinho nesse quarto, é sufocante — declarei.

— Até ontem gostava — me lembrou.

— Na verdade, fingia gostar ou simplesmente não tinha ninguém com quem pudesse conversar para passar o tempo. Agora não, tenho uma enfermeira — argumentei.

— Isso é estranho, mas ficarei, afinal, é o meu trabalho cuidar de um certo... bebezão — caçoou e foi capaz de me arrancar uma risadinha.

— Do que me chamou? — perguntei.

Naquela altura, Julie já tinha se sentado na cadeira próxima à lateral oposta da cama.

— Nada não. — Fez uma careta e sorri mais um pouco.

Ela me fitou.

— Fica bonito sorrindo, deveria fazer isso mais vezes — expressou.

Na mesma hora, juntei meus lábios em linha reta, ficando um pouco sem graça perante o seu elogio e voltei a focar em comer outro sonho.

— Desculpa, eu não quis ser invasiva — notou.

— Não foi. É que... tem muito tempo que não sorrio tão espontaneamente sem ser com o meu tio, Raissa ou alguém do meu convívio social, como algum dos meus funcionários ou amigos da cidade — externei.

— Apesar de até ontem não nos darmos nada bem, admito que fiquei feliz por saber que o ajudei nessa parte também — comunicou em meio a um sorriso.

Assenti de acordo com suas palavras e sorvi um pouco do suco.

— Me fale mais de você. Seus pais moram na cidade? — quis saber.

— Não tem muito o que falar de mim. — Fez um biquinho, pensativa. — Sim. Meus pais e irmão moram na cidade. Tem uma panificadora e...

Antes de concluir, a interrompi.

— Não acredito que é filha dos donos daquela panificadora — comentei, surpreso.

Julie riu docemente.

— Sou — afirmou.

— Anteriormente, disse que sua mãe lhe entregou essas maravilhas para trazer e nem sequer cogitei essa possibilidade — associei. — São ótimos! Ela quem os fez? — questionei, referindo-me aos sonhos.

— Na verdade, minha mãe ajuda e sabe, mas quem comanda a cozinha na panificadora é o meu pai. — Ficou nítido o brilho intenso que se formou em seus olhos ao falar deles.

Abaixei minha cabeça ao me recordar dos meus e meu coração se comprimiu no peito. Sentia muita falta dos dois, além da Suzana. Soltei o ar pesadamente.

— Está tudo bem? De repente, ficou entristecido — observou.
— As dores...

— Estou bem. Quer dizer... me lembrei dos meus pais, visto que não os tenho mais há muitos anos — contei.

— Ah, sinto muito — disse meio sem jeito.

— Tudo bem. É o percurso natural da vida, infelizmente —
lamentei.

— É verdade — apoiou.

Por alguns instantes, o silêncio reinou entre nós.

— Minha mãe disse para trazê-los com o intuito de adoçarem
a sua vida. — Mirei seus olhos diante daquela revelação e finalizei o
lanche.

— Adoçar minha vida? — Me fiz de desentendido.

Julie levantou-se e pegou a bandeja, rindo naturalmente.

— Talvez eu tenha contado o modo como certo paciente me
tratava até um dia atrás — salientou.

Gargalhei alto, e Julie virou-se para mim na mesma hora.

— Certamente deve ter me xingado — enfatizei ao me conter.

Julie ainda me encarava e riu, vindo até mim.

— Claro que o fez, mesmo assim, te mandou algo delicioso
para comer — evidenciou.

Entregou-me um copo com água e os medicamentos que havia trazido na mesma bandeja do café da manhã.

— Agradeça-lhe por mim — expressei, sincero.

Sorriu e meneou a cabeça em positivo.

— Farei isso — pronunciou e lhe dei o copo ao concluir.

Inusitadamente, o dia havia passado mais rápido, diferentemente dos outros, desde que saí do hospital, que pareciam se arrastar. Não sabia ser por conta de ter resolvido aceitar minha real condição e me empenhar para minha melhora ou pela conversa satisfatória que tive com a Julie na parte da manhã. Além disso, ela me fez companhia no almoço e no lanche da tarde também. Confesso que foi bom ter alguém por perto, mesmo não se tratando do meu tio, a Raissa ou o Danilo, com os quais costumava ser mais

aberto e, neste instante, ainda não cheguei à conclusão ser algo bom ou preocupante.

Abandonei minhas divagações e coloquei os meus óculos de grau, pegando o livro ao meu lado. Julie me trouxe outro no período da tarde, visto haver finalizado o anterior. Foi uma leitura agradável, eu diria, apesar de não concordar com alguns pontos sugeridos no texto.

Dessa vez, leria um de ficção. Julie me trouxe um de romance, disse que seria bom sair da minha zona de conforto, dado que nunca havia me submetido a esse tipo de leitura. Recordo-me que Suzana amava romances de banca e chegava a recitar alguns trechos para mim; claro que eu ouvia e dizia ser apenas ilusão, e ela bufava, frustrada pela minha falta de romantismo.

Lembrar-me disso me fez rir. Apesar da saudade imensa que sentia dela, a culpa ainda me corroía por dentro. Inspirei fundo, tendo dificuldade para me concentrar na leitura por conta das recordações presentes em minha memória.

Inesperadamente Julie adentrou o cômodo com um copo de água, outros medicamentos e a maleta em mãos.

— Atrapalho? — indagou, fitando o livro em minhas mãos.

— Não. — Fechei o exemplar, pousando-o sobre meu colo.

— Como está indo? — referiu-se à leitura, depois de me entregar o copo e os comprimidos.

Os engoli com a ajuda da água e a respondi:

— Não consegui me conectar ainda — confidencieei.

Julie pegou o copo da minha mão e riu.

— Tenho certeza de que logo conseguirá e gostará. Esse romance é ótimo — proferiu.

Deixou o copo sobre a mesinha e, com a maleta em mãos, foi até a outra extremidade e arrastou a cadeira, posicionando-a próximo a minha perna, na lateral da cama. Acomodou-se posteriormente, analisando-a.

— Ainda dói muito por conta do esforço que fez mais cedo? —
quis saber.

— Os remédios ajudaram a amenizar — a conscientizei.

— Que bom — murmurou, passando o líquido marrom sobre os pontos com um algodão.

— Quando poderei sair dessa cama? — inquiri, curioso.

— Se tivesse sido menos teimoso e não se esforçado, hoje o teria levado lá fora — repreendeu. — Seu tio me informou que tem uma cadeira de rodas por aqui — pontuou.

— Já que fui teimoso, quanto tempo mais levará? — perguntei ao reconhecer.

Julie encerrou o que fazia e me olhou com uma expressão divertida, contudo, franziu o cenho.

— O que foi? — Tirei meus óculos, preocupado.

— Está com a pele levemente rosada — fechou a maleta ao informar e ergueu-se do assento, deixando-a ali mesmo e veio até

mim —, deixe-me ver se não está febril. — Encostou o dorso da sua mão em minha testa e fixei meus olhos nos seus, admirando seu formato grande e irises azuis.

O tempo pareceu parar ao nosso redor e nos mantemos vidrados um no outro durante vários minutos.

— Tem olhos muito bonitos — elogiei, o que fez com que ela piscasse, como se saísse do seu transe e quebrasse completamente o nosso contato visual, levando seus olhos para longe de mim, bem como a sua mão da minha testa.

— Sua temperatura está normal. — Antes que ela saísse de perto de mim, agarrei seu pulso, impedindo-a de dar algum passo para longe.

Julie virou-se, olhando minha mão em seu pulso e o soltei, sabendo que não deveria ter agido daquela maneira.

— Desculpe, eu só... — limpei a garganta e prossegui com o meu propósito —, quero me desculpar pela minha grosseria desde o

dia que a senhora Raissa veio aqui apresentá-la. Não estava em um bom momento e garanto que a partir de hoje não vai mais se repetir — garanti, tentando passar veracidade através das minhas palavras.

— E-eu... bom, tudo bem — exprimi.

— Obrigado! — agradei.

Julie esboçou um meio-sorriso e, ao terminar de recolher a maleta e o copo, pediu licença ao dizer que deu a sua hora. Meneei a cabeça em concordância e ela partiu. Sorri ao me ver sozinho no meu quarto outra vez.

Aproveitei o silêncio para voltar a ler, todavia, de imediato, não consegui. A lembrança dos olhos dela simplesmente não saíam da minha mente.



CAPÍTULO 12

JULIE

Em meio ao banho, fechei meus olhos ao me colocar embaixo do chuveiro e massageei meu couro cabeludo de modo a tirar o shampoo que passei para lavar meus cabelos. De olhos fechados, enquanto a água jorrava sobre mim, pensei em como o dia na

companhia do César havia sido diferente. Repentinamente, meu cérebro rebobinou algo que ele disse.

“Tem olhos bonitos”.

Seu elogio me deixou sem jeito e meio sem graça, por mais que tivesse parado segundos no tempo e o encarado mais do que o normal. Ele nem fazia ideia que também achava os deles tão lindos e intensos. Bufeí ao me dar conta da loucura que estava se passando em minha cabeça e finalizei meu banho, fechando a saída de água em seguida.

Depois de me enxugar, enrolando a toalha no meu corpo e outra em meu cabelo, deixei o interior do banheiro e parei diante da minha cama. Livrei-me das duas toalhas e vesti minha calcinha seguida da calça de moletom que costumava usar para dormir e uma blusa curta; peças que já havia separado antes de entrar para uma ducha. Voltei até o banheiro, colocando as toalhas penduradas no suporte para secar e parei em frente da pia, apossando-me de um pente e comecei a pentear os meus fios.

Escutei a porta do quarto se abrindo e reconheci a figura da minha mãe ao cessar seus passos, assim que pisou na porta do banheiro.

— Não jantará, minha filha? — Olhou-me com um ar desconfiado após sua pergunta.

— Vou. — Ofereci um sorriso ao respondê-la.

— Aquele cavalo foi rude novamente com você? Se foi, vou...

— A impedi de continuar.

— Não, mãe. Ele não foi. Quer dizer, logo que cheguei por lá tive a impressão de que sim, porém, não aconteceu — confessei, tranquilizando-a.

— Não? — Até ela se assustou.

Esbocei um riso divertido.

— Por incrível que possa parecer, não — voltei a afirmar.

— E o que aconteceu? — Terminei e saí do cômodo.

Cruzei o espaço e sentei-me na beirada da minha cama, acompanhada por ela, que se acomodou ao meu lado.

— Não sei explicar direito — iniciei, explicando tudo que se passou durante o dia, menos a parte em que trocamos olhares e ele me elogiou.

Não podia negar que o homem era lindo, porque estaria mentindo descaradamente, especialmente por estar cuidando dele, já que o senhor Arthur foi quem me contratou. Se não bastasse isso, era viúvo e permanecia extremamente fechado por sentir falta da falecida esposa.

Também devo salientar que tínhamos uma quantidade bem considerável de diferença de idade. Sei que hoje em dia isso não era empecilho, só me preocuparia se... *Droga! O que estou cogitando?* Obviamente isso jamais chegaria a acontecer; eu com um homem mais velho, muito menos sendo com o César.

Por Deus! Só podia estar ficando louca! — exclamei, repreendendo a mim mesma mentalmente, e empurrei todos aqueles questionamentos sem sentido para longe, retornando o foco para a conversa com minha mãe.

— Então o sonho ajudou a adoçar a vida dele — brincou, e rimos.

— Tomara que não seja momentâneo — profetizei, rogando as mãos no ar.

— Dê um crédito a ele. Talvez se mostre ser um homem bom de verdade, ao menos, o pessoal que trabalho por lá e mora nessa região dizem isso. — Escutei e mordi o canto interno da boca, em dúvida.

— Hum... tem razão — concordei e saímos do quarto para irmos jantar nós duas, visto que meu pai e irmão continuavam na panificadora.

DOIS MESES DEPOIS...

Dois meses se passaram desde que o César me pediu desculpas pelo seu modo grosseiro de me tratar e o desculpei, dando uma trégua nas nossas desavenças. Admito que pensei que chegaria na fazenda no dia seguinte e o encontraria mal-humorado novamente, por mais que tivesse prometido que não voltaria ocorrer, porém, forneci a ele um crédito, assim como minha mãe aconselhou. Para a minha tranquilidade, a partir daquele dia, não tive mais problemas com sua falta de humor, muito pelo contrário.

Com o passar dos dias, fomos nos aproximando cada vez mais e estava gostando de como vínhamos nos entendendo muito bem. Ao contrário de antes, César conversava mais abertamente e expunha o que verdadeiramente pensava ou achava de algo no

casarão e fazenda. Felizmente retirou os pontos e iniciou a fisioterapia que o doutor o instruiu a fazer algumas vezes por semana.

No último retorno que fez ao médico, foi realizado um Raio-X para ver se o osso estava colando conforme o esperado e detectaram que sim, notícia que deixou não só ele ou todos que o amavam felizes, mas a mim também. Com a retirada dos pontos e a fisioterapia em andamento, César já andava pela casa com a ajuda de muletas, evitando sobrepeso na perna operada, claro. Lembro-me do primeiro dia que ficou em pé com a ajuda das muletas, ele me confidenciou estar se sentindo como se fosse a primeira vez na vida que estivesse experimentando andar.

Seu tio Arthur e a senhora Raissa riram emocionados. Na verdade, todos estávamos por vê-lo alegre e finalmente poder sair do quarto às próprias custas, assim como vinha desejando após o acidente. Só devia ter alguns cuidados, porque levaria mais algum

tempo até poder colocar o pé no chão e encontrar-se totalmente curado.

Com o copo de água em mãos e os remédios que continuava tomando, bati algumas vezes na porta, e não obtive resposta. Girei a maçaneta e apontei a cabeça para dentro, deparando-me com o espaço vazio. Ouvi barulho vindo do banheiro e constatei dever estar tomando banho, afinal, já era finzinho de tarde e meu horário chegava ao fim.

Entrei, deixando o copo e os comprimidos que estavam em uma pequena bandeja sobre a mesinha ao lado da cama e caminhei até a janela de vidro na outra extremidade. A chuva continuava muito forte e me preocupei com o estado que a estrada estaria. Geralmente, quando caía um temporal como aquele, era recomendado não sair de casa pelo motivo de as estradas ficarem escorregadias, impedindo que os carros subissem um morro existente em meio ao caminho ou até mesmo fiquem atolados.

Um raio cortou o céu e, na sequência, um trovão retumbou, causando-me uma maior preocupação.

— Preocupada? — Ouvi a voz grave do César atrás de mim e sobressaltei, virando-me para ele, pois sequer notei o barulho da porta quando deixou o banheiro.

Engoli em seco ao ter seus olhos intensos vidrados nos meus. Seu cheiro de banho recém-tomado impregnou-se em minhas narinas e meu coração tornou-se mais ágil do que o normal. O cabelo negro e liso penteado para trás em contraste com a sua barba rala o deixava com um ar de homem selvagem, de pegada bruta.

Droga, Julie! O que pensa que está fazendo? — meu subconsciente me alertou e sacudi a cabeça, empurrando tais pensamentos e nada propícios para longe.

— Desculpe. Não quis assustá-la — pediu ao não ter uma resposta minha, esboçando um meio-sorriso.

Umedeci meus lábios, começando a me ver nervosa perante ele e nem sabia direito o porquê.

— Estava apenas distraída — proferi, sustentando seu olhar.
— A chuva está bem forte — completei, gesticulando em direção a janela.

— É verdade, pensei até que já tivesse ido. Talvez tenha que ficar aqui, afinal, as estradas devem estar perigosas. — Sorri, negando com um acenar de cabeça.

— Não, não. Impossível eu ficar aqui — neguei veementemente.

— Por que não? Não vejo problemas nisso. Pode ficar em um dos quartos de hóspedes para pernoitar — sugeri.

— Não há necessidade — recusei outra vez.

— Hum... tudo bem — divagou. — Se mudar de ideia...

O interrompi.

— Não vou. Obrigada! — agradeceu, garantindo e descartando aquela hipótese.

Sem insistir mais no assunto, caminhou com a ajuda das muletas e sentou-se em sua cama, pondo-as no cantinho e ajustou seu corpo rente à cabeceira, assim como suas pernas em cima do colchão.

— Deixei os remédios na mesinha. — Apontei e seu olhar acompanhou na mesma direção, voltando-se para mim de novo. — Melhor tomar logo. Está no horário — salientei, verificando as horas no meu relógio de pulso.

— Obrigado! — Demonstrou gratidão.

— Disponha. Vou indo — informei, e ele assentiu. — Tenha um bom final de semana e até segunda-feira — desejei.

— O mesmo para você — frisou, engolindo os comprimidos ao beber a água.

Agradei e saí, fechando a porta atrás de mim. Segui até o quartinho que deixava as minhas coisas e troquei de roupa. Peguei a minha bolsa e, quando atravessei o corredor, chegando até a sala de estar, o telefone começou a tocar.

Olhei ao redor e, pelo silêncio, notei que só tinha eu e o senhor César na casa. Dona Iara tinha ido à cidade com o Danilo e não sabia se tinham retornado. O telefone chamou mais uma vez e decidi atendê-lo:

— Alô!

— Alô! Julie? — Inicialmente, não reconheci a voz, porém, imaginei ser da dona Iara.

— É a Iara, querida — salientou depois de notar minha estranheza.

Sorri.

— Ah! Estava tentando saber de quem era a voz. Desculpe, não me atentei de imediato que seria a se... você — expliquei.

— Sem problemas, querida. Pensei que já estivesse aqui, na cidade — comentou.

— Acabei me demorando um pouco, mas já estou de saída — avisei.

— É melhor que passe a noite por aí, querida. A estrada está muito ruim. Sorte que passei na casa de uma amiga antes de retornar e não pegamos essa chuva toda — disse aliviada. — Danilo e eu ficaremos até amanhã e retornaremos bem cedo. Prometa para mim que não sairá daí, querida, por favor — solicitou, preocupada.

Passei a mão pelo rosto e bufei baixinho de modo que ela não me ouvisse. Não queria pernoitar aqui, contudo, parecia não ter me restado alternativa. Sentindo-me meio frustrada por não poder ir para a minha casa, a respondi:

— Tudo bem. Se não tem outro jeito, obviamente ficarei — externei.

Ouvi seu suspiro, que indicava que consegui tranquilizá-la.

— O quarto de hóspedes mais ao fundo, na outra extremidade do corredor, sempre fica arrumado. Pode se instalar por lá e amanhã, quando a estrada estiver melhor, você vai para casa. Não esquece de avisar sua família, eles podem estar aflitos — pontuou.

— Obrigada. Vou avisá-los sim — afirmei e, depois de desejar que eu tivesse uma boa noite, nos despedimos e desliguei.

Comprimi meus lábios e caminhei pelo corredor. Pensei em avisar o senhor César que ficaria por conta da chuva, entretanto, desisti, não querendo incomodá-lo, afinal, no dia seguinte, iria embora o mais cedo possível. Entrei do quarto após alguns passos a mais e observei como tudo estava bem limpo e organizado.

Fechei a porta e segui até a cama, sentando-me ao tirar minhas sapatilhas. Trouxe a bolsa para o meu colo e peguei meu celular em um dos compartimentos. Precisava conscientizar meus pais da minha falta em casa essa noite.

No *display*, vi que Luara e minha mãe haviam ligado. Primeiro disquei para a dona Matilde, deparando-me com ela muito preocupada e, depois de tranquilizá-la, falando que teria de ficar na fazenda, rapidamente concordou, dizendo ser o melhor. Perguntei se estava tudo bem por lá e, ao me comunicar que sim, logo encerrei a chamada.

Liguei para a minha prima também falando a respeito de que pernoitaria na fazenda, ela expressou realmente ser a decisão mais sensata. Por sorte, ela saiu um pouco mais cedo e, ao chegar em casa, o temporal caiu forte. Posteriormente, nos despedimos e desliguei.

Como não estava com fome, deitei-me abandonando a minha bolsa ao meu lado na cama com o celular e fiquei ouvindo o barulho da chuva torrencial e dos trovões. Não sei que horas peguei no sono, porém, acordei em meio à madrugada, sentindo a necessidade de matar a minha sede, dado que minha garganta se encontrava seca.

Saí do quarto com a fina coberta jogada sobre meus ombros por conta do frio que fazia.

Na cozinha, tomei o copo de água e peguei uma broa que dona Iara fez a tarde. Deliciei-me e, ao concluir, retornei para o corredor e, enquanto o cruzava, ouvi a voz grave do César. Estranhei sua fala alta e não entendi bem o que significava.

Preocupada, marchei até sua porta e desferi algumas batidinhas, mas não obtive resposta. Girei a maçaneta e entrei, evitando acender a luz. Mesmo em meio à pouca iluminação presente ali dentro, vislumbrei sua figura sobre a cama, proferindo frases desconexas e virando seu rosto de um lado ao outro, como se estivesse tendo um pesadelo.

Parei próxima a ele e o chamei algumas vezes. Infelizmente não acordou e, apreensiva, sem saber ao certo o que fazer, arrastei a cadeira, posicionando-a rente a sua cama e me acomodei, pegando uma de suas mãos nas minhas. Inesperadamente, César começou a se acalmar e virou-se para mim, continuando a dormir.

Puxei minha mão, mas a agarrou firmemente, resmungando.

Sem alternativa, decidi permanecer com o intuito que logo me livrasse do seu agarre e eu pudesse voltar para o meu quarto.

Acreditava que isso não demoraria a acontecer.



CAPÍTULO 13

CÉSAR MAZZA

Abri meus olhos lentamente e os pisquei algumas vezes, tentando acordar de vez. Assim que o fiz, olhei para o lado, notando a figura da Julie sentada desajeitadamente na cadeira próxima a minha cama enquanto dormia com uma de suas mãos unidas à minha. Minha testa enrugou-se, estranhando o fato de estarmos

daquela forma e puxei na memória o instante exato em que ela viera para cá, e não obtive sucesso.

Recordei-me apenas de ela recusando a minha sugestão que ficasse ontem à noite, já que as estradas deveriam estar perigosas. Pelo visto, havia mudado de ideia, algo positivo, pois tomou a decisão certa, evitando que lhe acontecesse coisa ruim pelo caminho por conta daquela chuva forte. Ao contrário do que pudesse fazer, em vez de largar sua mão, mantive-as unidas e me permiti admirá-la.

Mesmo em meio à certa dúvida, fui um tanto ousado ao acariciar as costas da sua mão com o meu polegar e sorri, apreciando a maciez da sua pele sob meu toque. Julie se remexeu minimamente, exprimindo um som abafado e continuou dormindo. Mirei seu rosto e contemplei seu formato bem desenhado e delicado, assim como os dos seus lábios finos e rosados.

Diferentemente de como a via diariamente, em vez dos fios amarrados para trás, nesse momento, estavam soltos e a maior

parte do seu cabelo caía sobre um dos seus ombros, já que sua cabeça pendurava mais para um lado. Uma coberta cobria os seus ombros e imaginei que pudesse ter passado frio durante a madrugada, já que usava um short jeans e o cobertor não a cobriu por inteira. Instantaneamente, minha mente começou a idealizar coisas ao analisar suas pernas desnudas e soltei um suspiro pesadamente, desviando meus olhos.

Segundos após, Julie acordou e, ao tentar se espreguiçar, talvez sem se lembrar de onde estava, assustou-se, puxando sua mão da minha e me encarou.

— Meu Deus! Não acredito que acabei dormindo aqui. — Sentou-se corretamente e esticou a coluna, envergando seu corpo minimamente para trás.

Esbocei um riso divertido. Curiosamente, ela conseguia tirar isso de mim e com muita naturalidade. Admito ser assustador, porque, antes dela, apenas Suzana foi capaz disso.

— Tudo indica que sim — brinquei.

Acompanhei ela passar os dedos entre os fios dos cabelos de comprimento grande — julgava dar um pouco abaixo do meio das suas costas —, na tentativa de desembaraçá-los. Seu olhar encontrou o meu na sequência, depois de aproveitar para se livrar do cobertor, pousando-o sobre o colo. Revelou-me usar uma blusinha preta, justa ao seu corpo e de alcinhas finas.

— Desculpe, eu realmente apaguei. Sairei para deixá-lo à von...

Antes que concluísse, a impedi de prosseguir com o quealaria.

— Pensei que já tivéssemos passado dessa fase, Julie. — Arqueei uma sobrancelha, aguardando sua resposta.

Ela bufou, juntando seus cabelos e os jogou sobre seu outro ombro.

— É verdade, mas não devia ter dormido tanto, era apenas para aguardá-lo soltar a minha mão — informou.

— Hum... por falar nisso, por que estávamos com as nossas mãos juntas? — quis saber.

Julie mordeu o canto interno da boca e estreitou seus olhos em minha direção.

— Não se lembra de nada da noite passada? — Soou desconfiada.

Sorri descontraidamente, percebendo sua incerteza.

— Não. Nadinha mesmo — afirmei, tentando lhe passar veracidade através de minhas palavras.

Ela esfregou o rosto ao se convencer de que falava a verdade e contou o que aconteceu. De fato, me surpreendi, porque não me recordava de nenhuma parte do que detalhou, exceto do pesadelo que tive, que me reportou até o dia em que Suzana sofreu o acidente.

— Como se acalmou assim que segurei em sua mão, sentei-me um pouco até se tranquilizar completamente, porém, não quis largá-la quando tentei puxá-la. Fiquei por pensar que logo a soltaria e sairia daqui sem perceberse, o que não aconteceu. — Deu de ombros ao finalizar.

— Obrigado por ter se preocupado comigo — agradei, sincero.

— Para todos os efeitos, sou sua enfermeira, portanto, era mais que o esperado, não? — insinuou, rindo suavemente.

— Não, já que não estava em seu horário de trabalho, sendo assim, não era sua obrigação — enfatizei, reconhecendo o que fez por mim.

— Hum... — murmurou.

Ofereci-lhe um meio-sorriso.

— Ahn... quer falar sobre o pesadelo que teve? — Olhei-a, decidindo-me se sim ou não. — Caso queira, prometo que sou uma

boa ouvinte — garantiu com um ar sereno.

Cheguei à conclusão que talvez fosse me fazer bem.

— Fui reportado ao dia em que aconteceu o acidente da minha... — limpei a garganta — falecida esposa — proferi, ainda me acostumando a chamá-la dessa forma.

Nos últimos meses que se passaram, comecei a colocar em prática o que aprendi com o terapeuta durante o tempo que me dispus a fazer a terapia e confesso que tem me ajudado muito. Tanto que, o último “sonho” que tive com a Suzana foi logo ao me acidentar, quando acordei no hospital. Toda aquela angústia e vontade de ficar sozinho a todo instante anteriormente felizmente não eram mais tão presentes em meu interior.

Acreditava piamente que Julie teve sua participação nisso, pois só deduzi ter de me esforçar dessa maneira quando fui completamente irresponsável, querendo ficar sobre meus próprios pés sozinho, na ilusão de provar ao meu tio que ele estava

equivocado em colocar uma “babá” para cuidar de mim. Fui ignorante o suficiente para não reconhecer necessitar, sim, de ajuda, e ela foi corajosa o bastante para jogar umas verdades na minha cara, fazendo-me finalmente cair na real e tomar uma atitude.

De repente, empurrei meus pensamentos para longe e foquei minha atenção nela:

— Sinto muito. Imagino o quanto deve ser difícil perder quem se ama, principalmente uma conjugue — expressou, se solidarizando por mim.

— Muito mesmo, mas obrigado! — exclamei, agradecido.

Mesmo que não fosse a minha intenção, acabei ficando ressentido com tais lembranças e murchei minha postura. Mirei minhas mãos, ponderando sobre o assunto. Julie tornou-se silenciosa como eu.

— Antes de ir embora, prepararei o café da manhã — anunciou, tirando-me da minha bolha de tristeza momentânea.

— Não precisa se incomodar com isso — mencionei.

— Mas quero, hum? Exceto se recusar. — Sorri ao me deparar com seu olhar estreito sobre mim.

— Jamais faria isso. Nem sei se dona Iara já chegou — comentei.

— Sendo assim, vou prepará-lo. Quem sabe não é o tempo de ela chegar, não é mesmo? — supôs.

— Já que insiste, tudo bem — anuí, e ela riu alegremente, pondo-se de pé na mesma hora.

— Vou então, daqui a pouco estará pronto — avisou.

À medida que foi caminhando em direção à porta, por mais que não fosse a minha intenção, automaticamente os meus olhos acompanharam seu rebolado naqueles shorts jeans que chegava na metade das suas coxas. Bufei contrariado comigo mesmo quando finalmente ela saiu do quarto e notei minha condição atual. Pousei

meus olhos sobre o meu colo, notando que o meu pau havia ganhado vida.

Porra! O que estava acontecendo? Eu não devia estar excitado pela minha enfermeira.

Tudo bem que ela era muito linda, carismática, educada, uma excelente profissional e muito gostosa, no entanto, não devia estar desejando-a. Vínhamos tendo uma convivência agradável e talvez por conta disso, além dos meses sem sexo, meu cérebro esteja confundindo as coisas.

Só isso explicaria eu estar excitado por vê-la naqueles shorts.

O dia havia passado mais rápido do que o normal e certamente estava associado à companhia da Julie. Depois de ela ter se voluntariado a preparar o café matinal com a esperança de que a

dona lara retornasse da cidade, fomos surpreendidos com uma ligação dela, nos informando que a estrada daqui para a cidade estava bloqueada por conta da chuva torrencial da noite que varou até a madrugada, um raio atingiu uma árvore de grande porte que a levou ao chão, impedindo que carros pudessem ir ou vir.

Por ser final de semana, a prefeitura só mandaria as máquinas e os funcionários para sua retirada na segunda-feira, visto que hoje era sábado. Dona lara e o Danilo ficariam na cidade até resolverem essa questão e, então, agradecemos por nos ter notificado acerca do assunto e encerramos o telefonema. Na mesma hora, Julie discou para a sua mãe, que já sabia do acontecimento e se mostrou muito preocupada de ela ter de ficar na fazenda.

Não perdi tempo em pedir que pudesse falar com a dona Matilde e consegui tranquilizá-la quanto a sua filha, prometendo que ela ficaria bem. Ao encerrar a chamada, Julie me olhou com certa admiração e riu. Agradeceu o meu gesto e, na ocasião, me confidenciou sobre os ditos da sua mãe ao meu respeito logo que

começou a trabalhar aqui e confesso que caí na gargalhada, dando-lhe total razão, afinal, fui extremamente rude com sua filha inicialmente, que nem mesmo merecia.

O dia transcorreu bem e meu tio ligou perguntando de tudo ia bem e informei que sim. No almoço, Julie também se dispôs a cozinhar e a ajudei ao menos descascar os legumes. Em meio àquele momento descontraído, meu cérebro me trouxe lembranças nada agradáveis, pois, na época com a Suzana, enquanto permanecemos casados, raramente algo como aquilo aconteceu.

Estava sempre viajando para cuidar dos negócios da fazenda ou em reuniões tediosas que nem mesmo notei o quanto perdia por não me dedicar mais tempo a viver do lado da mulher que amava tanto. Julie percebeu meu semblante cabisbaixo e compartilhei com ela sobre a questão, que se comoveu pelo meu relato, me lembrando que era essencial valorizar o hoje e pensar menos no amanhã, principalmente envolvendo a companhia de quem se ama.

Entre uma conversa e outra, o almoço ficou pronto e saboreei o prato que fizera. Observei que suas bochechas ficaram rubras e me vi fascinado pela sua beleza. Era uma jovem esforçada, paciente e alegre, que prezava muito estar perto da sua família.

Já passava das oito da noite quando me vi diante da ampla tela de televisão no painel na parede da sala enquanto realmente me dignei a assistir a um filme de ação. Claro que foi ideia da Julie me convencer a ter um instante assim, totalmente despreocupado. Sentada ao meu lado, não percebi quando havia dormido, só me dei conta quando se aconchegou mais perto de mim e senti os fios ainda úmidos do seu cabelo contra o ombro, já que eu usava uma camisa cavada.

Tracei seu rosto com o meu olhar minucioso e parei ao mirar seus lábios. Sentia-me tentado a beijá-la, porém, não havia certeza em meu interior se seria uma boa ideia. Não devia me encontrar dessa forma em sua presença, muito menos as batidas do meu coração estarem tão aceleradas, como a minha respiração.

Sem ser capaz de me afastar, ergui uma das minhas mãos e levei-a até um lado do seu rosto, acariciando levemente a sua pele macia com as costas dos meus dedos. Imaginei-me, tomando seus lábios nos meus com a urgência que o meu corpo pedia, todavia, não o fiz. Optei em continuar apreciando o modo angelical com o qual dormia e, para a minha surpresa, suas pálpebras se abriram, me pegando totalmente no flagra.

Automaticamente parei de alisar seu rosto. Seus olhos permaneceram nos meus, tentando decifrar algo sobre mim. Fitei seus lábios outra vez e elas os umedeceu.

Seu ato fez com que o meu sangue bombeasse agilmente pelas minhas veias, me trazendo uma ereção dolorosa. *Porra!* — praguejei ao me dar conta de estar outra vez daquele jeito, desejando-a como há muito tempo não vinha querendo uma mulher, especialmente sendo tão mais nova do que eu.

Julie me fascinava sem o mínimo esforço possível.

— Pegou no sono — proferi roucamente, devido ao tesão existente em meu interior e bem próximo a sua boca.

Ela sorriu ao piscar seus grandes e lindos olhos.

— Sim — confessou em meio ao seu sorriso manso.

Outra vez ela umedeceu seus lábios e os mirei na sequência.

— Não faz isso de novo ou... — Antes de terminar, Julie fez menção de se levantar.

— É melhor ir para o quarto. Também deveria fazer o mesmo — me aconselhou, erguendo seu corpo esguio e perfeito do sofá.

— Julie — chamei-a, mas ela nem sequer me deu ouvidos, pois saiu praticamente correndo da sala.

Merda! — xinguei sem saber ao certo o que pensar. Talvez eu tenha a espantado com a minha conversa repentina ou... simplesmente não queria que nada surgisse entre nós, afinal, eu tinha idade para ser quase o seu pai e, se não bastasse isso, ela ainda cuidava de mim.

Frustrado, esfreguei meu rosto e cheguei à conclusão que seria melhor não começar nada daquilo. O bom para nós dois seria continuarmos tendo uma convivência amigável e nada mais. Por fim, me pus de pé com as muletas sem fazer pressão na perna operada, já que o médico não liberou colocá-lo no chão, e fui para o meu quarto depois de desligar tudo.



CAPÍTULO 14

JULIE

Alcancei a porta, entrando no quarto rapidamente e a fechei, seguindo até a cama. Deixei minha sandália de lado e me deitei, notando a minha respiração mais alta do que o normal. Passei a mão em minha testa e respirei fundo diversas vezes, tentando apaziguar também os batimentos acelerados do meu coração.

O que aconteceu naquela sala? — questionei-me sem encontrar uma resposta.

Acordar e ver o César me encarando daquela forma, como se quisesse me beijar a todo custo, porém, algo o impedia de fazer isso, causou-me uma certa confusão. Não era de hoje que o achava um homem lindo e atraente. Além disso, a nossa convivência desde que ele prometeu que não voltaria a ser rude comigo vem sendo muito tranquila e surpreendente.

Com isso, acabamos nos tornando mais próximos, chegando a compartilhar coisas das nossas vidas pessoais. Percebi que ele vinha falando mais abertamente sobre alguns acontecimentos referentes à vida que teve com a sua falecida esposa e não me passava despercebido o quanto algumas vezes ficava cabisbaixo ao comentar. Mesmo assim, isso não o impedia de prosseguir dividindo assuntos do tipo comigo.

César mexia comigo, isso era fato, contudo, não tinha certeza se devíamos nos envolver. Talvez o César só estivesse carente e

quisesse me beijar para amenizar esse lado. Na verdade, não sabia direito o que pensar, afinal, em mais ou menos um mês, o meu contrato acabaria e não tinha a mínima ideia de como seria após isso, caso decidíssemos nos deixar levar pelo calor do momento.

Eu queria provar do seu beijo e a pegada? Queria! Como queria! Entretanto, a minha razão ainda estava conseguindo se sobressair à emoção.

Decidi dormir, o que não obtive sucesso. Fiquei algum tempo remexendo sobre o colchão e não consegui. O calor abrasador que se formou em meu interior desde que peguei o César com aqueles olhos tão intensos sobre mim simplesmente não queria se dissipar.

— Droga! — xinguei, irritada e resolvi tomar um banho.

Coloquei-me de pé ao me livrar do cobertor e vasculhei no guarda-roupa, encontrando algumas toalhas. Peguei uma, e antes de abandonar o quarto, abri a porta olhando ao redor e sem indícios da presença do César, disparei para o banheiro que ficava duas portas

à frente. Tranquei-me dentro do cômodo e respirei aliviada, retirando um dos vestidos que dona lara havia me informado para pegar nas suas coisas, porque eu não tinha roupa extra para passar o final de semana aqui e, claro que eles ficaram um pouco frouxos, contudo, de longe isso foi um problema.

Mais cedo, quando ela ligou anunciando que a estrada estava bloqueada e ficaria até segunda-feira, falei arrancar os meus cabelos, porque só podia ser o destino conspirando contra mim. A primeira pergunta que veio na minha cabeça era como permaneceria nessa casa em companhia do homem que vinha tentando evitar a todo custo, mexendo com todos os meus sentidos, sempre que ficávamos perto e ouvia suas histórias, o som grave da sua voz ou aquele sorriso que chegava a me balançar por dentro?

Inicialmente, não sabia se daria conta de impedir que algo ocorresse entre nós. Era errado estar pensando isso, eu sei e não devia ter me permitido criar ilusões em minha mente o envolvendo,

só que foi mais forte do que eu. Bufei ao me dar conta disso e dei um passo para debaixo do chuveiro.

Abri a saída de água fria, que caiu sobre o meu corpo, pois não molharia meu cabelo. Tomei banho tem pouco tempo, porém, com todo esse fogo dentro de mim, seria impossível pegar no sono. Contemplei o meu banho enquanto aqueles olhos azuis e tão intensos resplandeciam em minha mente.

Precisava me manter longe, só assim sairia daqui sem ter um coração partido, porque era óbvio que um homem poderoso como ele, rico e lindo daquele jeito não entregaria seu coração tão facilmente ou nunca mais para outra mulher. A única que ainda o tinha para si se resumia somente a sua falecida esposa.

Certa sobre este assunto, limpei a minha mente e dei seguimento ao banho. Só queria me deitar e dormir tranquilamente. Não via a hora de poder ir para a minha casa, porque ficar aqui, não estava cooperando para o meu raciocínio lógico, mas, sim, para desenvolver emoções que nem deveriam existir dentro de mim.

NO DIA SEGUINTE...

Era final de tarde quando decidi sair do casarão, aproveitando que o César foi tomar um banho, e fui andando pela fazenda. Ontem já tinha saído e observei o gado enquanto fiquei próxima da cerca do outro lado. Tinha uma quantidade muito grande e eram bichos tão lindos.

Passei no meio dos fios de arame liso e segui pelo pasto aberto. Parei no meio dele e inspirei o ar profundamente. Era tão puro e me trazia uma paz interiorana incrível!

Abri meus braços no processo e continuei ali por algum tempo. Minhas pálpebras se abriram, saudando aquele céu sem nenhuma nuvem e sorri, agraciada com toda a beleza natural daquele lugar. Resolvi ir até o estábulo e, ao entrar, apreciei os

cavalos grandes e robustos que havia em alguns dos compartimentos.

Automaticamente, me imaginei em um lugar como aquele, algo que seria quase impossível de acontecer, afinal, jamais teria condições de comprar terras como aquelas. Talvez tivesse um dia, mas sabia que levaria muito tempo. Antes que isso acontecesse, teria que trabalhar muito e me especializar um pouco mais na minha área e, olhando por esse lado, obviamente teria de viver numa cidade; no entanto, isso não me impediria de ter um pedaço de chão longe de tudo, onde pudesse ouvir apenas o som dos passarinhos e relaxar a minha mente.

Deixando minhas divagações de lado, me aproximei de um dos cavalos que tinha a pelagem toda negra, chegando a reluzir, e o alisei com cautela. Sorri ao ver que ele era manso, ao menos eu achava. Algum tempo se passou e vi ser hora de voltar, pois o César poderia estar precisando de algo.

Assim que atravessei a entrada do casarão, não vi vestígios do César por ali e andei até a sala de estar, onde o encontrei sentado, lendo mais um exemplar de romance que o recomendei. Sorri ao me lembrar que, na primeira vez que o indiquei aquele gênero, automaticamente se recusou, frisando ser apenas histórias bobas que jamais aconteceriam na vida real, mesmo assim, insisti para dar uma oportunidade, e ele aceitou.

Desde então, vinha lendo alguns, intercalando com outros gêneros que ele demonstrava gostar. Caminhei silenciosamente, de modo a não fazer barulho, porém, pareceu sentir a minha presença. Logo levantou a sua cabeça e me ofereceu aquele sorriso galanteador de derreter qualquer coração empedrado.

Como conseguia ser ainda mais lindo? — sacudi minha cabeça espantando aquela pergunta e sorri.

— Pensei que tivesse se perdido lá fora — brincou, e cruzei o espaço, sentando-me ao seu lado.

— Sei que seria seu sonho, mas sinto informar que não foi dessa vez. — Dei de ombros, e ele me encarou firmemente por trás dos seus óculos de grau.

— Está enganada. Jamais ficaria contente que sumisse logo nas minhas terras. Não me perdoaria por isso — ditou, sério.

Engoli em seco diante da veracidade existente em suas palavras.

— Desculpe, não quis brincar com coisa séria, foi apenas para descontrair — me adiantei em explicar a minha real intenção.

— Tudo bem — expressou e voltou a ler.

— Pode ler em voz alta para mim? Quero saber em qual parte está — pedi, tentando fazer com que aquele clima estranho voltasse a ser tranquilo entre nós.

César me encarou com certa dúvida.

— Tem certeza? — inquiriu, incerto sobre aquilo.

— Claro! Por que não? — insinuei, sem entender o que queria dizer.

— Ok — proferiu e limpou a garganta antes de começar.

Ajeitei minha postura ao seu lado, preparada para ouvi-lo.

— Em meio ao nosso beijo, desci minhas mãos pelo seu corpo, esquadrinhando suas curvas perfeitas e apalpei a sua bunda com fervor, apertando sua carne com avidez. Esfreguei a minha protuberância contra sua virilha, deixando-a ciente do quão excitado me encontrava. Ela me causava tanta dureza que era capaz das minhas bolas estarem roxas de tanto tesão e...

— Acho melhor eu ir esquentar a janta. Tá ficando tarde — menti.

— Não quer ouvir mais um pouco? Ainda temos tempo para jantar. — Esbocei um riso sem graça e assenti, sem ter mais argumentos para sair correndo dali e parar de escutar aquela cena

insana sendo proferida por sua voz gutural, que era capaz de me excitar sem nenhum esforço a mais.

Merda! Por que eu tinha que ter pedido que lesse para mim? Agora terei de continuar aqui, escutando o mocinho do livro descrevendo uma cena de sexo com a mocinha que é com certeza o seu par na história. Enquanto isso, terei de suportar toda essa queimação presente pelo meu corpo, além de ter que pressionar as minhas pernas uma contra a outra, tudo isso para tentar ignorar que o meu clitóris está, definitivamente, pulsando de excitação.

Se não bastasse isso, estar ao lado do César, escutando a sua voz e sentindo seu cheiro de banho recém-tomado, não está ajudando em nada. Pelo contrário, só contribui um pouco mais para a minha insanidade mental. Anotarei mentalmente para nunca mais ousar pedir a alguém que leia um romance para mim, principalmente se esse alguém for um homem como ele, o que tornava tudo pior.

Voltei a focar no que ele lia ao tentar me livrar dos meus pensamentos, o que logo me arrependi.

— Alcancei a lateral da sua calcinha, empurrando o fino tecido para o lado e melei a ponta dos meus dedos em seu mel, sentindo a abundância da sua excitação e...

— Uau! Ótimo. Tá calor aqui, né? Quer água? Acho que vou...
— exclamei, o interrompendo e tentando arranjar desculpas para sair do seu lado, entretanto, quando fiz menção de me levantar, César segurou em minha mão, firmando-me no assento.

— Fique — pediu com a voz rouca, mirando-me por trás dos seus óculos.

Antes que a minha mente formulasse uma resposta, ele girou o seu corpo para o lado oposto, abandonando o livro e seus óculos sobre o descanso de braço do sofá e se virou para mim. O vigor contido em seus olhos me desarmou por completa. Não dava para prosseguir com a mentira de que devia me manter distante sendo que o que mais desejava era estar perto dele: ter suas mãos sobre mim.

— Não quero assustá-la, apenas expor o que venho sentindo há algum tempo referente a você, tudo bem? — Involuntariamente, pisquei os meus olhos e umedeci meus lábios que estavam secos e seu olhar recaiu sobre eles. César soltou uma baforada de ar e sacudiu a cabeça, dando seguimento ao que falava: — Ultimamente, ando me sentindo atraído por você, Julie. De algum modo, mexe com todos os meus sentidos, e não sei explicar o porquê. Desde que chegou por aqui, tem me feito muito bem, como há muito tempo não me sentia — desabafou.

Um sorriso contente se formou em meus lábios. Meu coração pulsava tão forte que poderia saltar pela minha boca a qualquer momento. Optei em continuar quieta, aguardando que desse seguimento.

Ele então chegou mais perto de mim e levou uma mão até a minha bochecha. Fechei meus olhos no exato instante, incapaz de controlar minhas próprias emoções. De repente, senti sua respiração

contra o meu rosto, enquanto ele passou a ponta do seu nariz pela sua lateral.

Mesmo nervosa e incerta do que faríamos a seguir, alcancei o seu rosto com minhas mãos, esfregando a ponta dos meus dedos em sua barba rala e aguardei que ele finalmente me beijasse. Antes disso, seu polegar roçou em minha bochecha e mordi meu lábio inferior, pressionando um pouco mais as minhas pernas.

— César... — Quando pensei em finalmente externar o quanto queria que me beijasse, minha boca foi tomada por ele.

Gemi em completo êxtase, deixando com que sua língua entrasse na minha boca ao pedir passagem e explorasse o seu vão como bem entendesse. Seu grunhido alto tomou conta do ambiente e, ao adentrar os meus ouvidos, só piorou o encharcar da minha calcinha. Envolvida pela luxúria do momento, enlacei seu pescoço com meus braços e suas mãos envolveram a minha cintura, apertando suas laterais com ferocidade.

Num rápido movimento, César puxou minhas pernas, atravessando-as sobre o seu colo, enquanto minha bunda permaneceu sobre o sofá.

— Cui...dado... a sua... — tentei pronunciar em meio ao nosso beijo, e ele soltou um riso abafado, prendendo meu lábio inferior entre seus dentes.

Meu ventre se contorceu.

— Não se preocupe, minha perna está bem — fez questão de avisar.

Convencida, voltei a ter seus lábios nos meus, sentindo o vigor do seu beijo tão saboroso e excitante.

— Porra! Como eu queria fazer isso, sentir o sabor do seu beijo — exprimi ao arrastar a sua boca até o meu queixo e mordê-lo, sugando-o posteriormente, a fim de não deixar possíveis marcas em minha pele.

— Eu também — confessei em um sopro. — Só não sei se devíamos estar...

Calou-me com seu dedo indicador.

— Shiii... não pensaremos nisso agora. Acredito que já perdi tempo demais da minha vida pensando nos prós e nos contras de fazer algo que eu queira muito. Suponho que devemos aproveitar isso e o tempo se encarregará do resto, hum? — sugeriu.

Segurou o meu rosto entre suas mãos e fixou seus olhos nos meus.

— Tem razão — proferi, e ele sorriu lindamente. Meu clitóris pulsou frenético com aquela visão, e ele não perdeu tempo ao voltar a me beijar com extrema urgência.

Meu Deus! Que homem!



CAPÍTULO 15

CÉSAR MAZZA

Beijar a Julie fez com que uma velha chama reacendesse dentro de mim. Desde que perdi a Suzana, jamais voltei a me sentir daquele jeito. Passar o final de semana ao lado dela, mesmo que nada tenha sido planejado, posso dizer que não deixou de ser uma grata surpresa.

As conversas que tivemos, os olhares, os desabafos sobre um assunto ou outro das nossas vidas, por fim, a tensão sexual que já rolava há algum tempo entre nós e que ultimamente ela sempre dava um jeito de fugir, ontem à noite, isso já não ocorreu. Finalmente pude sentir o gosto dos seus lábios nos meus e a sensação foi inédita depois de tanto tempo sem desejar de verdade uma mulher, visto que as repeliavam por conta de estar aprofundado em minha própria dor e não querer que outra ocupasse o lugar da minha falecida esposa. Com o tempo que se passou desde que comecei a observar a Julie mais do que o normal, me permiti pensar se não valeria mais a pena deixar com que outra pessoa entrasse em minha vida e lhe deixasse tomar o meu coração para si outra vez.

Tinha em mente que, mesmo se levasse adiante a ideia de permitir me apaixonar novamente, Suzana continuaria eternizada não só no meu coração, como também em minha memória. No último pesadelo que tive, ela não apareceu, pelo contrário, foi apenas como uma lembrança ruim do dia em que sofreu o acidente. Estava

tentando tirar aquele sentimento de culpa que ainda me corroía por dentro, como meu tio, a senhora Raissa e o Danilo vinham me aconselhando.

Não era fácil chegar e entender que não foi a minha culpa, pode até não ter sido, porém, se estivesse chegado quando combinamos, talvez ainda a teria comigo. Fechei meus olhos e meneei a cabeça em negativo, esfregando meu rosto no processo. Levantei-me da minha cama com a ajuda das muletas, ainda evitando pôr o pé no chão e segui para o banheiro.

Entrei, parando perante a pia e olhei-me minuciosamente no espelho existente na parede. Surpreendentemente, o meu semblante não era mais o mesmo. Havia um brilho diferente em meus olhos e meu coração disparou no peito com a sensação de felicidade.

Esbocei um sorriso satisfeito assim que *flashes* de quando Julie e eu nos beijamos na noite passada, invadiram a minha mente. Admito que não planejei nada daquilo, muito menos que acontecesse daquela forma. Acredito que, por vir lendo alguns romances, desde

que a ela me indicou o primeiro e que felizmente acabei gostando do gênero, não imaginei que, em meio àquela cena específica, que lia quando sua figura adentrou a sala, fosse querer que eu recitasse alto, justo naquela parte.

Claro que ela não sabia disso e, na hora, automaticamente me vi incerto de fazê-lo ou não, entretanto, como me deu certeza de que queria escutar, fiz como pediu. Acredito sim, que nossas emoções acabaram ficando à flor da pele por conta disso, o que acarretou me dar coragem o suficiente para não permitir que ela saísse daquela sala e pudesse beijá-la de uma vez por todas. Obviamente o nosso beijo e alguns amassos que tivemos contribuíram para me deixar com possíveis bolas roxas, dado vir há meses sem sexo.

Por conta da minha recuperação, não podia esforçar muito, então, caso levássemos esse nosso envolvimento adiante, teríamos que esperar mais um pouco até que pudéssemos nos deleitar com o corpo um do outro. Na verdade, não sabia qual seria sua reação hoje. Julie parecia querer o mesmo que eu, tanto que correspondeu

muito bem, contudo, pode ter sido algo momentâneo e, depois de acordar, ver que foi um erro e querer se afastar de mim.

Havia a questão da nossa idade e, pela primeira vez na vida, estava pouco me importando com essa parte. Como lhe disse na noite passada, já perdi tempo demais da minha existência, pensando nos prós e contras antes de decidir algo, e não faria mais isso. Desde que Julie e eu começamos a nos entender, quando a pedi desculpas pelo modo arrogante que era anteriormente, prometi que não aconteceria mais e vinha me esforçando a fim de me tornar um homem melhor.

Gradualmente estava obtendo sucesso nesse meu objetivo. Julie foi essencial para mim, fazendo-me enxergar necessitar dessa mudança. Por esse motivo, não queria que ela chegasse a se afastar de mim. Não agora que estava mais que decidido a me permitir sentir e viver outra vez.

Reconheço que tudo isso ainda era muito novo para mim, e não sabia direito o que pensar. Só havia a ciência que o meu

coração batia descompassadamente sempre que me via em sua presença e aqueles olhos grandes e azuis fixavam nos meus. Por fim, resolvi empurrar para longe meus questionamentos internos e, apoiado em apenas uma muleta, depois de deixar a outra de lado, peguei minha escova de dente e comecei a fazer a minha higiene bucal.

Ao concluir, deixei o interior do banheiro e me deparei com a Julie parada diante da janela. Quando ouviu barulho da minha presença, virou-se em minha direção e sorriu. Pelo seu gesto, previ que talvez não tivesse se arrependido do que aconteceu entre nós na noite anterior.

— Bom dia! — cumprimentou.

Sorri de volta e me aproximei, olhando seus olhos ao parar diante de si.

— Bom dia! Dormiu bem? — inquiri, curioso pela sua resposta.

— Sim, e você? — quis saber, encarando-me com seus olhos grandes e azuis. Perdia-me completamente dentro deles e até me esqueci de formular as palavras. — Está tudo bem? — questionou, e notei seu ar meio sem graça.

— Está sim. Dormi bem, obrigado — agradei por sua preocupação.

Voltei a firmar meu peso sobre as muletas e andei até a cama, sentando-me próximo à borda.

— Dona Iara ainda não retornou e ninguém chegou ainda. Acredito que, por ser bem cedo, a prefeitura não tenha retirado a árvore da estrada. Então organizei o café da manhã na varanda do casarão, em vez de trazê-lo para cá — informou, causando-me certa admiração.

— Agradeço por isso. Foi uma boa ideia. Será bom eu passar o menos tempo possível nesse quarto — comentei, e ela riu. Sorri também.

— O doutor disse que, daqui a mais ou menos dois meses, estará quase cem por cento, só precisa ter mais um pouco de paciência — aconselhou, e assenti em concordância. — E a fisioterapia, como está? — especulou.

— Vai bem — falei, evitando contar que a fisioterapeuta chegou a soltar uma piadinha para cima de mim.

Inesperadamente a cena resplandeceu em minha memória.

— *Se eu tivesse a oportunidade de ter um homem como você, cuidaria com todo carinho do mundo — externou com uma expressão safada e lambeu os lábios, na tentativa de me seduzir.*

— *Acredito que o meu tio não a contratou para dar em cima de mim. É uma fisioterapeuta ou uma profissional do sexo? — Lancei-lhe um olhar duro, repreendendo totalmente sua atitude antiprofissional.*

Rapidamente ela se recompôs.

— Não foi isso que quis passar. Desculpe-me — pediu, fingindo desentendimento.

— Espero que não volte a se portar dessa maneira comigo ou não me restará outra alternativa a não ser demiti-la — disse rudemente, cortando o mal pela raiz de uma vez.

Sem dizer nada, ela apenas assentiu, terminou a sessão e saiu do quarto.

Saí do meu torpor ao escutar a Julie murmurando:

— Hum... — constatei que ela não tinha mais assunto.

— Sente-se aqui, por favor — pedi, de repente, batendo sobre o colchão ao meu lado.

Julie pareceu engolir em seco e deu a volta na cama, se aconchegando perto de mim, mas não o bastante. Sendo assim, me arrastei para mais próximo, e ela mirou suas mãos, parecendo sem jeito. Certamente a nossa proximidade a deixou um pouco nervosa

ou pensativa, afinal, não tocamos no fato de nós termos nos beijado na noite passada.

— Sobre ontem...

Iniciei, porém, ela respirou fundo e soltou o ar pesaroso.

— Se vai me dizer que foi um erro e blábláblá, melhor se limitar a isso — foi direta, assim como sempre era com aquela língua afiada.

Soltei um riso abafado e tive meus olhos presos aos dela, pois logo me fitou decididamente.

— Por que imaginou que falaria isso? — indaguei, querendo saber acerca do que pensava a meu respeito.

Mais uma vez respirou fundo, porém, diferentemente da outra vez, soltou o ar lentamente.

— Não sei. Talvez tivesse se arrependido depois de se dar conta que se deixou levar unicamente pelo calor do momento e eu entenderia. Nos beijamos seguidamente a parte erótica do livro que

me recitou e pode ter sido isso que inflou os seus hormônios. —
Soou com sinceridade, deu para notar em seu tom.

— Foi por esse motivo que correspondeu ao meu beijo? —
Inclinei o meu corpo, parando a minha boca a centímetros da dela,
percebendo o quão sua respiração se encontrava alta, bem como a
minha.

— Não — soprou em um fiapo de voz, olhando dentro dos
meus olhos.

— Tem certeza? — insisti e ergui uma de minhas mãos,
pousando em seu rosto, e contornei seus lábios, mirando-os,
enquanto meu pau começou a dar sinais na cueca.

— Si-sim — afirmou, mesmo tendo dificuldade para expô-la.

O canto dos meus lábios se arquearam preguiçosamente, feliz
por sua confirmação.

— Posso ter muitos defeitos, bem mais que qualidades, no
entanto, quando faço algo, é pra valer, Julie. Se te beijei, é porque já

vinha há algum tempo pensando sobre o assunto. Se deveria fazê-lo ou não — expus, e ela passou a língua entre os lábios.

Seu gesto me fez aspirar o ar rapidamente e soltá-lo gradualmente para não cometer uma besteira. Estávamos nos conhecendo ainda, se é que poderia colocar dessa forma. Por esse motivo, devíamos ir com calma.

Então prossegui, de modo a mudar o rumo dos meus pensamentos:

— Na verdade, pensei que fosse você quem amanheceria e evitaria olhar na minha cara. — Rimos com a minha confissão, sem quebrar o nosso contato visual.

— Apesar de ser nova, também não costumo fazer rodeios quando quero algo ou alguém — declarou, e foi a minha vez de morder o meu lábio inferior, tendo o seu olhar acompanhando o meu ato.

— Sei que tudo ainda é muito confuso entre nós, mas não quero que se preocupe com isso. Estou consciente que devemos ir com tranquilidade — comentei.

— Está certo disso? — Dúvida era presente em seus olhos.

— De alguma forma, você me trouxe sensações que há muito tempo não sentia. Desde que fiquei viúvo, para ser mais exato, e definitivamente não quero perder nada disso. Como falei ontem, deixe as coisas seguirem o seu curso naturalmente. O tempo se encarregará de nos trazer as respostas na hora certa — sugeri.

— Tudo bem — expressou e riu lindamente.

Meu coração pulsou forte no peito e juntei nossos lábios num selinho tímido. Julie foi quem o aprofundou, invadindo a minha boca com sua língua ávida e envolveu seus braços em meu pescoço. Uma de minhas mãos, mantive firme sobre o colchão, mantendo o peso do meu tronco e, a outra, posicionei atrás da sua nuca, puxando-a para mim.

Não tinha a mínima noção do que nos aguardava mais adiante, só havia a certeza de que era isso que desejava no momento, e não me privaria. Curtiria cada segundo da sua companhia, algo que não fiz muito com a Suzana. Agora seria totalmente diferente.

Se fosse para ser, nada nos impediria. Nem mesmo a questão de eu ser catorze anos mais velho do que ela. Não mesmo.



CAPÍTULO 16

JULIE

— De alguma forma você me trouxe sensações que há muito tempo não sentia. Desde que fiquei viúvo, para ser mais exato, e definitivamente não quero perder nada disso. Como falei ontem, deixe as coisas seguirem o seu curso naturalmente. O tempo se encarregará de nos trazer as respostas na hora certa.

As palavras do César que me confidenciou pela manhã ainda permaneciam em minha cabeça. Um sorriso bobo me acompanhou desde e meu coração tornou-se o mais desordenado possível no meu peito. Como também frisou, tudo era recente e devíamos ir com calma.

Nunca fui de tomar decisões abruptas em minha vida, porém, nesse caso, acabei me permitindo isso. Não sabia o que meus pais pensariam a respeito e... quer dizer, nós estávamos tentando, não que fosse se tornar algo sério. Afinal, daqui a um mês, meu contrato acabaria, e nem sei o que sucederia entre nós dois.

A mudança do César era bem nítida. Desde quando prometeu que mudaria seu jeito arrogante de ser, não voltou a ser como antes, pelo contrário. Vejo diariamente que ele ainda se esforça bastante para manter a pessoa bem-humorada que se tornou.

Mais cedo, nos sentamos na varanda do casarão para tomar o café da manhã, logo após ele me beijar tão avidamente. Sua boca e língua explorando o vão da minha, enquanto sua barba rala roçava

em minha pele, me levou completamente ao delírio. Sua pegada firme e todo aquele jeitão de homem decidido contribuíam um pouco mais para me fazer encharcar a calcinha.

Sorri, mordendo o lábio inferior, e fui tirada dos meus pensamentos ao escutar uma voz atrás de mim.

— Está tudo bem? — Sobressaltei estando próxima à pia e peguei um copo no escorredor de louças, disfarçando.

Théo me encarava com um semblante duvidoso.

— Está sim. — Ofereci-lhe um meio-sorriso e passei por ele, indo até o filtro de água.

— Hum... me pareceu pensativa — comentou.

— Não era nada, mas obrigada por se preocupar. — Ele sorriu, e bebi a água rapidamente.

Em meio aos dois meses que se passaram, Théo acabou se tornando um bom amigo. Conversamos muito referente à cidade vizinha e ele me confidenciou que tinha vontade de ir para lá e voltar

a se especializar, afinal, apenas se graduou no curso de administração. Como já trabalha há muitos anos com o César, ficava em dúvida de ter de largar o certo pelo duvidoso. O aconselhei a, por enquanto, não deixar o trabalho, já que amava o que fazia e ele agradeceu.

Obviamente, se eu tivesse um trabalho que fosse certo por aqui, jamais pensaria em largá-lo para ir para a outra cidade. Meu sonho era poder crescer cada vez mais na vida, por outro lado, havia os meus pais. Só de pensar que talvez eu voltaria a ficar longe novamente, me dava um aperto no peito, no entanto, eles entendiam que eu estava correndo atrás dos meus objetivos e, mesmo sendo contra suas vontades, sempre me apoiaram e continuariam fazendo isso.

Voltei o meu foco à minha conversa com o Théo.

— E como passou o final de semana presa nessa fazenda? Suponho que eu ficaria louco, olhando para o nada, apenas os animais — brincou.

— Gosto daqui, logo, não foi um sacrifício permanecer durante o final de semana — mencionei.

Ele só não tinha ideia de que foram os melhores dois dias da minha vida ficar confinada com o César. Só de lembrar, um calor descomunal se apoderava do meu interior. Admito que, quando soube que as estradas se encontravam bloqueadas, inicialmente me vi desesperada, imaginando como faria para resistir ao charme daquele homem, estando debaixo do seu teto, porém, com tudo o que ocorreu, se pudesse voltar no tempo, faria tudo igualzinho, sem tirar nem pôr.

— Lembro mesmo que já falou sobre isso — salientou.

Ainda com o copo em mãos, cheguei perto dele para depositar o copo na pia e, ao olhar para o lado, César permanecia parado na porta da cozinha, nos olhando com um ar de curiosidade. Engoli em seco e sorri minimamente.

— Conseguiu os documentos que pedi, Théo? — Sua voz saiu grave enquanto seus olhos deixaram os meus, firmando-os em seu assistente.

— Sim, senhor. Deixei-os sobre sua mesa para serem analisados e assinados — Théo prontamente o respondeu.

— Ótimo! Irei para o escritório para vermos isso — enfatizou.

— Vamos lá então — Théo disse, reconhecendo ser para ele seguir na frente e me deu tchau, saindo da nossa presença.

Ele, então, apoiado em suas muletas, fez o percurso até mim, parando em minha frente.

— Já estou com saudades dessa sua boca, sabia? — soprou com seus lábios bem próximos aos meus, deixando-me desejosa pelo seu beijo, mas sabia que não podíamos abaixar a guarda daquela forma.

— Disse para irmos com calma — ressaltei e seus olhos miraram os meus, abandonando os meus lábios, que o fitava

naquele instante.

— Sei disso. Não se preocupe, que não acelerarei as coisas. Temos tempo o suficiente para irmos nos conhecendo — proferiu sem cessar o seu olhar vigoroso sobre mim. — Obrigado pelo café da manhã em sua companhia — lembrou, agradecendo e sorri.

César então tentou me beijar, porém, me esquivei, cobrindo sua boca com a minha mão.

— César! — exclamei de modo a repreendê-lo. — Aqui não. Podem nos ver — exprimi, olhando ao redor.

— Tem razão — soltou o ar exasperadamente e balançou a cabeça em negativo —, é que estar perto de você me deixa totalmente fora de órbita. Acabo não raciocinando direito — declarou e sorri.

Dei um passo à frente e beijei-lhe o canto dos lábios rapidamente.

— Satisfeito? — provoqueei, e ele riu.

— Não é bem o que imaginei. Por ora, está bom. Melhor que nada — reclamou, e sorri do seu jeito descontraído.

Hoje, olhando-o daquele jeito, nem diria ser o mesmo César de dois meses atrás, quando comecei a cuidar dele. De homem arrogante e envolto em sua própria dor, passou a ser alguém gentil e de aura serena, encontrado um novo sentido para a sua vida.

— É bom vê-lo assim, tão contente — expus.

— Já disse que você tem participação nisso — externou e alisou a minha bochecha com as costas dos seus dedos, analisando minha face.

— Só estou fazendo o meu trabalho. — Dei de ombros.

— Não me refiro somente aos cuidados que tem me dado por conta da minha perna, mas pelo que vem me causando aqui também. — Inesperadamente, pegou uma das minhas mãos e pressionou contra o seu peitoral esquerdo.

Fiquei sem palavras. Seu coração batia rápido e constatei ser na mesma frequência que o meu. Engoli em seco, ainda inerte diante da sua declaração, e só nos afastamos porque ouvimos passos pelo casarão.

Dona Iara entrou no cômodo e começou a conversar comigo. César logo se retirou ao informar ter afazeres em seu escritório o aguardando e levou o seu olhar para longe de mim. Minha cabeça parecia ter dado um nó pelo que o César disse segundos atrás.

Será mesmo que César estava gostando de mim? — questionei mentalmente e sorri, pensando naquela possibilidade e se eu realmente não tinha entendido errado.

Se fosse mesmo verdade, confessaria que também vinha nutrindo sentimentos por ele.

UM MÊS DEPOIS...

Em meio ao que se passou, César e eu continuamos nos beijando e trocando amassos sem que outras pessoas soubessem. Dona Iara chegou a comentar que o César andava com um ar diferente, como se estivesse escondendo algo especial. Claro que desconfiou sobre o que ou quem poderia ser responsável, até que, em um belo dia, ia saindo do quarto dele com um sorriso enorme, depois de termos nos beijado e trocado algumas carícias, que me causaram um fogaréu por dentro e acabei topando com ela.

Por gostar e já ter uma certa confiança, não consegui mentir mais. Conte-ihe sobre o nosso envolvimento e tínhamos decidido irmos com calma. Constatei o quanto ficou feliz ao tomar conhecimento do assunto e me abraçou.

Também dividi a minha receiosidade em não saber o que esperar após a conclusão do meu contrato e fui aconselhada a não

pensar nisso, o mesmo que tanto a minha mãe quanto a Luara falaram. Por fim, resolvi aquietar o meu coração e viver um dia de cada vez, sem me preocupar com o amanhã. Como ele mesmo dissera desde quando começamos a nos envolver, “o tempo se encarregaria de nos dar as respostas na hora certa”.

Com o passar dessas semanas, César completou noventa e poucos dias após a cirurgia. Foi liberado pelo médico a colocar o pé no chão e continuar com a fisioterapia, com a diferença de agora poder realizar as sessões com pouca carga. Ao contrário de antes, agora ele andava com ajuda de apenas uma muleta e já firmava seu peso sobre a perna operada.

Em sua última consulta, o doutor o conscientizou que, efetuando as sessões necessárias, no próximo mês já poderia andar sem a muleta, até para voltar a ter segurança sobre os próprios pés sem apoio e isso queria dizer que estaria quase cem por cento curado. Seu tio, muito simpático, me agradeceu por ainda estar ajudando no que necessitava, afinal, seu sobrinho conseguia andar

pela fazenda e averiguava de pertinho as pendências das terras e plantações. Meu último mês de trabalho foi tranquilo e decisivo, pois serviu para colocar meus pensamentos e emoções em ordem.

À medida que fui convivendo um pouco mais em companhia do César, cheguei à conclusão que estava me apaixonando por ele, e somado a isso, cogitei o desejo da minha mãe; que eu permanecesse na cidade e trabalhasse com eles na panificadora enquanto tentava um trabalho por aqui mesmo, até para não ficar longe deles. Juntando o fato de estar gostando do César e do pedido da minha mãe, resolvi que não seguiria mais para a cidade vizinha à procura de trabalho. Talvez fosse melhor permanecer por perto, principalmente por não ter a mínima noção de que adquiriria algo na minha área tão rápido na outra cidade.

Com essa certeza em mente, terminei de trocar de roupa, sentindo certo pesar por chegar ao fim o meu expediente e último dia do contrato firmado com o senhor Arthur como enfermeira do homem que me conquistou em meio a esses três meses que

passaram. Sairia daqui certa de que havia ensinado ao César a ser uma pessoa melhor, mas também aprendi muito com ele. Fez-me enxergar valer a pena colocar o pé no freio lentamente ocasionalmente e aproveitar de verdade cada segundo da minha vida, principalmente ao lado daqueles que se ama.

Respirei fundo ao ajustar minha bolsa em um dos meus ombros e soltei o ar gradualmente, me preparando para ir me despedir do César e seguir para a minha casa em seguida. Abri a porta do quarto e passei a mão pelos fios do meu cabelo, dando algumas passadas pelo corredor, até me aproximar da entrada dos aposentos do quarto dele. Sorri nervosamente ao parar diante da porta e, quando estiquei meu braço na intenção de abri-la completamente, visto que se encontrava entreaberta, cessei o meu movimento ao escutar a Gabriela, a fisioterapeuta, dizendo:

— Você está tenso demais, querido. Mas não se preocupe, pois minhas mãos são mágicas. Aliás, não somente minhas mãos, sabe disso — proferiu em um tom sedutor.

Saí dali rapidamente sem me importar em saber do restante. Jamais imaginei que o César estaria se envolvendo com aquela mulher. Só agora me dei conta que, se ele se interessou por mim, sua enfermeira, quem poderia dizer que não faria o mesmo com relação a sua fisioterapeuta?

Um nó se formou em minha garganta e pisquei, sentindo certa umidade em meus olhos, contudo, não me permiti derramar nenhuma lágrima sequer. Eu devia ter imaginado que nosso envolvimento não passaria de algo momentâneo para ele, só que fui burra o bastante para não desconfiar de nada. Passei pela porta da cozinha o mais ágil que consegui, não querendo ser parada por ninguém.

Felizmente atravessei a porta e saí em direção à cancela da fazenda. Passei por ela, chegando ao meu carro e joguei a bolsa sobre o assento do passageiro. Meu coração dava sinais do quanto estava ferido pelo que acabei de ouvir, mesmo assim, girei a chave

na ignição depois de travar meu cinto de segurança e acelerei para longe sem designar os meus olhos na direção do casarão.

Naquele instante, percebi o erro que cometi. Jamais deveria ter me deixado levar pelo calor do momento e autorizado com que o César adentrasse o meu coração, fazendo-me apaixonar como uma tola. Bem feito para mim.



CAPÍTULO 17

CÉSAR MAZZA

O mês que se passou só serviu para que eu e a Julie nos aproximássemos mais. Estava nítido o quanto vinha nutrindo sentimentos por ela. Por vezes, depois de ficar sozinho em meu escritório, me pegava viajando em lembranças dos nossos beijos e amassos mais quentes.

Um sorriso bobo sempre me dominava e me sentia um paspalho apaixonado. Ainda era estranho reconhecer que meu coração foi fisgado por outra mulher. Até então, meses atrás, nem cogitava essa possibilidade.

O destino tinha suas artimanhas, isso eu devia reconhecer. Além disso, a Julie era uma moça linda, estudada, carismática e muito mais nova do que eu, algo que conversamos várias vezes, sendo deixado bem claro que nada disso faria diferença para nenhum dos dois, caso o nosso envolvimento se transformasse em um relacionamento sério.

Minhas últimas semanas foram bem corridas e não sei se era por conta disso, mas não tive mais pesadelos com a Suzana. Cessou logo após a última noite em que Julie me flagrou murmurando coisas desconexas por conta de um e passou as horas seguintes segurando uma de minhas mãos. Lembro-me bem que foi na manhã em que a observei sentada desajeitadamente naquela

cadeira, com sua mão unida à minha, o quanto era linda e aproveitei para admirar seus traços.

Mesmo em meio aos meus afazeres diários, ainda tinha a presença da Julie diariamente na fazenda. Já havia sido liberado a pôr o pé no chão e não vivia pulando sobre o outro como anteriormente e nem precisava que a Julie ficasse levando os meus medicamentos ou almoço, janta e lanches ao meu quarto, mesmo assim, continuava fazendo o seu trabalho. Hoje era o seu último dia, e admito que não estava preparado para não ter mais a sua companhia durante a semana.

Sempre que arranjávamos uma brecha, estávamos nos atracando em algum cômodo da casa. Era impossível não tomar a sua boca para mim urgentemente, aproveitando para esquadrinhar o seu corpo. Momentos como esses ficavam grifados em minha mente pelo restante do dia, conduzindo-me a ter noites terríveis e com muito banho gelado.

Se não fosse dessa forma, mal conseguiria dormir de pau duro, dado que me pegava pensando em como seria me enterrar fundo na sua boceta. Faltava ficar louco só de imaginar quando finalmente se concretizasse. Seria a melhor noite da minha vida, visto que veneraria cada bendita parte da sua estrutura física maravilhosa.

Passei a semana um pouco tenso porque tão logo chegaria o fim do seu contrato e hoje piorou cem por cento, mesmo estando no escritório com o Théo e resolvendo algumas pendências da fazenda, que aproveitei para ver se tirava o meu foco disse e não obtive sucesso. A partir de amanhã, Julie não trabalharia mais aqui, visto ser hoje o seu último dia. No meio da tarde, saí do escritório, deixando o meu assistente cuidando de algumas análises e fui andando pela fazenda, dando uma sondada pelas plantações de milho e soja que ficavam por perto.

Ainda andava com certa cautela, mesmo com a ajuda de uma única muleta, e isso me levava mais tempo. Debaixo do sol, cruzei o

pasto até entrar no estábulo. Parei diante do compartimento de um dos cavalos de raça que Danilo sempre mantinha muito bem tratados e cuidados, pois tinha conhecimento do quanto eu prezava por isso. Não era à toa que, além de termos uma grande amizade, era o meu braço-direito em quase tudo nessas terras.

— E aí, amigão? — falei, aproximando-me e levei minha mão livre até a sua crista.

Primeiramente, o animal relinchou e girou a cabeça para o outro lado. Pedi que se acalmasse e mais uma vez tentei tocá-lo, o que permitiu. Alisei seu pelo negro e contemplei o quanto reluziam de tão bonito.

Distraído, nem notei quando o Danilo chegou por ali, somente após ouvi-lo me cumprimentar.

— Dia, patrão! — Olhei-o ao se posicionar ao meu lado.

— Bom dia! — saudei-o de volta.

— Quer que o prepare para dar um passeio? — inquiriu.

— Não. Deixarei para quando estiver cem por cento. Melhor não fazer “arte” — comentei, descontraído e rimos.

— Então *tá* certo — mencionou, olhando-me com um ar desconfiado.

— O que foi? — questionei, percebendo querer falar algo.

— Não sei. Parece mais feliz ultimamente ou estou vendo coisa onde não existe? — observou.

Sorri enquanto o rosto de Julie resplandeceu em minha mente.

— Pelo sorriso, está mesmo acontecendo alguma coisa que, porventura, ainda não compartilhou comigo — salientou.

Eu realmente não cheguei a comentar nada com ele. Havia prometido a Julie que iríamos com calma e decidimos não dizer sobre o nosso envolvimento a ninguém. Tudo bem que ela me informou ter contado a sua prima, à mãe e a dona Iara, que detectaram uma mudança repentina no seu modo de ser, porém, me

mantive em silêncio. Queria ter certeza que nosso envolvimento não ficaria só nisso, porque, se fosse o caso, seria melhor que ninguém desconfiasse, afinal, além da Julie ser a minha enfermeira, também era bem mais nova, e muitos podiam interpretar erroneamente.

Estava pouco me fodendo para os burburinhos que poderiam se formar a partir disso, minha preocupação mesmo se resumia a como a Julie contornaria situações como aquela, se existissem. Apesar de ter uma personalidade bastante decidida, talvez não a impedisse que algo assim lhe trouxesse dúvidas ou causasse muita tristeza. Foi cogitando tudo isso e, por não desejar que nada parecido ocorresse, que nem ao menos para o Danilo, que considerava um grande amigo, deixei a par do assunto.

Deixei minhas divagações de lado, retornando ao nosso diálogo.

— Não está enxergando coisas — iniciei.

— Então pode ir desembuchando — intimou, e ri.

— Há cerca de um mês, eu e a Julie começamos a nos envolver — confessei.

— Como assim? Até meses atrás, me recordo de estar querendo a demissão da moça — expôs, tentando entender. — O que mudou?

— Como soube disso? Não me lembro de termos falado desse tópico. — Olhei-o, e ele coçou a cabeça, rindo minimamente.

— Na verdade, desde que se acidentou, não vinha mais me falando nada, não é mesmo? — Sua pergunta saiu carregada de lamentação.

— É verdade — reconheci.

— Bom, acredito que não valha a pena ficar tocando nessa tecla. Enfim, soube pela dona Iara, por ouvir o senhor Arthur falando com a senhora Raissa ao telefone. Daí, a pauta se espalhou pela fazenda — me informou.

— Vocês não deixam passar nada por aqui, Deus me livre! —
reclamei, e Danilo caiu na risada.

— Passamos boa parte do nosso dia nessas terras, patrão.
Temos que ter umas fofquinhas ocasionalmente — brincou e rimos.
— Contudo, o seu envolvimento com a Julie foi muito bem
escondido, porque não soube de nenhum burburinho acerca disso
por aqui. — Suspirei em completo alívio.

— É bom saber disso, mas dona Iara já tem conhecimento —
expirmi.

— Olha só! Reclamarei com ela depois — enfatizou.

— Você é uma figura mesmo — zoei.

— E aí, conta logo como tudo aconteceu. Estou curioso. —
Me deu uma cotovelada levemente e detalhei desde o início.

Ao finalizar, mirou-me com um semblante surpreso.

— Hum... A moça é ousada mesmo. Teve muita coragem de
entrar em conflito com o patrão — caçoou, e o encarei com os olhos

semicerrados. — Deve ter sido isso que o fez gostar dela, fora que é linda. Parece uma boneca de tão perfeita — elogiou.

— Sim, ela é. Não descarto a hipótese de ter sido conquistado por conta do seu jeito atrevido de ser. Inicialmente, tive muita raiva daquela língua afiada, mas agora... — deixei subentendido.

— Agora não se imagina sem — completou.

Rimos.

— Não negarei, visto que é a mais pura verdade — desabafei.

— Sei bem como é. Com a Ana foi da mesma forma. — O cavalo relinchou, como se quisesse entrar na conversa, e nos afastamos do compartimento que se encontrava.

— E os preparativos para o casamento? — questionei, pois me entregou o convite algumas semanas atrás.

Com o apoio da muleta, fomos andando até a saída do estábulo.

— Será algo simples, todavia, não descartamos nos casar na igreja também — disse, e constatei sua felicidade.

— Fico muito feliz por vocês — declarei verdadeiramente.

— Sei disso, patrão. Espero que logo oficialize seu relacionamento com a Julie, o que me diz? — disse divertidamente.

— Hoje é o último dia dela como minha enfermeira e não sei ainda como ficaremos. — Soltei o ar pesadamente. — Estou triste por ter ciência que não a terei mais aqui diariamente — revelei, sentindo o meu coração se apertando no peito.

— Se te deixa triste o fato de não ter a sua presença por perto, sinto informar, mas já está apaixonado e não sabe. — Apertou um dos meus ombros suavemente.

— Gosto dela, mas será que ainda não é cedo para propô-la um namoro sério? — interroguei, incerto.

— Não existe tempo certo quando se ama alguém de verdade. Se fosse você, não perderia mais tempo referente a isso. Pensar

demais, muitas vezes, nos faz perder excelentes oportunidades na vida — refletiu.

Instantaneamente suas palavras fizeram sentido e me levou a decidir que rumo deveria tomar.

— Obrigado — agradei, devolvendo-lhe umas batidinhas nas costas.

— Não por isso, patrão. — Sorriu. — Vou indo, tenho que conferir o gado — despediu-se.

— Vai lá — proferi e então fui deixado a sós.

Pensativo, fiz o percurso de volta para o casarão e entrei, seguindo diretamente pelo corredor até o meu quarto. Gabriela, a fisioterapeuta, chegaria em menos de uma hora para realizarmos mais uma sessão. Desde a última vez em que a dei um ultimato, não se atreveu a me lançar mais piadinhas e admito que agradei por isso, sinal de que havia entendido o recado.

— Você está tenso demais, querido. Mas não se preocupe, pois minhas mãos são mágicas. Aliás, não somente minhas mãos, sabe disso — Gabriela proferiu sedutoramente, subindo sua mão do meu pé, e alisou a minha perna como se fosse algo natural de uma profissional como ela fazer.

— Como disse? — Ela deu uma risadinha cínica.

— Dirá que não gosta quando mulheres determinadas como eu demonstram o que realmente quer, hum? Quanto mais se tratando de homens assim como você, mais experientes. — Me olhou profundamente, expressando sua real intenção para comigo.

Aquilo era, definitivamente, inacreditável. Automaticamente afastei as suas mãos da minha perna. Deus me livre se a Julie ouvisse uma desgraceira daquela, o que pensaria?

Levantei-me da cama, analisando seu semblante confuso e calcei minha sandália de dedo.

— Vejo que se enganou a meu respeito. Gosto de mulher, principalmente aquelas que possuem caráter e não dadas como você — expus grosseiramente.

Rapidamente ela se pôs de pé, abandonando a cadeira que se encontrava sentada e me lançou um olhar ferido.

— Eu...

A interrompi, sem um pinga de paciência para a desculpa esfarrapada que ousaria inventar para se safar do seu antiprofissionalismo.

— Pegue as suas coisas e não precisa retornar. Está dispensada. Reportarei ao meu tio a respeito disso e o seu pagamento pela sessão está no envelope em cima da mesinha, como de costume. — Sem esperar que formulasse uma resposta, saí do quarto e segui até a cozinha, à procura da Julie.

Entrei no cômodo, e não a vi. Com minha mão livre, alcancei o meu celular no bolso e conferi o horário, vendo que já havia passado alguns minutos de quando terminava seu expediente. Retornei pelo corredor, deparando-me com a Gabriela, que saiu cabisbaixa, como se estivesse com vergonha, e nem sequer me importei.

Bati na porta do quartinho que Julie usava para trocar de roupa e chamei pelo seu nome, desferindo algumas batidinhas. Não obtive resposta, então girei a maçaneta, empurrando-a num solavanco, e também não havia sinal dela, muito menos das suas coisas. Mesmo de muleta, me dispus apressadamente até a porta de entrada do casarão e, do degrau mesmo, olhei para fora da cancela, não avistando o seu carro.

— Droga! Onde você está, Julie? — falei comigo mesmo em tom alto.

Disquei o seu número e chamou várias vezes, caindo na caixa de mensagens. Meu coração pulsava desesperadamente no peito, tamanha era a minha aflição. Novamente, liguei para o seu telefone

e, daquela vez, já nem chamou, foi diretamente para a caixa de mensagens.

Fiquei em dúvida se ela foi embora sem se dar o trabalho de se despedir porque nosso envolvimento não passou de algo momentâneo, o que me causaria perplexidade, se viesse a me confirmar isso. Afinal, o brilho que sempre se fazia presente em seus olhos quando estávamos juntos não demonstrava nada disso ou... será que a Julie escutou o que a Gabriela disse?

— *Porra!* — praguejei, apertando o aparelho fortemente em minha mão, sem saber o que pensar verdadeiramente.



CAPÍTULO 18

JULIE

— Não entendeu mal, Ju? Afinal, vocês pareciam certos do que queriam, ao menos foi o que me contava e eu via também no jeito que passou a falar dele no último mês e o quanto te fazia bem.

— Ouvi minha prima dizendo enquanto alisava os meus cabelos, tendo a minha cabeça sobre seu colo.

No percurso para casa, depois de ouvir o que a Gabriela falava no quarto do César, ele me ligou quando estava quase na metade do caminho, porém, não fiz questão nenhuma de atender, simplesmente deixei cair na caixa de mensagens. Alguns segundos se passaram e desliguei meu telefone, não querendo ser perturbada, caso voltasse a ligar novamente. Não queria saber dele enquanto o meu coração se encontrava despedaçado no peito e tentava controlar a vontade enorme de chorar pela minha burrice de ter me apaixonado por quem jamais deveria.

Depois de chegar, conversei rapidamente com a minha mãe, pois viu o meu semblante triste e algumas lágrimas deixaram os meus olhos, algo que foi inevitável. Pouco tempo depois, fui deixada a sós no meu quarto e tomei um banho, vestindo um moletom, pronta para dormir. Algumas batidinhas foram desferidas na porta assim que me deitei, querendo esquecer a parte ruim daquele dia, e desejando ardentemente que nunca tivesse existido.

A Luara colocou a cabeça para dentro e entendi que dona Matilde a tinha chamado para vir até aqui para que eu pudesse me desabafar. Minha mãe era sempre muito preocupada e carinhosa. E, então, ela sentou-se em meu colchão e me fez relaxar, pousando a minha cabeça sobre suas pernas, começando a afagar meus fios.

Dispersei os meus pensamentos, voltando a respondê-la.

— Não. Tenho certeza do que ouvi — disse, convicta, enquanto *flashes* daquele momento resplandeceram em minha memória, forçando-me a fechar os olhos, de modo a empurrá-los para longe.

Por mais que ainda tivesse um grande nó atravessado em minha garganta, após as lágrimas que escaparam dos meus olhos, não me permiti mais chorar. Eu sabia perfeitamente dos riscos que corria quando resolvi nos dar aquela chance, então, tinha apenas que reconhecer o meu erro, erguer a cabeça e seguir com a minha vida. Antes do César, havia metas que tracei de modo a alcançá-las em minha vida, e agora que tudo acabou, não via motivos para

prolongá-los por mais tempo e oraria muito para que algum trabalho surgisse para mim, preferencialmente se fosse em outra cidade.

Mais uma vez me obriguei a deixar meus questionamentos e certezas de lado ao escutá-la.

— Ele não te ligou? — inquiriu, curiosa.

— Sim — exprimi monossilabicamente.

— E você certamente não atendeu, não é mesmo? — questionou, querendo ter certeza.

Luara me conhecia tão bem quanto os meus pais e irmão. Sentei-me ao deixar o seu colo e ajustei minhas costas contra a cabeceira da cama. Inspirei o ar profundamente e o soltei gradualmente, dando-lhe uma resposta em seguida:

— Não tinha nada o que ser dito, e eu estava dirigindo — me defendi, dando de ombros, e ela soltou uma bafora de ar.

Dava para ver em seu rosto que sentia muito pelo que me aconteceu. Afinal, torcíamos uma pela felicidade da outra desde que

nos descobrimos gente e era justamente por isso que tínhamos uma a outra como irmãs, não apenas primas. Eu também me encontrava muito triste, todavia, conformada.

Nem tudo na vida, constantemente, aconteceria como o nosso previsto e, quando entendíamos isso, ficava mais fácil lidar com as decepções que sofríamos, mesmo elas sendo completamente injustas.

Girei o meu rosto em sua direção assim que começou a se pronunciar:

— Acredito que deveria dar-lhe uma oportunidade para se explicar. Não sei! Isso está me soando estranho, visto que ele deixou claro que você mexia com suas emoções e o fazia nutrir sentimentos que há muito tempo não tinha mais sentido — ponderou, desviando sua atenção da minha, e tornou-se pensativa, mirando um ponto qualquer pelo cômodo.

— Se ele vir me procurar, talvez o ouça — ditei e massageei sobre meu peito esquerdo, querendo que aquela dor latente se dissipasse do meu coração.

Continuamos conversando e ela tratou de mudar o tópico do nosso debate. Contou que, dentro de algumas semanas, aconteceria o casamento do Danilo, o gerente da fazenda do César e que com certeza ela iria com o senhor Arthur e a dona Raissa. Ela tinha uma boa relação com seus patrões, e admito ser algo invejável atualmente.

Em meio ao que falava, conseguiu me arrancar algumas gargalhadas no processo e agradei mentalmente por esse feito. Queria mesmo me distrair e não ter que pensar no César. Só de lembrar que hoje saí cedo de casa certa de que seria um totalmente diferente só servia para intensificar a tristeza já presente em meu interior.

Mais algum tempo se passou até ela dar o nosso papo como encerrado e ir para a sua casa, que ficava algumas ruas daqui. Antes

de ela ir, agradei por vir me ver e me feito espairecer a mente um pouco e rimos, nos abraçando carinhosamente. Luara revelou o que eu já sabia, que foi minha mãe quem a contatou e a informou que eu não estava muito bem.

Aconchegada em meus lençóis, sorri meio sem graça, recordando-me daquele instante e ajustei minha cabeça no travesseiro. Mirei o teto cheio de estrelinhas e fiquei me perguntando o que o destino teria me reservado dali em diante. A imagem do César veio na minha mente, invadindo-a fortemente e vire-me para o lado.

— Saia da minha cabeça, por favor! — exprimi baixinho, como se ele fosse escutar o meu pedido e atendê-lo.

Sabia muito bem que tentar tirá-lo da minha cabeça seria apenas o começo. O ruim mesmo seria conseguir arrancá-lo totalmente do meu coração. César já estava entranhado ali e custaria a sair.

Infelizmente.

Suspirei, chateada, e tratei de me preparar mentalmente para finalmente ir dormir e quem sabe assim ter um pouco de paz. Felizmente amanhã será um novo dia.

NO DIA SEGUINTE...

Acordei bem cedo e ajudei a minha mãe com os afazeres em casa. Quando foi se aproximando do horário do almoço, fui ao meu quarto e finalmente criei coragem o suficiente para pegar o celular sobre a mesinha de cabeceira e sentei-me em minha cama. Deixei-o desligado desde o meu retorno para casa após minha grande

decepção com o César e, assim que seu *display* ganhou vida, chegaram alguns avisos de números que tinham me ligado e de mensagens também.

Ao conferir, uma era da minha prima, justamente no horário que já havia chegado em casa, que não vi, e outras inúmeras se resumiam tentativas de ligações do César. Meu coração disparou no peito assim que abri uma única mensagem que me enviou pela manhã, dizendo que teve uma noite dos infernos porque não dormiu direito pelo fato de não ter conseguido falar comigo. Também pedia uma explicação por eu ir embora repentinamente, sem ao menos me despedir dele.

Ainda com uma dorzinha aguda em meu interior, ignorei completamente suas palavras e inspirei o ar profundamente. Queria manter o meu raciocínio lógico e não dar brechas para recaídas. César me fez de boba, uma pena que eu soube tarde demais.

Tarde demais para evitar que viciasse a minha boca com seus beijos; o meu corpo que clamava por suas mãos másculas, que

apertavam a minha carne com extremo desejo e...

Sacudi a minha cabeça com a certeza que não pensaria mais nele, muito menos daquela forma. Larguei o celular onde estava anteriormente e pedi aos céus que me proporcionasse um milagre. Confiante, fiz o percurso de volta para a cozinha e comecei a preparar o almoço em companhia da minha mãe.

— Ele já foi te procurar? — Luara questionou em meio à ligação e comprimi meus lábios, chateada.

Era por volta das três horas da tarde e havia acabado de acordar de um pequeno cochilo, visto que não dormi muito bem noite passada.

— Por que ele viria? — retruquei.

— Argh! Deixa de ser cabeça dura, Ju! É óbvio que o César gosta de você e aparecerá aí a qualquer momento. — Revirei os olhos, soltando uma lufada de ar.

— Você acredita mesmo em contos de fadas, mas sinto informar que eles não existem — ditei, descrente.

— Ok. Voltarei ao trabalho e mais tarde ligarei novamente. Melhoras! — desejou-me e desliguei.

Passei os dedos pelos fios do meu cabelo, sem saber ao certo o que pensar, e meu celular começou a tocar outra vez. Antes de olhar o visor, relutei em atender, cogitando ser o César, entretanto, aceitei a chamada rapidamente ao ver que se tratava do número da Larissa, uma amiga da faculdade. Fizemos um estágio juntas em uma das clínicas da cidade vizinha e, mesmo eu retornando para a casa dos meus pais, nos falávamos ocasionalmente.

— Oi, Julie! Como vai? — me saudou assim que atendi.

Fingi estar superbem e ela me falou que a clínica onde trabalhava estava precisando de uma enfermeira. Fiquei contente pelo seu contato, visto que, antes mesmo de começar a trabalhar na fazenda, cheguei a comentar com ela diversas vezes que, quando surgisse alguma vaga, não hesitasse em me falar. Graças aos céus não se esqueceu e pediu que enviasse um currículo meu em seu e-mail, que me indicaria.

Quase saltei de felicidade, mas me contive. Antes de finalizarmos, me passou seu e-mail e a agradei grandemente por ter se lembrado de mim. Desliguei, sentindo meu coração pulsando alegremente no peito, todavia, se desse certo, eles me ligariam em poucos dias.

— Tomara que dê certo — murmurei, feliz.

Saí do meu quarto eufórica para contar para a minha mãe.

Por volta das dezoito horas, fui saindo da panificadora depois de ficar o restante da tarde ajudando o meu pai e irmão a atender a clientela e segui pela calçada até parar diante do portão da minha casa, que ficava ao lado. Ouvi o barulho de uma caminhonete parando em frente e, como estava de costas, abrindo a fechadura do portão, mal me dei conta de quem seria, só percebi quando a voz do César atingiu os meus ouvidos.

— Fugindo de mim, Julie? — Sua pergunta me fez sobressaltar no mesmo lugar, e rapidamente me virei, cobrindo meu peito esquerdo devido ao susto.

Seus olhos azuis e intensos se chocaram com os meus, e dei um passo atrás, chocando minhas costas contra o portão.

— Que susto! — exclamei, sem desviar meu olhar do seu.

Naquele instante, minha respiração tornou-se mais rápida do que o normal e a minha vontade foi a de me jogar em seus braços e

matar a saudade que senti dele. Com a mesma velocidade que desejei fazer isso, logo as palavras da sua fisioterapeuta inundaram o meu cérebro e uma raiva tomou conta de mim. Dei-lhe às costas, pronta para entrar sem lhe dar a mínima atenção, só que inesperadamente sua mão fechou-se acima do meu cotovelo, girando o meu corpo para si.

César se aproximou pondo sua mão livre contra a lataria do portão, acima da minha cabeça, encurralando-me com todo aquele ar selvagem e de homem decidido que quase esqueci do porquê de não o querer mais em minha vida.

— Por que está fugindo de mim, hum? — Fitou-me firmemente e, por mais que quisesse, não obtive sucesso ao tentar desviar minha atenção da sua.

A intensidade com a qual me encarava era hipnotizante demais.

— Porra! Senti tanta falta disso. — Ainda tentava reordenar meus pensamentos de modo a lhe dar uma resposta quando ele roçou seu nariz em um lado da minha bochecha, obrigando-me inspirar o ar com mais precisão, com o propósito de não cair em tentação.

Tão logo sua barba por fazer arranhou a minha pele, eriçando todos os pelos presentes em minha estrutura física. Ao recuperar o meu raciocínio lógico, espalmei seu peitoral com o intuito de distanciá-lo de mim, algo que foi em vão, pois nem sequer se moveu.

— O que está fazendo aqui? — inquirei, dado que a minha raiva sobressaltava o desejo de abraçá-lo e beijá-lo ali mesmo.

Seu semblante tornou-se confuso.

— Como assim, Julie? — Puxei o ar para os meus pulmões e os soltei gradualmente, perante sua dúvida. — Aliás, por que foi embora sem se despedir ontem e vem me evitando dessa forma,

nem sequer respondeu a minha mensagem ou retornou as minhas ligações? — emendou.

Soltei um riso amargo e dei um passo ao lado, desesperada por um pouco de espaço.

— Não cansou de me fazer de boba? Ou quer ficar com as duas? — confrontei, erguendo meu queixo, demonstrando firmeza em minha postura.

— Do que está falando, Ju... — Parou de falar de repente, como se desse conta do que se tratava a minha provocação.

Ele tirou sua mão do portão e contornou sua barba.

— Julie...

Iniciou e o interrompi.

— Ouvi a Gabriela falando ter mãos mágicas e não só isso, porque que você sabia — externei, querendo saber da verdade.

— Nunca tive nada com ela, juro! — garantiu, olhando-me firmemente.

César deu um passo à frente e não me designei a dar nenhum para trás. Necessitava ouvi-lo, mesmo assim, balancei a cabeça em negativo.

— Desculpe-me, eu realmente errei com você — Tentou segurar minha mão, e não permiti. Ele soltou o ar pesadamente e chegou um pouco mais perto, conseguindo aflorar meus hormônios num grau incalculável com a sua presença, somada ao cheiro da sua fragrância amadeirada e forte, que tanto amava. — A Gabriela já havia dado em cima de mim anteriormente e omiti isso por conta de ter dado um ultimato a ela, dizendo que seria demitida se caso voltasse a se portar daquela maneira. Fui imbecil o bastante de não ter lhe contado, imaginando que a mesma não repetiria aquilo — confessou.

Engoli em seco, surpresa e triste em simultâneo. Não esperava aquela resposta. Pior ainda saber que ele não compartilhou um assunto tão importante comigo.

Se estávamos nos envolvendo, ele me devia isso. Adquirir a minha confiança nesses casos é o mínimo que se espera de alguém com quem pensa em ter algo sério. Sinal de que essa não devia ser a sua intenção.

— Agora ficou claro para mim que seu objetivo nunca foi que tivéssemos um relacionamento sério — expressei, sem forças para brigar.

Estava tudo muito nítido ali.

— Não diga bobagens, por favor. Reconheci o meu erro e peço perdão por ter sido tolo. — Em seus olhos, pude sentir a veracidade de suas palavras, mas já era tarde.

— Quando estamos com uma pessoa, certamente esperamos que ela seja leal aos nossos sentimentos, que divida tópicos importantes como o qual preferiu esconder de mim — expus.

— Julie, eu... me apaixonei por você e nunca quis que algo assim tivesse o poder de tirá-la de mim. Por favor, vamos esquecer

isso e começar de novo, hum? — praticamente suplicou e em seus olhos, havia certa esperança.

Minha garganta se fechou a partir do nó que se formou, devido ao meu lado emotivo.

— Desculpa, César, mas é difícil pra mim acreditar que realmente queira isso, dado que acabou de confessar a sua falta de lealdade a mim — proferi com pesar. Antes que ele se pronunciasse, dei seguimento: — Recebi uma proposta de trabalho na cidade vizinha e aceitei. — Por mais que não fosse cem por cento verdade, me vi colocando para fora. Notei sua postura murchar. — Será bom nos darmos esse tempo. Aproveita e use-o para ter certeza do que verdadeiramente deseja — sugeri, vendo seu olhar perder o brilho que eu tanto amava, lentamente.

— E você sabe o que quer? — especulou.

— Sim. — Soltei um riso ameno pelas coisas não terem seguido pelo caminho que imaginava.

Daquela vez, fui eu quem me aproximei e levei uma de minhas mãos ao seu rosto, acarinhando a sua barba e sentindo a sua maciez. César fechou os olhos, inclinando sua cabeça para o lado, e aspirou o cheiro da minha pele a partir do meu pulso, fechando os olhos no processo. Tive vontade de beijá-lo uma última vez, porém, freei aquele ato.

— Não desistirei de você, de nós. Tenha certeza disso. —
Olhou-me com os olhos umedecidos e respirou fundo, pesaroso.

Segurando a vontade de chorar, assenti e abri o portão, finalmente entrando em casa. Não olhei para trás. Seria o melhor para nós dois.

Tudo aconteceu tão rápido entre nós que acredito ter sido o grande fator para não termos dado certo de imediato. Talvez longe, apesar da sua promessa, tanto ele quanto eu, acabássemos esquecendo um ao outro de vez ou só ajudaria a engrandecer um pouco mais o que nutríamos pelo outro. Eu o amava e não havia

dúvidas quanto a isso, bastava saber se ele também chegaria à mesma conclusão.



CAPÍTULO 19

CÉSAR MAZZA

UM MÊS DEPOIS...

Um mês se passou desde que a Julie decidiu dar um tempo entre nós dois e me informou que trabalharia na cidade vizinha. Foi doloroso ouvi-la proferindo tudo aquilo e, mesmo a contragosto, fui forte o bastante para aceitar o que queria. No fim das contas, havia

cometido um grande erro com ela e vi que não adiantaria dar-lhe mais inúmeros argumentos, porque simplesmente não me ouviria.

Com grande pesar, deixei-a ter seu tempo, porém, isso não quer dizer que desisti de nós, pelo contrário. Três dias após a nossa “despedida”, Julie foi realmente embora e foi ela mesma quem me mandou uma mensagem avisando que, no dia em que tivemos nossa última conversa, não estava nada acertado, mas o pessoal ligou dois dias depois, chamando-a para uma entrevista, e conseguiu a vaga. Fiquei muito feliz pela sua conquista, pois era uma mulher determinada a seguir atrás dos seus sonhos.

Por outro lado, fiquei na fazenda lembrando-me dela diariamente; dos momentos que tivemos enquanto cuidou de mim e cogitando o que quanto teria diferido se eu não tivesse quebrado a sua confiança com a omissão referente à postura da Gabriela. Todas as vezes que me deitava para dormir, seu rosto vinha em minha mente ao fechar os olhos e, em uma das noites seguintes a sua partida, fiz uma chamada de vídeo, ansiando vê-la, mesmo que

estivesse distante. Lembro-me que atendeu e tinha um semblante desconfiado, só que ao contrário do que pensei, não desligou na minha cara, pelo contrário.

Passamos a conversar diariamente a partir daquele dia e meu horário preferido era quando me aprontava para dormir, já sabendo que nos falaríamos em meio à chamada de vídeo. Observar o seu rosto não tinha preço. Meu peito inflava todas as malditas vezes que meus olhos recaíam sobre sua imagem refletida no *display* do telefone. Tive muita vontade de ir até ela, mas, ao discutir sobre o assunto com o meu tio, foi bem claro comigo ao dizer que seria bom dar o tempo e espaço que a Julie queria.

Foi cogitando acerca disso que aquietei meu coração e em vez de sair correndo daqui como um louco desesperado para que ela me aceitasse novamente em sua vida não só por ligações diárias, tratei de voltar a fazer terapia e vinha me ajudando a lidar com tudo isso. Mesmo em pouco tempo, aprendi a dar valor aos pequenos momentos vividos; que cada segundo conta e, principalmente, deixar

quem amamos livre para efetuar suas próprias escolhas. Contudo, independentemente de estarmos distantes e ter dado o tempo que queria, me mantive firme a não desistir de nós.

Em todas as noites, em meio às nossas chamadas, evidenciava o quanto sentia profundamente a sua falta; de tê-la comigo e poder não só beijá-la, como também apertar o seu corpo contra o meu. Julie não escondia que eu também lhe fazia falta, entretanto, era perceptível que ainda se encontrava decepcionada pelo meu feito, e eu me condenava diariamente por isso.

Se pudesse, voltaria imediatamente no tempo e faria tudo diferente, só que infelizmente esse poder não me pertencia. Há algumas semanas, fui liberado da única muleta que ainda usava como apoio. Faziam quatro meses desde a minha cirurgia na perna e graças aos céus me recuperei muito rápido, visto que poderia demorar um pouco mais, na visão do doutor.

Estava feliz por finalmente andar sob meus próprios pés, mas não significava que não devia continuar com mais algumas sessões

com carga para a minha total recuperação, afinal, não me encontrava cem por cento ainda, apenas quase. Nesse momento, me encontrava na rodovia, indo para a cidade vizinha. Julie não sabia que não aguentei mais esperar um dia sequer para matar a saudade que vinha me corroendo por dentro desde a sua partida.

Ela havia me contado o nome da clínica que trabalhava e a aguardaria em frente até que acabasse o seu horário. Era sexta-feira e planejei passar esse final de semana em sua companhia, pois não trabalharia. A viagem foi tranquila e, assim que cheguei à cidade, dirigi até seu local de trabalho e estacionei a caminhonete em uma das vagas que tinha em frente.

Conferi o horário no celular, faltando um pouco menos de uma hora para ser liberada. Enquanto aguardava o tempo passar, abri as últimas conversas que tivemos e sorri, certo de que a queria. Julie disse nos dar essa pausa para eu ter certeza se a queria em minha vida, todavia, no seu último dia de trabalho como minha enfermeira,

estava disposto a pedi-la em namoro e mostrar para todo mundo que aquela jovem maravilhosa e de língua afiada me pertencia.

Por uma infelicidade do destino, nada disso foi possível e hoje estava aqui, com a cara e a coragem para fazer dos nossos próximos dias completamente diferentes. Assim esperava, já que ela não sabia da minha vinda até aqui. À medida que os últimos minutos se arrastaram, meu coração começou a palpitar mais forte e esfreguei minhas mãos, ansioso e nervoso em simultâneo.

Não tinha a mínima ideia se seria abraçado ou chutado de vez para longe dela. Não demorou até vê-la saindo da clínica usando um vestidinho rodado de tom azul. Saí da caminhonete e recostei na lataria. Por conta do barulho ao fechar a porta, seus olhos rapidamente encontraram os meus e cessou os seus passos, como se estivesse desacreditada e pensasse que eu fosse uma espécie de fantasma.

— Julie! — chamei-a para ter certeza, e ela piscou várias vezes.

— César? — Sorri ao ouvir meu nome sair de sua boca e abri meus braços num claro convite para um abraço.

Eu não queria só isso, mas, por ora, me contentaria se ela ao menos me desse um. Julie sorriu e correu até mim, enlaçando o meu pescoço com extrema força. Diante do seu ato, meu coração não teve dúvidas de que fiz a escolha certa ao vir ao seu encontro.

Envolvi meus braços em torno da sua cintura e juntei seu corpo contra o meu, fechando meus olhos no processo. Virei o meu rosto para a curva do seu pescoço e inspirei o seu cheiro adocicado que eu amava tanto. Sim! Eu estava amando aquela garota ousada e de língua afiada.

De repente, minha estrutura física começou a dar sinais da saudade e do desejo insano presente em meu interior por conta dela.

— Senti tanto a sua falta — disse em um sopro, confessando, e distanciou-se minimamente, pegando o meu rosto entre em suas

mãos pequenas e delicadas.

Julie sorriu, e uni as nossas testas, feliz demais para colocar em palavras tudo o que estava sentindo naquele momento. Não queria que se tornasse uma lembrança ruim depois. Então, lhe perguntei:

— Isso significa que não está mais tão chateada comigo? —
inquiri, mantendo nossas testas juntas, aproveitando o calor do seu corpo ao encontro do meu.

— Acredito que esse mês longe um do outro foi tempo o suficiente para colocarmos os pensamentos em ordem e ter certeza sobre os nossos sentimentos. Além disso, conversamos tanto pelo telefone e trocamos mensagens que, de certa forma, a decepção que estava sentindo foi totalmente esquecida por conta da saudade que estava de você — proferiu perto da minha boca, e me vi louco para beijá-la.

Ao contrário disso, me contive.

— Eu te amo, Julie. Aceita-me de volta na sua vida, hum? Foi um inferno passar esse mês longe de você — declarei, afastando nossas testas e me deparei com o seu olhar no meu, perplexo.

— O que disse? — Quis que eu repetisse para ela ter certeza.

Sem ter tirado minhas mãos do seu quadril, apertei seu corpo no meu outra vez e dei-lhe um selinho tímido.

— Julie, eu te amo e não tenho dúvida alguma quanto a isso, minha garota ousada. — Ela riu e beijou-me rapidamente, o que me fez grunhir em frustração. — É melhor sairmos daqui — sugeriu, e levou sua boca até o meu ouvido. — Vamos para minha casa, tenho planos para nós dois — provocou, me fazendo queimar ainda mais por dentro enquanto o meu pau pulsou na cueca.

— Porra! Vamos logo com isso — praguejei, arrancando-lhe uma risada divertida e admirei o seu som.

Como senti falta disso.

Julie morava em uma casa há algumas quadras da clínica onde trabalhava e logo chegamos. Desci da caminhonete ao parar em frente onde morava e ela parou ao meu lado, entrelaçando seus dedos nos meus e me puxando consigo.

— Vem! — convidou.

Destrancou a porta e, assim que a fechei atrás de mim, ela deixou sua bolsa cair no chão e me empurrou contra a madeira, espalmando o meu peitoral e me lançou um olhar sedutor. Sorri, mordendo meu lábio inferior e amparei seu rosto em minhas mãos grandes, inclinando o meu corpo e tomando a sua boca deliciosa num beijo urgente e ardente. Naquele momento, não havia mais nada que pudesse nos impedir e eu só queria poder venerar cada pedacinho dela.

— Porra! Que delícia — proferi, inerte na nossa bolha de desejo.

— Toma um banho comigo, hum? — inquiriu contra os meus lábios e voltamos a nos beijar sofregamente.

Julie passou suas unhas entre os fios curtos do meu cabelo, fazendo todos os pelos existentes em meu corpo se eriçarem.

— Eu quero — aceitei sem nem ao menos pensar direito.

Ela, então, afastou as nossas bocas e, diante do seu olhar sensual, começou a desfazer os botões da minha camisa. Meu peito subia e descia com agilidade por conta do tesão excessivo que estava sentindo. Continuei observando-a até terminar de abrir todos os botões e a ajudei ao empurrar a peça para fora dos meus ombros, deixando-a cair no chão.

— Parece mais forte. — Analisou meu tronco e apertou meus antebraços.

Seu olhar parecia queimar a minha pele de tão vigoroso.

— Talvez tenha sido me exercitando para aplacar a insana vontade que estava de vir atrás de você e levá-la de volta para a fazenda — brinquei, e ela riu.

— Hum... — murmurou, surpresa, e passou a língua entre os lábios, umedecendo-os.

Seu ato me atiçou e levei minhas mãos até as alças do seu vestido, empurrando-as para baixo e me inclinei, beijando um dos seus ombros na medida em que sua pele era exposta. Tão logo a peça caiu feito cascatas ao redor dos seus pés, olhei na direção dos seus seios de tamanho médio, ainda cobertos pelo sutiã sem alça. Julie levou suas mãos por trás de suas costas e abriu o fecho, revelando-me seus seios de bicos rosados.

Rosnei como um leão faminto e não perdi tempo ao abocanhar um deles, enquanto o outro era acariciado pela minha outra mão.

— Oh! — Seu gemido me deixou ainda mais enlouquecido e me abaixei, abandonando seu peito rapidamente e impulsionei suas pernas para cima de modo a fazê-la com que as envolvesse ao redor do meu quadril.

Feito isso, nos direcionei até o sofá pequeno que tinha na sala e me sentei, contendo-a em meu colo. Ajustei meu corpo para trás e constatei suas bochechas rosadas, somadas ao seu olhar queimando de excitação. Silenciosos, inspecionei seus lábios, seguido dos seus seios e enchi minhas mãos, prendendo-os em minha palma, apertando seus bicos enrijecidos.

Julie arfou jogando seu cabelo para trás e continuei instigando-a.

— Gostosa! — expressei, ansioso para ter não só os seus seios em minha boca, mas também a sua boceta.

Num movimento rápido, abandonei uma de suas mamas e apertei a lateral da sua cintura, tomando a outra pra mim. Suguei seu

bico durinho e estimulei-o com a minha língua. Meu pau pulsava muito forte, querendo ser libertado para ser aprofundado em sua boceta.

Seus gemidos se tornaram uma verdadeira melodia para os meus ouvidos e entendi que deveria continuar. Enquanto permaneci torturando-a com minha boca, chupando e mordiscando um dos seus seios, arrastei minha outra mão até o meio das suas pernas e, sem tirar sua calcinha branca, mesma cor do sutiã, esfreguei seu ponto sensível sobre o tecido, colocando uma certa pressão.

— César. — Sua voz saiu rouca por conta da névoa de prazer em nossa volta.

— Diga-me o que quer — pedi e comprimi o bico do seu peito, abandonando o outro.

— Hum... desse jeito gozarei rápido — confessou e me encarou, respirando com dificuldade.

— É? — intimei.

Julie riu, mordendo seu lábio inferior enquanto balançou a cabeça em afirmativa. Começou a se mexer sobre minhas pernas, visto que não deixei de pressionar seu clitóris. Prossegui com minha carícia e levei minha outra mão atrás da sua nuca, puxando-a em minha direção e tomei sua boca na minha, ansioso o bastante para ter seus gemidos apenas para mim.

— Isso, geme bem alto, mas não quero que goze agora — expressei, e ela assentiu. Sem esperar por mais tempo, empurrei sua calcinha para o lado, sendo contemplado pelo excesso da sua lubrificação e grunhi feito um animal selvagem, louco para fodê-la. — Porra! Tão molhada — comentei e cobri seu clitóris com os meus dedos encharcados, fazendo um movimento de sobe e desce, incitando-a.

— Oh, César. E-eu... — Engasgou-se com as palavras e tirei meus dedos da sua boceta. — Argh! Por que parou? — reclamou em meio à sua respiração entrecortada.

— Convidou-me para um banho, não foi? Quero te chupar embaixo do chuveiro — proferi, rouco de tesão em seu ouvido.

— Então vamos logo com isso — evidenciou, fazendo-me rir.

Subitamente saiu do meu colo e segurou uma de minhas mãos, arrastando-me com ela.

Essa garota ousada estava me deixando à beira do colapso.

Putá que pariu!



CAPÍTULO 20

JULIE

Quando atravessei a porta da clínica, saindo do trabalho e pronta para ir pra casa, jamais imaginei que encontraria o César do lado de fora, encostado em sua caminhonete, sorrindo lindamente para mim.

Meus olhos quase não acreditaram. Pensei até que fosse uma miragem, mas se dissipou no instante em que chamou pelo meu nome, tendo seu olhar intenso em minha direção e, em seguida, abriu os braços num claro convite para um abraço. Sorri, feliz por vê-lo outra vez, e corri até ser envolvida pelos seus braços, aproveitando para inspirar o cheiro da sua fragrância.

Lembrava-me muito bem da sua essência, visto que ficou gravada em minha memória. Desde que vim para a cidade vizinha, tudo mudou... não tinha os meus pais e irmão por perto, no entanto, o grau do meu amor por ele, não. Sentia sua falta diariamente, porém, segui com a minha vida, mantendo o foco no trabalho, conseguindo ao menos me distrair.

Além disso, como conversávamos por chamadas de vídeo, mensagens ou ligações, meio que a decepção que tinha dele antes de me mudar de cidade, foi praticamente esquecida em meio a saudade estarrecedora que sentia dele. Apesar disso, evitava perguntá-lo se viria até mim algum dia. Na verdade, inicialmente,

quando ele me contatou, tentei não pensar em nós como um casal, mas bons amigos, até para ver se conseguia arrancá-lo da minha mente e coração, algo que falhei miseravelmente e que não esperava.

Voltar a nos falar só contribuiu e muito para amá-lo cada vez mais. Tudo piorava quando ele começava a me olhar tão fixamente através das chamadas de vídeos, fazendo o ar faltar nos meus pulmões, dizendo que me amava, que não desistiria de nós. Que ainda me faria aceitá-lo de volta.

Eu sorria para tentar disfarçar o clima estranho que se instaurava entre nós sempre que tocava no assunto e o lembrava que não o expulsei, só queria que ele aproveitasse o nosso distanciamento para rever suas ações, até para ter a minha confiança de volta e a certeza do que queria para a sua vida. Em meio as nossas conversas, ele sempre pedia desculpas pelo erro que cometeu comigo e, após algumas vezes fazendo isso, resolvi

desculpá-lo e deixar isso para trás. Acreditei que não fez por mal e passamos a ter conversas descontraídas e saudáveis.

Estando aqui, em casa, com ele, tive a certeza de que não havia ressentimentos, somente muito amor para dividirmos um com o outro e um tesão no seu grau mais elevadíssimo possível. Eu o desejava ardentemente, e não era de hoje. Não queria mais perder tempo, dado que ficamos afastados por essas longas semanas que se passaram.

No instante em que chegamos ao meu quarto, tirei a calcinha sob o seu olhar selvagem e fui até ele, que, com uma de suas mãos, me segurou firmemente pela cintura, enquanto a outra espalmou a minha bunda, apertando-a com destreza. Naquela altura, como ele era mais alto, curvou o seu corpo e assaltou a minha boca, enfiando a sua língua ávida entre os meus lábios, chocando-se com a minha. Gemi completamente em êxtase e envolvi seu pescoço com meus braços.

César aprofundou o beijo e, enquanto nossas línguas duelavam entre si, fui capaz de sentir a minha umidade aumentando entre minhas pernas. Se não bastasse apenas o tesão por tê-lo me beijando e apertando o meu corpo com suas mãos e braços fortes, fui surpreendida ao desferir um tapa no meu traseiro. Meu corpo todo estremeceu com o seu ato inesperado e tive quase certeza de ter gozado no mesmo instante.

— Puta que pariu, sua gostosa! — Suas palavras sujas só me atiçavam mais e mais.

Cessei o nosso beijo e desci a minha boca pelo seu queixo, mordendo-o sob sua barba, que estava mais espessa do que a última vez em que nos vimos. Movi minhas mãos entre nós, afastando-me um pouco, e as guiei até alcançar o botão da calça jeans que usava. Queria vê-lo por inteiro, não aguentava mais aguardar por isso.

Abri sua braguilha, seguido do zíper e comecei a empurrar a calça para baixo. César segurou meu rosto com uma de suas mãos,

obrigando-me a parar os meus movimentos, e apertou um dos meus seios, mordiscando os meus lábios. Enlouquecendo-me.

— Não sabe o quanto quero foder sua boceta — disse contra os meus lábios, e enfiei uma de minhas mãos dentro da sua cueca, ansiosa para senti-lo em minha palma.

— Gostosa do caralho! — xingou, fazendo-me sorrir em meio ao prazer que nos englobava. — Vamos logo tomar um banho antes que te foda aqui mesmo — rugiu, e meu corpo se acendeu descontroladamente, prestes a entrar em erupção como um vulcão.

Livreí seu mastro, que notei ser robusto ao agarrá-lo, e seguimos para o banheiro. César fechou a porta enquanto entrei no box e ajustei a água para a temperatura morna. Fiquei observando-o tirando a sua calça jeans com a cueca, revelando-me sua nudez com os pelos aparados; minha boca salivou ao mirar seu pau grande e cheio de veias evidentes. Automaticamente meu clitóris pulsou de modo frenético e mais uma vez senti a umidade da minha boceta aumentar.

Abri o chuveiro, e ele entrou no box com toda aquela masculinidade que me fazia perder totalmente o raciocínio lógico. Respirei fundo enquanto a água jorrava sobre a minha cabeça e mantive meus olhos fixos aos dele. César sorriu e se juntou a mim, voltando a beijar a minha boca com sofreguidão e o jato de água logo cessou.

— Não precisamos de água por agora — informou ao me dar conta que foi ele quem fechou o registro do chuveiro.

Sob seu olhar carregado de luxúria, se abaixou, pondo seus joelhos no chão e dei um passo atrás, sentindo minhas costas e bunda se chocarem contra os azulejos frios. Sem esperar que previsse seus passos seguintes, César posicionou sua cabeça rente à minha virilha, que estava depilada, pois prezava sempre estar com a minha intimidade lisinha por conta dos pelos me incomodarem muito. Com os olhos fixos nos meus, começou a morder aquela região até sua língua se chocar contra a minha carne inchada, arrancando-me um gemido rouco.

— Seus gemidos são melodias para os meus ouvidos — expressou, e abri minhas pernas, permitindo que fizesse o que desejasse comigo.

Mordi meu lábio inferior e alcancei um dos meus seios, estimulando seu bico rijo.

— Não para, por favor. — Soei embriagada pela excitação do momento.

— Ponha sua perna aqui. — Indicou o seu ombro, e fiz como pediu.

Naquela posição, minha boceta ficou mais acessível a sua boca faminta e à língua hábil.

— Geme o quanto quiser. Deixe-me saber o quão prazeroso está sendo para você. — Não foi um pedido, mas uma exigência.

Meneei a cabeça em positivo, o conscientizando de que faria daquela forma.

Nunca fui uma mulher que fingia orgasmo, embora tivesse ficado com alguns homens que se sentiam o rei da galáxia e nem sequer me faziam gozar. Também não me lembro de ter transado com alguém tão vigoroso quanto César, apesar de ainda estarmos nas preliminares. O homem tinha um olhar, pegada e beijo que, por si só, já seriam o suficientes para me levar ao ápice do prazer.

Ou seja, nem precisava se esforçar tanto ou se preocupar de que não conseguiria me satisfazer. Ele exalava testosterona por todos os poros. Era bem nítido em sua postura ativa e fechada.

Sim, César ainda andava com um semblante de poucos amigos, contudo, não me intimidava. Verdadeiramente nunca me intimidou, só me deixava irritadíssima inicialmente. Foi uma fase que passou, porque agora os nossos corações pertenciam um ao outro.

Afastei minhas divagações ao sentir sua boca chocando contra a minha boceta. Chiei alto e passei a segurar meu outro seio. Estimulava os dois em simultâneo, rebolando o meu quadril lentamente contra a língua esperta do César.

Ele contornava o meu clitóris, sugando-o com tanta ânsia de prazer que me concentrei naquela sensação maravilhosa, pronta para a chegada do meu primeiro orgasmo, tendo-o me chupando como se fosse seu doce predileto. Dei indícios que meu tesão estava aumentando e gradualmente o fiz intensificar as batidas contra o meu ponto sensível e meu ventre se contorceu. Um fogo alastrou-se do meio das minhas pernas e transpassou por todo o meu corpo, arrancando-me um urro ao gozar fortemente em sua boca.

César segurou-me ao ver que minhas pernas tinham se tornado gelatina e se levantou ao tirar minha perna do seu ombro. Ainda me recuperava daquele tremendo orgasmo quando sua boca tomou a minha na sua, invadindo-a com sua língua, me deixando ciente do meu gosto em seu paladar. Era tão excitante tudo aquilo.

— Vamos terminar logo esse banho. Meu pau tá babando aqui, doido pra entrar nessa boceta deliciosa. — Virou-me de costas para si e bateu na minha bunda, levando uma de suas mãos até o meio da minha perna, me incitando.

Seu cacete roçava no meio da minha bunda, aumentando o grau da minha excitação.

— Também estou doida para sentir todo o seu cumprimento dentro de mim — soprei em um fiapo de voz, concentrada em sua mão habilidosa em minha boceta.

César era uma delícia de homem.

Em meio às carícias, nos ensaboamos e tomamos o banho rapidamente. Só havia uma toalha ali dentro, então sequei o meu corpo e cabelo e fui até o guarda-roupa, retornando com outra limpa e seca para ele. César saiu nu, sem se preocupar em esconder a sua virilidade, e, também, me desfiz da minha, subindo na cama, louca para prová-lo.

— Gosta do que vê? — intimou com um ar safado e me posicionei no meio do colchão, mordendo o lábio como resposta.

Ele riu e meus olhos o acompanharam, vendo-o procurar algo no bolso da calça, que logo identifiquei ser sua carteira, de onde tirou

um pacote de camisinha.

Jogou-o sobre a cama e juntou-se a mim, segurando em minha cintura. Agarrei o seu pau, ele fez uma careta prazerosa, e iniciei movimentos de sobe e desce, estimulando-o. Nos beijamos fervorosamente, e não esperei nem um segundo a mais.

Desci minha boca pelo seu peitoral, fazendo-o sentar-se na cama com as pernas abertas e me ajustei entre elas, ficando de quatro. Minha boca engoliu todo o seu comprimento.

— Porra! Que delícia! — exclamou, excitando-me com suas palavras chulas. — Hum... isso! Mama gostoso na minha rola — ditou, e prossegui com o sexo oral nele.

Em um certo momento, juntou meus cabelos em uma de suas mãos e ergueu o meu rosto para si, tirando-me a sensação prazerosa de chupá-lo. Nos beijamos novamente e pediu que pegasse o preservativo que estava próximo a mim. Sob seu olhar inspecionador, rasguei a embalagem e me dispus a envolvê-lo.

Assim que concluí, me instruiu a abrir as pernas, sentando-me sobre ele. Encontrava-me bastante lubrificada, mesmo assim, não tive pressa ao deslizá-lo para dentro de mim, pelo contrário, quis sentir cada centímetro sendo empurrado em minha entrada até a sua base. Ambos emitimos sons luxuriosos e fixamos o olhar um no outro, deixando com que eles falassem por si só.

— Eu te amo, Julie — disse, beijando-me na sequência, e comecei a cavalgar nele.

Meu coração pulsava tão forte por conta da sua declaração e da veracidade existente nela. Não me restavam dúvidas de que ele realmente me amava. Estava convencida sobre isso.

Sua boca logo deixou a minha e ele jogou a cabeça para trás, sendo engolido por toda aquela aura de tesão que nos tomava naquele instante. César brincou com os meus seios, alternando entre eles, mordendo-os e chupando-os com ferocidade.

— Isso, gostosa. Cavalga no seu homem. — Rebolei sobre ele, agarrada ao seu pescoço.

— Meu homem? — indaguei, sorrindo desejosa, tendo minha respiração acelerada devido à intensidade do nosso sexo.

— Sim, totalmente, e você é minha. Completamente minha! — frisou com um tom possessivo e me estremeci por inteira não só por conta do que disse, mas pelo aperto forte que deu em minha bunda, empurrando sua grossura mais fundo.

— Oh! — exprimi.

— Quer gozar? — Ele parecia me conhecer tão bem, talvez fosse por ser mais experiente que eu.

Fui incapaz de emitir qualquer som, apenas afirmei balançando a cabeça.

— Então venha comigo, hum? Goze bem gostoso no pau do seu homem. — Seus comandos, somados aos seus dedos que

pousaram sobre o meu clitóris, o circundando com agilidade, fizeram que uma onda de calor consumisse todo o meu corpo.

Não demorou até eu estar grunhido alto acompanhada dele, que urrou ferozmente, denunciando que também havia gozado.

Tombei sobre a cama, mole demais para pensar em qualquer coisa. César deixou o colchão ao desencapar seu mastro e foi até o banheiro descartar a camisinha. Retornou em questão de segundos e deitou, ficando de frente para mim.

— Eu também te amo — confessei ao me recuperar do orgasmo, tendo seu olhar repleto de sentimentos mirando os meus.

Ele sorriu e beijou a ponta do meu nariz. Sorri com o seu gesto gracioso.

— Sinal que fiz bem ter vindo — comentou.

— Claro que sim, e espero que tenha se deslocado até aqui para ficar o final de semana — adverti.

Ele deu uma gargalhada gostosa e chegou mais perto, segurando em meu queixo.

— Pode ter certeza de que sim, afinal, ainda não acabamos aqui. — Olhei para o seu dedo que apontava na direção do seu pau e constatei que já estava duro novamente.

— Então não perderemos tempo. Resolveremos isso o mais rápido possível — provoquei e me joguei sobre ele.

Rimos.

— Garota ousada — externou em tom divertido.

— Sei que gosta — frisei contra a sua boca.

— Eu amo — revelou, fazendo meu coração quase parar.

Continuamos nos fitando, felizes por estar na companhia um do outro, expondo que nos amávamos de verdade. Beijou-me outra vez, como se sua vida dependesse disso para sobreviver, e agradeceu aos céus por recolocá-lo não só em minha vida, mas também em meu coração. Era nítido que já pertencíamos um ao outro.

César costumava dizer que “o tempo traria as respostas na hora certa”, e foi assim com a gente. Nos afastamos e o tempo se encarregou de nos mostrar o quão estávamos enganados. Definitivamente, cada segundo era precioso demais para ser desperdiçado, e eu não perderia mais nem um sequer.

Aproveitaria cada um deles em companhia do homem que tinha o meu coração em suas mãos.



CAPÍTULO 21

CÉSAR MAZZA

Depois de terminar o nosso sexo, Julie e eu tomamos mais um banho movido a mais carícias embaixo do chuveiro devido ao suor presente em nossos corpos. Analisando a minha vida anteriormente a sua chegada, percebi haver muito tempo que não compartilhava um momento assim com outra mulher. Para ser bem sincero, fiquei somente com uma após quase seis meses da partida

da Suzana e foi por estar embriagado e ter achado a mulher parecida com ela.

Se tivesse sóbrio, jamais teria feito aquilo. Transamos e, ao acordar no dia seguinte, me senti extremamente mal, como se estivesse traindo a minha falecida esposa. Fiquei com aquela sensação ruim por dias, decidido a não me embriagar mais e, assim o fiz, até que, em certo dia, acatei o conselho do meu tio para começar a terapia, pois poderia me ajudar a superar o luto e seguir com a minha vida outra vez.

Na terapia, eu podia desabafar sem medo de ser julgado e foi onde consegui compreender que não tinha pelo que sentir culpa. Suzana jamais voltaria, e não adiantava eu ficar procurando mulheres parecidas com ela para amaciar o meu cérebro e coração, de modo a não ser forte o bastante e reconhecer que ela se foi, e eu não podia fazer nada quanto a isso. Com o retorno à terapia, vinha me sentindo muito melhor não somente pelas sessões ou descobertas em meio ao que o terapeuta me fazia enxergar.

A Julie tinha seu percentual nisso.

Ela chegou de mansinho como apenas uma jovem enfermeira de rosto angelical, mas logo descobri ter uma língua extremamente afiada ao ponto de me confrontar. Inicialmente ficava extremamente enraivecida, porque ela conseguia me tirar completamente do sério. Com o passar do tempo e a nossa convivência na fazenda, tudo mudou.

O que me irritava passou a ser bom e me fez muita falta com o término do seu contrato e a distância após mudar de cidade. Não queria mais ter que ficar longe, como também não seria hipócrita em ter de fazer a sua cabeça para retornar e deixar seu sonho de exercer na sua área por pura vontade minha. Com o retorno à terapia, vinha reaprendendo fatos importantes, como saber quando algo seria bom somente para um dos lados, e isso não devia acontecer; ambos deveriam entrar em um consenso e entenderem a necessidade um do outro.

Sorri, terminando de vestir a minha cueca e saí do quarto. Cruzei o pequeno corredor e cheguei até a cozinha, onde a encontrei ouvindo uma música sertaneja enquanto rebolava sua bunda quase descoberta pela minha camisa que usava, preparando algo para o nosso jantar. Parei, recostando no portal, fiquei admirando seu modo espontâneo de ser e nem sequer sabia quantas horas eram.

Enquanto a observava, notei-a cortando algo na pia, então aguardei soltar a faca para revelar a minha presença no cômodo. Lembrava-me bem que Julie tinha o costume de se assustar facilmente, e não desejava que viesse a se cortar. No instante em que o fez, avancei os meus passos, chegando até ela e enlacei a sua cintura, cheirando seus cabelos presos em um coque frouxo.

— O que está fazendo? — inquiri ao mesmo tempo em que rocei meu pau contra a sua bunda, que voltou a ganhar vida só em vê-la alegre e dançante daquele jeito.

Julie virou-se para mim, enlaçando o meu pescoço e riu lindamente. Tornei-me sério, levando uma de minhas mãos até seu

rosto e retirei uma mecha caída sobre um dos seus olhos. Fiz tudo isso sem tirar minha atenção dela.

— O que foi? — interrogou, franzindo a testa e esticou a mão, pegando o seu celular sobre a pia e desligou a música.

Sorri minimamente e deposei um beijo singelo em seus lábios.

— Nada. Só admirando o quanto você é incrível. — Percebi certa emoção atravessar os seus olhos, mesmo estando sorrindo.

— E eu te amo, seu bobo — gracejou, apertando a ponta do meu nariz, fazendo-me rir divertido.

— Eu também te amo, sua ousada — provoquei, e seu sorriso se ampliou.

Julie voltou a me dar as costas, impulsionando sua bunda contra a minha ereção, e segurei firmemente em seu quadril.

— Se continuar com isso, terei de fazê-la a minha refeição. — Ouvi sua risada gostosa e a safada empurrou seu traseiro contra o

meu pau outra vez.

Grunhi, sendo presenteado com a sua risada.

— Não fará a desfeita de não comer o meu sanduíche. Decidi preparar um, visto ser mais rápido e você ama, pois me lembro que, na fazenda, a dona Iara me falou sobre isso, além de tê-lo visto comendo por diversas vezes — salientou.

Abracei-a com mais precisão e descansei meu queixo sobre seu ombro, pensando no quanto ela era atenciosa e se lembrava dos meus gostos.

— Obrigado por isso, por ser essa mulher maravilhosa e, principalmente, por me permitir entrar na sua vida. Não só isso, mas ter tomado conta do meu coração — declarei, colocando para fora o que estava sentindo naquele momento e senti a necessidade de lhe falar.

Mais uma vez ela deixou seu afazer de lado e se pôs de frente para mim, firmando seus olhos nos meus.

— Eu quem agradeço por não ter desistido de nós quando só pensei em me afastar. Deveria ter tentado em vez de simplesmente fugir, imaginando que conseguiria arrancá-lo de qualquer jeito do meu coração e pensamentos. Ao contrário do que pensei, acabei descobrindo que você já estava enraizado dentro de mim, e não sairia tão fácil — mencionou e abraçou o meu tronco, mantendo sua cabeça contra o meu peitoral. — Sei que as coisas não aconteceram como o previsto entre nós, mas acredito que tudo aconteceu como deveria ter sido — expôs.

Beijei-lhe os lábios com delicadeza e o aprofundei à medida que minhas mãos tomaram o seu rosto. Julie segurou em minha cintura e gemeu em êxtase. Aprofundei o beijo, sentindo meu coração acelerar no peito e, quando me dei conta do tesão inflamando dentro de mim outra vez, querendo tê-la abaixo do meu corpo novamente, diminuí a intensidade com a qual nos beijávamos e cessei o beijo em seguida, unindo as nossas testas.

— Tem razão, mas se eu não tivesse omitido... — Ela selou seus lábios nos meus, me calando.

Rimos baixinho.

— Não vamos mais tocar nesse assunto, hum? — praticamente suplicou, e assenti, concordando com suas palavras.

— Tudo bem. Prometo não falar mais — garanti.

— Que bom. Agora comeremos o sanduíche. Está pronto. Fiz suco de maracujá — expressou sorridente, e roubei-lhe mais um beijo.

Estava tão feliz que não queria mais sair dali.

Tínhamos acabado de nos deitar depois de comermos o sanduíche, que estava delicioso, e termos assistido a um filme de comédia romântica. Julie amava livros e filmes do gênero, e me

registro de quando ela me influenciou e acabei gostando também. Recordei-me da vez em que li a parte erótica do livro em que estava lendo e ela pediu para ler em voz alta.

Esbocei um riso por conta daquela lembrança e fui tirado do meu torpor ao ouvir a sua voz:

— No que está pensando? — quis saber, aninhando-se um pouco mais sobre o meu peitoral desnudo.

Alisei seus cabelos e beijei seus fios na sequência. Era bom tê-la em meus braços. Minha vontade era que ela nunca saísse dali, pois era o seu lugar.

— Tem algo que preciso dividir com você. — Suspirei, preparando-me psicologicamente para aquela conversa.

Julie traçou uma linha invisível do meio do meu peito até o umbigo, arrepiando-me por inteiro, me desconcentrando. Sorri, pegando sua mão e levando-a até a minha boca, beijando seu torso amorosamente. Precisava falar.

— E sobre o que se trata? — especulou, focando na nossa conversa.

— Na noite do acidente da Suzana, íamos jantar no restaurante da cidade, mas não cheguei a tempo — pus pra fora e inspirei o ar profundamente.

Julie ajustou sua postura de modo a encarar-me e havia uma certa confusão em seu semblante, como se tivesse tentando entender qual o meu ponto ao começar com aquele assunto. Então prossegui:

— Eu sempre estava tão ocupado, viajando por algumas cidades vizinhas para resolver questões referentes à fazenda ou aos meus negócios, que não ficava muito em casa. Suzana quem administrava tudo com a minha ausência, já que também era formada em Administração, nos conhecemos na faculdade. Enfim, não vale a pena ficar falando disso, a questão é... — Engoli a saliva com dificuldade ao ter *flashes* daquela noite pipocando em minha mente e tão vívidas.

— Não precisa falar se não se sentir à vontade. — Alisou a minha bochecha e sorri amenamente.

— Eu quero — afirmei, e ela comprimiu seus lábios em sinal de positividade. — Depois de saber da morte da Suzana, meu chão sumiu completamente, mas julgo não ter sido a pior parte — externei. Por mais que a terapia estivesse me ajudando, era doloroso me recordar. Respirei fundo e dei continuidade: — No hospital, me disseram que nem ela ou o bebê tinham sobrevivido — contei.

— Meu Deus! Um bebê? — exclamou, perplexa.

— Sim. Ela estava grávida de um pouco mais de um mês, e eu não sabia. — Meus olhos nublaram naquele instante e contive a minha emoção.

— Sinto muito. Nem imaginava nada assim — lamentou e beijou meus lábios, trazendo-me a paz que somente ela conseguia implantar dentro de mim.

— Sei que não. Somente os mais próximos sabem disso —
exprimi e dei seguimento: — Após aquela notícia horrenda, saí tão
devastado do hospital que nem sei como cheguei em casa. Só sei
que, ao chegar em nosso quarto, o encontrei todo ornamentado com
pétalas brancas pelo chão e colchão, bem como uma caixinha em
cima da cama, que, ao abri-la, deparei-me com um sapatinho de
bebê e uma folha, que era o resultado do exame de BETA HCG que
havia feito. Era uma surpresa para mim e nem sequer teve tempo —
concluí, emotivo.

— Sei que não adiantará muito o que direi, mas você não foi
culpado de nada — tentou me convencer. — Infelizmente, não temos
como controlar nada referente às nossas vidas, de terceiros ou de
quem amamos. De ninguém, pra ser mais exata — completou,
passando a ponta dos seus dedos em minha barba.

— Aprendi a duras penas que não, mas posso fazer as coisas
diferentes e não voltar a cometer o mesmo erro — proferi, certo
sobre aquilo.

— Sim, você pode — frisou, comprimindo seus lábios em um sorriso singelo.

Ficamos nos olhando por algum tempo e decidi perguntar de uma vez:

— Quer namorar comigo? — Julie espantou-se pela pergunta repentina.

— César, eu te amo e você sente o mesmo por mim, mas, antes de qualquer coisa, preciso dizer que não retornarei para Lindonópolis. Eu finalmente tenho um emprego e...

Calei-a com um beijo e rapidamente cobri o seu corpo com o meu.

— Não pedi para ir morar comigo, mas para namorar — enfatizei ao afastar nossas bocas, e ela riu.

— Eu sei, mas...

A interrompi novamente.

— Dou um jeito de vir te ver sempre. Todos os finais de semana. Está bom pra você? — propus.

Julie fez uma cara pensativa e finge uma expressão brava em tom de brincadeira.

— E se precisar vir mais vezes? — indagou com um tom manhoso.

— Virei com o maior prazer — respondi com a voz rouca, outra vez excitado e louco para sentir meu pau entrando na sua boceta quente e convidativa.

Esfreguei minha dureza no meio das suas pernas ao me ajustar entre elas e suguei seu lábio inferior, arrancando-lhe um gemido baixinho.

— Sim. Eu aceito. — Meu coração disparou no peito diante da sua resposta e tirei o lençol de cima da gente, que nos cobria.

— Então temos algo para comemorar — falei, começando a desfazer os botões da minha camisa em seu corpo.

— E o que fará, senhor gostosão? — disse, provocativa.

— Porra! Você me deixa louco! — xinguei, e ela riu.

Arranquei a camisa de uma vez do seu corpo, atacando seus seios com minhas mãos, boca e língua ávida, ansioso por sentir toda a sua estrutura física, e logo me vi descendo os lábios por sua barriga. Julie abriu as pernas para mim, ansiando por ser chupada, então, realizei sua vontade com bastante fervor. Eu amava o gosto da sua boceta, bem como o seu mel, principalmente quando gozava em minha boca, assim como fez horas atrás no banheiro.

— Isso! — rugiu, rebolando e esfregando sua boceta gostosa contra os meus lábios.

— Que delícia! — Parei meus movimentos apenas para expressar o quanto adorava sua entrega no nosso sexo.

Definitivamente eu amava essa mulher e não havia dúvidas. Prometi a mim mesmo que não cometeria com ela os mesmos erros que cometi com a Suzana. Tudo diferiria.

A distância entre nós não passava de um mero detalhe. Nada nos atrapalharia. E, se dependesse de mim, jamais permitiria que saísse da minha vida.



EPÍLOGO

CÉSAR MAZZA

CINCO ANOS DEPOIS...

Há cinco anos não tinha a mínima ideia de que voltaria a amar outra vez. Na minha cabeça, não. Jamais voltaria a entregar o meu coração à outra mulher, e como me enganei.

Suzana foi uma mulher maravilhosa em minha vida, isso não poderia negar. Aquela que me fez amá-la e compartilhar uma parte da minha trajetória. Obviamente, independentemente do tempo que passasse, sempre faria parte das minhas lembranças.

E então veio a Julie. Com seu jeito decidido de ser e confiante em suas palavras. Ousada? Sim, mas me ganhou com aquela língua afiada.

Depois que a pedi em namoro, tivemos altos e baixos. Ciúmes, desconfianças e muito tesão sendo incapaz de ser saciado, mesmo que transássemos várias vezes no dia quando nos encontrávamos. Eu não me cansava do calor da sua pele, dos seus beijos, toques e, principalmente, da sua companhia.

Manter um relacionamento à distância não foi fácil, mas conseguimos superar essa fase. Um ano depois, ela fez o concurso para trabalhar no hospital de Lindonópolis e conseguiu. Quase um ano depois, ela foi chamada para ocupar uma das vagas de enfermeira.

Tanto eu quanto os seus pais ficamos radiantes pela sua conquista. Algo que sempre quis e batalhou por isso. Lembro-me o quanto ela ficou emocionada e me agradeceu por todo apoio, e a deixei ciente que o mérito era todo dela.

Julie não parou por aí, mesmo depois de se ver concursada e exercendo sua função, não parou de estudar. Fez sua Pós-Graduação e ainda queria ir mais além. Vê-la tão certa do que queria para a sua vida me deu o gás necessário para expandir os negócios da fazenda e adquirir mais algumas terras.

Seus pais aceitaram o nosso relacionamento bem. Quer dizer, a sua mãe foi supertranquila, agora, o seu pai, fez questão de relembrar quando tratei sua filha mal na fazenda, assim que começou a cuidar de mim. Obviamente, lhe dei razão e pedi desculpas por tudo, frisando ter as melhores intenções para com a sua filha, ele não se convenceu de imediato, porém, concordou.

Seis meses depois, quando já estava trabalhando no hospital da cidade, a pedi em casamento. Fizemos um jantar na casa dos

seus pais em comemoração e marcamos a data do casamento no cartório e igreja depois de seis meses. Hoje estávamos comemorando dois anos de casados e, para festejar algo tão importante apenas entre nós dois, viemos para Ilha do Mel, localizada no litoral do Paraná.

É um recanto da natureza bastante preservada, contendo muitas praias e trilhas para quem ama se aventurar. Basicamente, é dividida em duas vilas: Encantadas e Nova Brasília. Em minhas pesquisas, cheguei à conclusão que a Vila Encantadas era a mais ideal para nós, já que queríamos ficar sossegados e ocasionalmente sair para conhecer as belezas desse lugar magnífico.

Chegamos pela manhã e, por incrível que possa parecer, Julie não quis nem descansar direito. Dormimos por um pouco mais de uma hora e saímos com um guia turístico do local, que contratamos para nos apresentar as maravilhas daqui. Fomos de barco até uma das praias mais agitadas no norte da Ilha e curtimos bastante.

Julie estava de férias, e me permiti tirar alguns dias com ela para termos um momento a sós, assim como fizemos ao completarmos um ano de casados. Juramos fazer uma viagem para um lugar diferente toda vez que fizéssemos aniversário de casamento, e admito que foi a melhor coisa. Na outra vez, voltamos com as nossas energias renovadas e, dessa vez, não seria diferente.

Nos hospedamos em uma pousada sofisticada e tranquila. Estava na varanda da pousada quando senti suas mãos tocarem o meu peitoral por cima da minha camisa.

— Demorei? — Virei-me para Julie e a vi sorrindo lindamente.

Ela estava deslumbrante. Usando um vestido azul-escuro, cabelos perfeitamente soltos, ondulados e uma maquiagem forte, contendo um preto que demarcou bem os seus lindos e grandes olhos azuis. Peguei em uma de suas mãos e a fiz dar uma voltinha, puxando-a para mim ao finalizar.

— Está linda, como sempre — enalteci e, mesmo com o passar dos anos, ela continuava abobalhada perante meus elogios.

— Você também está um gato, nem preciso dizer — comentou, e sorri, querendo beijar seus lábios, e ela se afastou abruptamente. — Melhor não começar, porque sei onde pararemos. — Apontou para dentro em direção à cama, e sorri. — Vamos logo jantar, estou faminta — disse e saiu batendo seu salto contra o piso, rebolando sua bunda.

Sabia que estava me provocando. Ousada!

JULIE

A vida era tão engraçada. Em um momento, estávamos pensando em como seria a nossa vida daqui a alguns anos e, em

outro, nos encontrávamos vivendo algo que até anos atrás fazia parte de um sonho que imaginava nunca ser possível. Foi assim que aconteceu comigo. Estar com o César me fez amadurecer de muitas formas, não só profissionalmente, mas mentalmente, espiritualmente e principalmente como mulher.

Eu já era alguém que visava propósitos na vida, porém, ter um homem ao meu lado que me apoiasse em suas diversas fases foi uma grande surpresa, e não tinha um dia sequer que não agradecia aos céus por tê-lo colocado em meu caminho. Tudo acontecia exatamente como tinha de ser, e isso era um fato.

De frente para o espelho no banheiro da pousada em que nos hospedamos, olhei-me tendo o meu coração palpitante no peito. Sentia-me feliz e ansiosa em simultâneo. Respirei fundo e vendo a minha imagem refletida a minha frente, lembrei do dia em que nos casamos; foi tudo tão mágico!

Antes de subirmos ao altar, me mudei para a casa do César. Na verdade, logo que passei a trabalhar no hospital, levei todas as

minhas coisas para a fazenda. Eu o amava tanto que queria estar perto o tempo todo, parecia uma loucura.

Enfim, aqui estava eu, aflita por não saber qual seria a sua reação ao descobrir que estou grávida. Sim! Havia descoberto há alguns dias antes da nossa viagem e ainda não sabia com quanto tempo estava, mas julgava ser bem no início.

Assim que decidi dar seguimento com isso, me abaixei e peguei a cestinha pequena que continha apenas um body branco escrito “parabéns, papai”. Tínhamos acabado de voltar do jantar e inventei que viria colocar uma ‘lingerie’. Na verdade, eu a vesti, contudo, não foi exatamente por essa causa que entrei aqui.

Inspirei o ar, saindo do cômodo e parei próximo a ele, sentado apenas de cueca na beirada da cama. Automaticamente sua testa enrugou-se.

— Tenho algo para você. — Emotiva, entreguei-lhe o cestinho e aguardei que ele abrisse.

César pegou-o meio desconfiado e o abriu, tirando a peça dali dentro e a desdobrou, lendo atentamente a frase. A princípio, ficou de cabeça baixa e preocupação me abateu. Ajoelhei-me rente a ele e encontrei seus olhos inundados pelas lágrimas não derramadas.

Por conta dos hormônios aflorados, também me emocionei e lágrimas deixaram meus olhos, não diferente dos deles.

— Não tem noção do que isso significa para mim — disse em meio ao choro e fungou, puxando-me para si.

Sentei-me em seu colo com as pernas abertas, e ele beijou os meus lábios. O gosto salubre das nossas lágrimas se misturou ao beijo e, assim que o cessamos, permanecemos em silêncio, emocionados e nos abraçando. Eu o amava tanto que chegava a doer.

Sem eu esperar, ele me fez deitar na cama com a barriga para cima e traçou beijos pelo meu ventre, me fazendo rir de alegria. Um

sentimento de realização me abateu. Logo cobriu o meu corpo, tendo o cuidado de não depositar todo seu peso corporal sobre mim.

— Eu te amo e, assim como prometi ser o melhor marido do mundo e fazê-la a mulher mais feliz do universo, juro que serei um excelente pai para o nosso filho ou nossa filha. Te amo. Te amo. Te amo — repetiu, e sorri, segurando seu rosto em minhas mãos.

— Você prometeu e vem cumprindo fielmente a sua promessa. Não tenho dúvidas que também será um excelente pai. Te amo. Te amo. Te amo — imitei, vendo-o sorrir e beijei-o com fervor.

QUINZE DIAS DEPOIS...

CÉSAR MAZZA

Chegamos de viagem há dois dias e acompanhei Julie a sua primeira consulta com a médica, que ficou responsável por fazer o seu pré-natal. Ela pediu uma transvaginal para saber com quanto tempo minha esposa estava e aqui nos encontrávamos. A obstetra acabou de introduzir o aparelho na Julie e aguardávamos ansiosamente para saber com quantos meses se encontrava gestante.

— Olha o que temos aqui! — exclamou alegremente. — São gêmeos idênticos. Parabéns, mamãe e papai. — Julie e eu nos olhamos assustados.

— Gêmeos? — interroguei, querendo ter certeza do que ouvi.

— Sim, e ela está com nove semanas. Dois meses e uma semana, para ser mais precisa — explicou de modo que eu entendesse, e agradei por isso.

— Meu Deus! — Faltei pular de tanta alegria, mas apenas beijei o meio da testa da minha esposa tão surpresa quanto eu.

A doutora seguiu com o exame e, ao terminar, saí da sala agarrando Julie pela cintura e a ergui, girando no meio do corredor do hospital. Meu peito parecia querer explodir de tanta felicidade. Não estava acreditando.

Mesmo depois de tudo que passei, estava sendo abençoado com uma família linda que começou a se formar. Sei muito bem que inicialmente fui rude com a Julie, mas graças a Deus ela foi paciente o bastante para me dobrar ao meio e me fazer reconhecer que deveria mudar. Agradecia grandemente pela oportunidade que tive de conhecê-la e tê-la como esposa, mais ainda pelos nossos bebês, verdadeiras bênçãos que ainda estavam sendo geradas em seu ventre.

Naquele momento, me senti um puta de um sortudo.

FIM!

CONHEÇA OS OUTROS DA SÉRIE: VIÚVOS INTENSOS



LIVRO
02

VIÚVO
arrogante

MARTA VIANNA

SÉRIE: VIÚVOS INTENSOS

Viúvo Arrogante - LIVRO 2 (SÉRIE VIÚVOS INTENSOS) – AUTORA: MARTA VIANNA

CONTÉM PITADA HOT.

SINOPSE

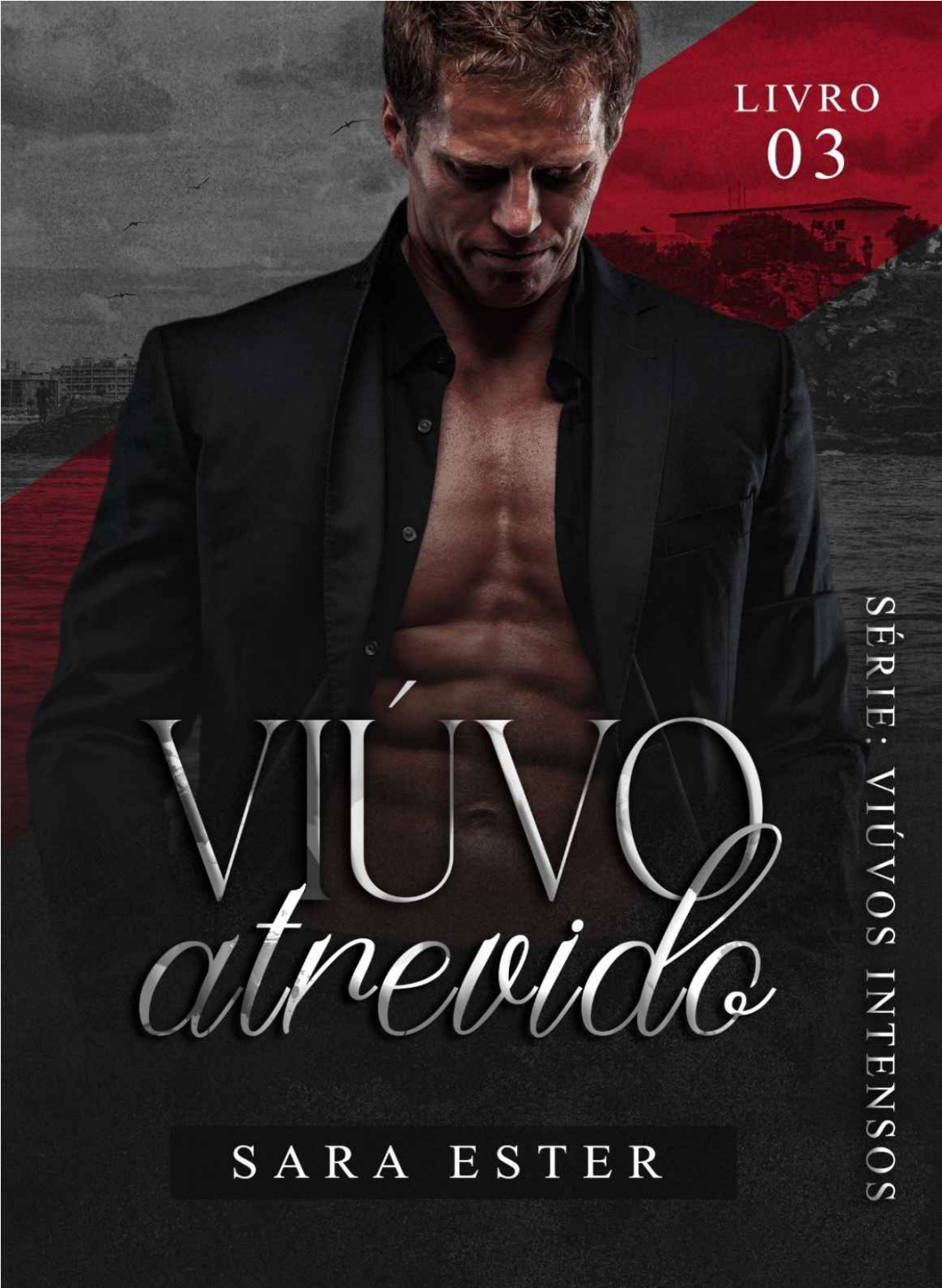
Aos trinta e seis anos, MIGUEL SOLANO é um pintor de quadros em ascensão onde mora. Há alguns anos, ele teve uma grande reviravolta na sua vida, algo que o fez se isolar, tornando-o sério, controlador e arrogante.

AYSHA MATOS é chef de cozinha recém-formada e ama a sua profissão. Após uma decepção em seu último relacionamento, ela se muda para uma cidade desconhecida, de modo a começar uma nova vida. Ao se instalar em seu novo destino, se depara com

um anúncio no jornal para uma vaga de chef de cozinha na casa de um artista renomado e não pensa duas vezes ao se candidatar.

Dois mundos completamente opostos entrarão em um verdadeiro atrito, afinal de contas, ela é divertida, e ele, um arrogante.

**Viúvo Atrevido - LIVRO 3
(SÉRIE VIÚVOS INTENSOS) –
AUTORA: SARA ESTER**



LIVRO
03

VIÚVO
atrevido

SARA ESTER

SÉRIE: VIÚVOS INTENSOS

CONTÉM PITADA HOT.

SINOPSE

Arrogante e grosseirão.

Esses eram os dois adjetivos mais usados quando se referiam a Ravi Foster, o grande CEO da empresa Dream Architecture.

A dor pela recente perda da esposa amada destruiu completamente seu coração, tornando-o solitário, mesmo estando rodeado por uma multidão. Nem seu único filho conseguia arrancá-lo do limbo causado pelo luto.

Aos quarenta anos, Ravi carregava um longo histórico de lutas e conquistas, que inspirava alguns jovens arquitetos, como acontecia com Chloe Moore, a garota que era tão atrevida quanto ele.

Ela não deveria, mas mexia com ele de um jeito diferente e, isso começou a tornar as coisas confusas em sua mente, visto que ainda sofria pela perda da esposa.

A petulância de Chloe começou a instigá-lo a algo mais... o que foi se transformando em uma relação perigosa, sobretudo, pelo detalhe gritante da diferença de idade entre eles.

É possível um coração ferido se curar com um novo amor?

AGRADECIMENTOS:

Agradeço a Deus por mais uma obra concluída.

Quero agradecer imensamente a minha revisora Mariana Rocha por sempre ser essa profissional extremamente dedicada e que embarca nos meus prazos loucos. Se não tivesse a sua ajuda, não conseguiria concluir tudo dentro do prazo. Muito obrigada, do fundo do meu coração.

Deixo um agradecimento especial às autoras Sara Ester e Marta Vianna, que se juntaram a mim para desenvolver mais uma série maravilhosa. Também a minha beta Claudiane Maria que vem me ajudando há alguns trabalhos, dando-me sugestões para o melhoramento da história;

Às meninas da Assessoria CrazyForHotBooks por sempre me auxiliarem.

As minhas divulgadoras, gratidão!

Ao meu marido. Te amo.

No mais, sou grata a todos os meus leitores, que são o motivo de eu continuar trilhando esse meio e criando cada vez mais histórias para entretê-los.

Obrigada a você que chegou até aqui.

GRATIDÃO!

OUTRAS OBRAS DA AUTORA:

[✱ BOX \(3em1\) SÉRIE MINHA DOCE](#)

[✱ MINHA DOCE PROTEÇÃO \(Livro 1- Duologia Minha doce\)](#)

[✱ MINHA DOCE SALVAÇÃO \(Livro 2- Duologia Minha Doce\)](#)

[✱ AROMA DA LIBERDADE \(Spin off da Duologia Minha doce\)](#)

[✱ SUBITAMENTE SUA \(Livro único\)](#)

[✱ MILAGRE INESPERADO \(Livro único\)](#)

[✱ SÚBITA ATRAÇÃO \(Conto Hot parceria com a autora Geysielle Patrícia\)](#)

[✱ NÃO ABRIREI MÃO DE VOCÊ \(Conto\)](#)

[✱ QUERO MINHA FAMÍLIA DE VOLTA \(Conto\)](#)

[✱ NOS BRAÇOS DO PECADO \(Conto Hot +18\)](#)

[✱ UMA SURPRESA NATALINA \(Conto\)](#)

[✱ BOX: Coletânea de Romances \(5 contos em 1\) - Volume 1](#)

[✱ BOX: Coletânea de Romances \(2 CONTOS EM 1\) -
Volume 2](#)

[✱ ANJO MEU \(Conto\)](#)

[✱ SURPRESA DE AMOR \(Conto\)](#)

[✱ ADORMECIDO \(LIVRO ÚNICO\)](#)

[✱ MEU CEO \(LIVRO ÚNICO\)](#)

[✱ PARA SEMPRE MEU CEO - Conto Especial do Dia dos
Namorados do livro Meu CEO](#)

[✱ A Tentação do CEO \(SPIN OFF do livro Meu CEO\)](#)

✱ GRÁVIDA POR ACASO (Noveleta)

✱ BOX CEO's (3 E-books em 1)

✱ NOITE TÓRRIDA (Noveleta)

✱ O CEO E A VIRGEM (CONTO 1 +18)

✱ BOX CEO: O CEO e a Virgem (Conto I) e A Inspiração do
CEO (Conto II) +18

✱ RENASCIDA PELO AMOR - LIVRO ÚNICO

✱ PROMETO TE AMAR (SPIN OFF DO LIVRO RENASCIDA
PELO AMOR)

✱ ATREVIDO

✱ O VIÚVO PROTETOR

✱ BOX 2 EM 1 - RENASCIDA PELO AMOR + PROMETO TE
AMAR

✱ A AMIGA, O CHEFE E O BEBÊ – LIVRO 2 (SÉRIE:
CHEFE & BEBÊ)

✱ MEU ODIÁVEL PEÃO – LIVRO ÚNICO (ESCRITO EM
PARCERIA COM A AUTORA SARA ESTER)

✱ CONQUISTADA PELO BILIONÁRIO – LIVRO (SÉRIE:
BILIONÁRIOS IRRESISTÍVEIS)

✱ O ADVOGADO

✱ VINGANÇA PREMEDITADA – LIVRO 2 (SÉRIE:
CONTRATO DE CASAMENTO)

TODAS DISPONÍVEIS EM E-BOOKS NA AMAZON

REDES SOCIAIS:

[INSCREVA-SE PARA RECEBER NOTÍCIAS EM PRIMEIRA MÃO
SOBRE MEUS LIVROS E NOVOS LANÇAMENTOS](#)

[WATTPAD](#)

[INSTAGRAN](#)

[FACEBOOK](#)

[PÁGINA NO FACE](#)

[GRUPO NO FACEBOOK](#)

[TWITTER](#)

[TIKTOK](#)